

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES MARTINS

**VIDA E ARTE: ACORDES NARRATIVOS DA COMPOSIÇÃO CULTURAL DE
PROFESSORES DE HISTÓRIA**

**UBERLÂNDIA- MG
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS –GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES MARTINS

**VIDA E ARTE: ACORDES NARRATIVOS DA COMPOSIÇÃO CULTURAL DE
PROFESSORES DE HISTÓRIA**

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Educação.

Linha de Pesquisa: Saberes e Práticas Educativas

Orientadora: Profa. Dra. Selva Guimarães

UBERLÂNDIA-MG
2019

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M386 2019	<p>Martins, Maria da Conceição Rodrigues, 1973- Vida e Arte [recurso eletrônico] : Acordes Narrativos da Composição Cultural de Professores de História / Maria da Conceição Rodrigues Martins. - 2019.</p> <p>Orientador: Selva Guimarães. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós- graduação em Educação. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2360 Inclui bibliografia.</p> <p>1. Educação. I. Guimarães, Selva, 1960-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Educação. III. Título.</p>
--------------	---

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 31/2019/221, Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED				
Data:	Vinte e sete de agosto de dois mil e dezenove	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:45
Matrícula do Discente:	11613EDU056				
Nome do Discente:	MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES MARTINS				
Título do Trabalho:	"VIDA E ARTE: ACORDES NARRATIVOS DA COMPOSIÇÃO CULTURAL DE PROFESSORES DE HISTÓRIA"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Saberes e Práticas Educativas				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"OBSERVATÓRIO DO ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA EM MINAS GERAIS: políticas públicas, formação docente e produção de conhecimentos (2009 -2017)"				

Reuniu-se no Anfiteatro/Sala 1G129, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Jane Bezerra de Sousa - UFPI; Marcos Antonio da Silva - USP; Astrogildo Fernandes da Silva Júnior - UFU; Iara Vieira Gonçalves - UFU e Selva Guimarães - UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Selva Guimarães, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos,

conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Selva Eliamar Guimarães, Usuário Externo**, em 27/08/2019, às 17:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Astrogildo Fernandes da Silva Junior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/08/2019, às 17:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Iara Vieira Guimarães, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/08/2019, às 17:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jane Bezerra de Sousa, Usuário Externo**, em 28/08/2019, às 00:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio da Silva, Usuário Externo**, em 23/09/2019, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1499351** e o código CRC **B599B677**.



*A elas, que impulsionam com alegria
minha potência de sentir,
Agir...ser:
Delmira Rodrigues Martins, **minha mãe**,
Maria Flor e Maria Vitória,
filhas...amadas,
Dedico.*



AGRADECIMENTOS

Agradecer também é um modo de louvar, pensar de forma grata no processo de composição do estudo, que foi tecido com os mais diferentes ritmos, cores e texturas; moveu-se como uma dança, por vezes, valsa, outra vezes, xote. Mas o bom mesmo, foi cantar o samba que diz que o melhor palco é a vida, lugar em que nunca nos encontramos sós, por mais que pareçamos estar. Por isso deve-se reconhecer que esse processo solitário da escrita nasce da intercessão e apoio de outras tantas pessoas, dos mais variados encontros. Pelos bons encontros eu louvo e agradeço.

Agradeço o afeto que se fez presente de muitas maneiras durante todo o caminho percorrido, presente nas colaborações, na torcida mais sincera, nas acolhidas, na palavra amiga que aquece e aquieta o coração, entre um café e um abraço, entre uma escrita e um riso.

Agradeço os amigos que me acompanham na vida e na academia, dividindo conhecimento, alegria, vida e arte. Tenho a alegria de ter muitos, por isso louvo!

Pela orientação competente e afetuosa, agradeço à minha orientadora – Selva Guimarães; orientação que se estendeu para além da tese, sendo apoio intelectual e emocional, meu mais sincero obrigada.

Aos professores da Pós-Graduação em Educação, que integraram esse valoroso projeto interinstitucional, meu agradecimento. Afirmo que todos contribuíram de forma consistente, não apenas para a concretização da tese, mas, sobretudo, para minha formação intelectual.

Minha gratidão aos professores que participaram da Banca de Qualificação, Elenita Queiroz e Carlos Henrique de Carvalho, por tão relevantes indicações.

Aos queridos amigos da Universidade Federal do Piauí, especialmente: Ada Raquel, Maria Cézar e Lucélia, Márcia Marques, minha amizade e gratidão.

À Mirly Alves, por ter-se feito mãe e irmã de Maria Flor e Maria Vitória. Não há palavra para expressar tamanha dedicação. Para sempre serei grata.

A Luísa Xavier de Oliveira, pela adoção como irmã, fiel e leal amiga, por vezes, mãe substituta de minhas Marias.

Aos professores de História que atuam na região de Picos/Piauí, que generosamente abriram seus baús de narrativas.

Aos amigos da República Piauí, na cidade de Uberlândia, Romildo, Fábio, Penha e Geraldo, por compartilharem leituras, chás, cafés, alguns desafios e muitas risadas. Em especial, agradeço a Grasiela Coelho, amiga para uma vida inteira.

À Capes, pela concessão da bolsa de estudos durante o estágio doutoral, meu agradecimento.

Aos membros de minha família, que sempre oram e torcem por mim, em especial, as mulheres fortes que me cercam e me protegem: Maria do Carmo, Dinha, Socorro e Maria José. Em nome delas, ressalto a importância das mulheres da família Martins em minha trajetória de vida e de arte.

Eliseu Moura, pai de minhas Marias, pessoa que apoiou e torceu muito pela concretização desse sonho, meu muito obrigada.

Ao cunhado, pai, amigo Manoel Feitosa de Araújo *in memoriam*, por ter-me ensinado, oportunizado amar o mundo fantástico da literatura.

Às Marias de minha vida, Flor e Vitória, amor que me impulsiona pelos caminhos do bom, do belo e do justo.

Tratado da beleza do ínfimo

*A poesia está guardada nas palavras — é
tudo que eu sei.*

*Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades (...).*

Manoel de Barros

RESUMO

O estudo parte do pressuposto de que a arte, em suas variadas linguagens, afeta nossa construção humana e compõe, de forma multidimensional, a nossa formação/composição docente e cultural. Defende a presença da experiência estética como forma de ampliação do universo cultural do professor de História, considerando o seu papel de agente cultural nos espaços de educação formal. Nessa condição de agente de conhecimento e de cultura, há possibilidades de nutrir seus educandos nos mais diversos espaços educativos, para além dos conteúdos cognitivos. Partindo desse pressuposto e de minhas próprias vivências no campo da arte e da docência, o objetivo geral desse estudo buscou registrar e compreender, a partir das narrativas de vida de docentes de História, os modos como as experiências/afecções de beleza, ocorridas nos diversos tempos e espaços, integram a composição da identidade pessoal e profissional de professores de História. A investigação traz uma abordagem qualitativa que se assume como pesquisa narrativa, tendo como aporte teórico os estudos de Benjamim (2012), Portelli (1996); Clandinin e Connelly (2015); Duarte Jr. (1998), Espinosa (2009); Larrosa (2002), Nogueira (2008), Nóvoa (1992), Sacristan (1999); Snyder (1988); Tardif (2008), dentre outros. As narrativas foram colhidas, construídas com professores de História, atuantes em Picos/Piauí nos anos 2018 e 2019, licenciados em História e Pedagogia. Nas narrativas destacou-se o reconhecimento da força pedagógica da investigação narrativa como espaço de autoconhecimento, de reflexão e de formação docente – um processo que concede *status* de valor à dimensão da experiência como parte integrante e relevante dos saberes da docência. Evidenciou-se o conhecimento da arte como dispositivo que autoriza encontros na existência humana, colaborando positivamente com a potência do agir. Concluiu-se o quão relevante é o estímulo às vivências estéticas na formação de professores. Nesse aspecto, os espaços educativos formais podem assumir o compromisso social, ético e estético de ir além da transmissão do conhecimento cognitivo/sistematizado e também assumir o lugar de desenvolvimento de sensibilidades, de sentidos que possibilitam as atividades de fruição da arte. Não se trata de uma tarefa simples, mas constitui, sim, um desafio daqueles que atuam no campo da formação de professores. As narrativas revelaram que o contato, as vivências com a arte, contribuem sobremaneira com a composição de sujeitos criativos, críticos, sensíveis capazes de gerar um ciclo ativo, propositivo nos espaços de formação humana. Por fim, os estudos empreendidos reconheceram-se nas linguagens da arte, bem como na pesquisa narrativa – dispositivos de fortalecimento da formação dos docentes que atuam no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História.

Palavras-chave: Professores de História. Experiência e Arte. Composição Cultural.

ABSTRACT

The study is based on the assumption that art, in its various languages, affects our human construction, and that it thus contributes, in a multidimensional way, to our teaching/cultural formation. It defends the aesthetic experience as a way of expanding the History teacher's cultural universe, considering its role as a cultural agent in the spaces of formal education. As an agent of knowledge and culture, the History teacher could teach its students beyond the cognitive contents in the most diverse educational spaces. Based on this assumption and on my own experiences in the field of art and teaching, the main objective of this research was to comprehend how the experiences/affections of beauty integrate the composition of the personal and professional identity of History teachers from the Microregion of Picos - PI. The studies of Benjamim (2012), Duarte Jr. (1998), Espinosa (2009), Snyder (2012), Larrosa (2002), Nogueira (2008 History teachers (graduated in History or Pedagogy) working in Picos/Piauí, in the years of 2018 and 2019. The narratives highlighted the pedagogical force of the narrative research as a space for self-knowledge, reflection and teacher training, reinforcing the dimension of experience as an integral and relevant part o), Portelli (1996); Clandinin e Connely (2015) Nóvoa (1992), Sacristan (1999), Tardif (2008), among others, were the theoretical background that base this qualitative research as a Narrative Research. The narratives were collected-constructed from f the teaching knowledge. The teachers' narrative recognized the knowledge in art as mediator for human encounters, collaborating positively with the acting power and showing the importance of stimulating aesthetic experiences in the formation of teachers. Towards this, the spaces of formal education should assume the social, ethical and aesthetic commitment to go beyond the simple transmission of cognitive/systematized knowledge. These places should assume their roles in the development of sensitivities and senses, enabling activities of art appreciation. This is not a simple task, but a challenge for those who work in the field of teacher education. The narratives showed that artistic experiences contribute greatly to the formation of creative, critical and sensitive subjects. These are capable of generating an active and propositive cycle in the spaces of human formation. Finally, the studies undertaken recognized in the languages of art, as well as in narrative research, a device for strengthening the formation of teachers involved with the process of teaching and learning History.

Keywords: Experience and Art. Cultural Composition. History Teacher.

RESUMEN

El estudio parte del presupuesto de que el arte, en sus variados lenguajes, afecta nuestra construcción humana, que compone de una forma multidimensional a nuestra formación/composición docente y cultural. Defiende la presencia de la experiencia estética como forma de ampliación cultural del profesor de Historia, considerando su papel de agente cultural en los espacios de educación formal. En esta condición de agente de conocimiento, de cultura, hay la posibilidad de nutrir sus educandos en los más diversos espacios educativos, para más allá de los contenidos cognitivos. Partiendo de este presupuesto y de mis propias vivencias en el ámbito del arte y la docencia, el objetivo general de este estudio fue registrar, conocer, a partir de narrativas de vida de docentes de Historia, de qué modo las experiencias/afecciones de la belleza, ocurridas en los diversos tiempos y espacios, integran la composición de identidad personal y profesional de estos profesores que actúan en la Micro Región de Picos, PI. Una investigación de abordaje cualitativa que se asume como Investigación Narrativa teniendo como aporte teórico los estudios de Benjamim (2012), Espinosa (2009); Duarte Jr. (1998), Snyder (1988); Nogueira (2008), Portelli (1996) Clandinin e Connely (2015), Tardif (2008), Sacristan (1999); Larrosa (2002;), Nóvoa (1992), de entre otros. Las narrativas fueron colectadas junto a profesores que poseen formación en el campo de Historia trabajando en Picos / Piauí en 2018 y 2019, graduadas en Historia y Pedagogía que actúan junto a la disciplina de Historia en los diversos niveles de enseñanza. Entre los hallazgos de la investigación se destaca el reconocimiento de la fuerza pedagógica de la investigación narrativa como espacio de autoconocimiento, de reflexión y de formación docente, un proceso que concede status de valor a la dimensión de experiencia como parte integrante y relevante de los saberes de la docencia. Otro hallazgo importante de esta investigación es el reconocimiento del arte como dispositivo que posibilita buenos encuentros en la existencia humana colaborando positivamente con la potencia de actuar, lo que nos hace concluir que es relevante el estímulo a vivencias estéticas en la formación de profesores. En este aspecto, los espacios educativos formales pueden asumir el compromiso social, ético y estético de ir más allá de la transmisión del conocimiento cognitivo/sistematizado, para también asumir el lugar de desarrollo de sensibilidades, de los sentidos, que posibilitan las actividades de disfrute del arte. Las narrativas colectadas revelan que el contacto a vivencias con el arte, contribuyen de sobremanera con la composición de sujetos creativos, críticos, sensibles capaces de generar un ciclo activo, propositivo en los espacios que trabajan con la formación humana. Por fin, a partir de los estudios emprendidos es posible reconocer en los lenguajes del arte, bien como en la investigación narrativa, que son dispositivos de fortalecimiento de la formación, composición docente que actúan junto a la disciplina de Historia.

Palabras clave: Profesores de historia. Experiencia y Arte. Composición Cultural.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO I – FOTOGRAFIAS E QUADRO

Fotografia 1 - Porta bandeira do bloco Tykerê.....	30
Fotografia 2 - Oficinas de narrativas e mandalas.....	36
Fotografia 3 - Oficina o corpo fala I.....	37
Fotografia 4 - Oficina o corpo fala II.....	37
Fotografia 5 - Espetáculo Tom Brasil.....	38
Fotografia 6 - Serra da Capivara- Boqueirão da Pedra Furada.....	86
Fotografia 7 - Imagem do Museu Ozildo Albano.....	92
Fotografia 8 - Catedral de Nossa Senhora dos Remédios.....	94
Fotografia 9 e 10 - Mercado Público de Picos-PI.....	95
Fotografia 11 – Picos: visão noturna.....	96
Fotografia 12 - Teatro na sala de aula.....	102
Fotografia 13 - Feira Cultural escolar.....	106
Fotografia 14 e 15 - Viagens internacionais do pai do professor Patativa....	110
Fotografia 16 - Mãe do professor Patativa.....	113
Fotografia 17 - Troféu de porta bandeira.....	123
Fotografia 18 e 19 - Teatro na Universidade.....	128
Fotografia 20 - Peça teatral.....	138
Fotografia 21 - Grupo Tempus – UFPI- CSHNB.....	141
Fotografia 22 – Atuação do Grupo Tempus.....	143
Quadro 1 - Municípios que pertenciam à cidade de Picos até os últimos anos do Século XX.....	90

LISTA DE ILUSTRAÇÃO II – IMAGENS E FIGURAS

Imagem 1 - Panfleto e Cartaz - Dia Mundial do Teatro.....	33
Imagem 2 - Mapa do Brasil – Divisão Política dos Estados Brasileiros.....	83
Imagem 3 - Visão panorâmica da cidade Teresina-PI.....	85
Imagem 4 - Produção de mel em Simplício Mendes e Picos-PI.....	88
Imagem 5 - Mapa do Piauí – Divisão política.....	89
Imagem 6 - Cidades que integravam o território de Picos.....	91
Imagem 7 - Visão panorâmica da cidade Picos.....	93
Imagem 8 - Folder da XXV Semana da Juventude de Ipiranga – PI.....	100
Imagem 09 e 10 - Produção dos alunos do professor Simpson.....	108
Imagem 12 - Escritos do pai da professora Frida.....	133
Figura 1 - Ser Professor de História.....	49
Figura 2 - Cartaz do projeto Literatura em Cena.....	140
Figura 3 - Cartaz do Projeto Sarau “Con vida”.....	142
Figura 4 - Cartaz II Mostra Tempus de Teatro.....	143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIRD- Banco Interamericano de Desenvolvimento

BR- Rodovias federais brasileiras

CREDE 13- Coordenação Regional de Educação do Estado do Ceará

CSHNB- Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

FAEC- Faculdade de Educação de Crateús

FECULT- Festival Cultural do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

FESTAL- Festival de Talentos das Escolas Públicas do Estado do Ceará

FESTEC- Festival de Talento Estudantil de Crateús

LEO- Liderança Experiência e Oportunidade

PPA- Plano Plurianual

PNE- Plano Nacional de Educação

PROARES- Programa de Apoio às Reformas Sociais

NAEC- Núcleo de Arte Educação e Cultura

PDS- Partido Democrático Socialista

PNE- Plano Nacional de Educação

LDBEN- Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

UFPI- Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

MEMORIAL - HÁ UM PASSADO NO MEU PRESENTE: A ARTE QUE HABITA EM MIM	13
INFÂNCIA, FAMÍLIA E ESCOLA.....	15
1 INTRODUÇÃO	38
1.1 DELINEANDO O TEMA, PROBLEMA, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS.....	38
1.2 TRILHA METODOLÓGICA.....	43
1.2.1 Pesquisa Narrativa- Método de pesquisa.....	52
1.3 PARTITURAS DA TESE.....	59
2 A EXPERIÊNCIA E ARTE: ELEMENTOS FORMATIVOS DO PROFESSOR\PESSOA E DA PESSOA\PROFESSOR	61
2.1 O CONCEITO DE ARTE ASSUMIDO NESSA PESQUISA.....	68
3 O LUGAR E O TEMPO DA VIDA VIVIDA: NARRATIVAS DE PROFESSORES DE HISTÓRIA	79
3.1 PICOS: O PALCO DAS NARRATIVAS.....	85
3.2 AS NARRATIVAS DE PROFESSORES DE HISTÓRIA AFETADOS PELA ARTE.....	95
3.2.1 Professora Tarsila.....	96
3.2.2 Professor Sipsom.....	104
3.2.3 Professor Patativa.....	109
3.2.4 Professor Vicente.....	119
3.2.5 Professora Frida.....	129
3.2.6 Professor Robson.....	135
4 FALANDO DA VIDA EM RÉ MAIOR: POTENCIALIDADES DA ARTE E DA PESQUISA NARRATIVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	144
4.1 O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA.....	152
4.2 O LUGAR DA ARTE NA COMPOSIÇÃO DA IDENTIDADE DO SER PROFESSOR DE HISTÓRIA.....	157
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: VIDA, ARTE, PROFISSÃO	

PROFESSOR: NOTAS REFLEXIVAS..... 163

REFERÊNCIAS..... 169

APÊNDICES

APÊNDICE A – CONVITE AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

APÊNDICE B– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E

ESCLARECIMENTO

APÊNDICE C– ROTEIRO DA ENTREVISTA

MEMORIAL¹

HÁ UM PASSADO NO MEU PRESENTE: A ARTE QUE HABITA EM MIM

Há algum tempo, venho pensando sobre a importância da arte, sobre a presença de artefatos culturais no fazer docente nos diversos níveis de ensino, tanto os que integram a Educação Básica quanto os que fazem parte do Ensino Superior, analisando os momentos formativos que ela pode propiciar.

Também tenho pensado sobre a trajetória de alguns professores artistas ou apreciadores da arte que propõem a realização de um trabalho diferenciado no campo educativo, um trabalho que sugere a vivência de experimentos estéticos, a presença da beleza e, por conseguinte, a presença da alegria no que denominamos processo de ensino-aprendizagem; tornando-o mais leve, no sentido de considerar as emoções presentes no processo. Estudar, aprender e ensinar por meio da arte, com a presença desta, acrescenta ao processo que alia professores e alunos o sentimento da alegria, nutrindo-os culturalmente, conforme Snyder (1988).

Reconhecemos a escola como espaço de formação intencional e formal, equipado para trabalhar a educação dentro dessa perspectiva da organização do planejamento sistemático, mas que não abre mão da participação, da satisfação dos sujeitos aprendentes. Noutras palavras, defendemos a ideia de uma ação docente que se movimenta entre rigor científico e a satisfação cultural dos educandos – procedimento que exige participação, alegria do grupo que se propõe a ensinar e a aprender de forma coletiva.

A trajetória das pessoas que agem, que trilham por estes caminhos chama nossa atenção. Alguns deles são amigos próximos, companheiros de professoralidade, outros, de palco e versos. Pensando nessa travessia, passei a pensar sobre o meu próprio percurso de vida pessoal e acadêmico, sobre minha base familiar, sobre a infância e a escola, sobre os lugares e os amigos, sobre a formação no campo da arte e no campo acadêmico. Passei a pensar e aqui registrar minhas memórias, minhas vivências que foram/são afetadas, tocadas pela beleza da arte.

¹ A escrita do memorial foi realizada na primeira pessoa do singular; os demais textos da tese, na primeira pessoa do plural.

Por essa trilha, busco compreender, saber mais da arte que habita em mim, de que maneira ela pousou e pousa, como sobrevoa as minhas memórias e as minhas ações cotidianas. Para saber dessa condição de ser e ter abrigo para a arte, preciso falar de quem eu sou, falar de saudade, de como me vejo e me constituo no mundo, falar da minha família, da minha infância, da escola, dos espaços por onde andei, das ruas onde morei, das cidades que me propuseram diversas experiências; preciso falar de muitas vivências, para melhor compreender a minha constituição enquanto sujeito da educação, da profissional que tenho me tornado e dos sentimentos que envolvem esse desenvolvimento pessoal e profissional.

“Na parede da memória”² também há encontro e reencontros. Amparada por uma linguagem metafórica, esse momento de buscar as memórias é ter coragem de mergulhar em lagos rasos, por vezes profundos, de nossas lembranças. O mergulho não deixa de ser um banho de saudade e coragem, sobretudo quando nos deparamos com o que nos marcou profundamente. Ex-pe-ri-ên-cia.

Se, para Larrosa (2002), a experiência é o que nos toca desde sempre, fui emocionalmente tocada por manifestações da arte. A dança na escola, o rádio que tocava em casa, enquanto minha mãe e irmãs cantarolavam, o teatro no catecismo do bairro e a literatura aguçaram meu olhar sobre o mundo e sobre as pessoas, despertando em mim alegrias extraordinárias. Posso afirmar que sou alguém que muito cedo teve acesso a ricas experiências estéticas, portanto fui afetada positivamente pela beleza.

Há em minha memória a alegria desses acontecimentos que me afetaram – uma alegria que é cultural, uma alegria que desejo imensamente dividir com todos com quem convivo, carregando em mim o desejo de que outras pessoas também sejam afetadas³ pela música, pela literatura, pelo teatro, pela beleza do pôr-do-sol, (gosto de fotografar o pôr-do-sol). Esse desejo de partilha advém do desejo de que a exultação se torne coletiva, embora haja a individualidade nos modos de olhar e sentir.

Na seção seguinte serão apresentadas minhas memórias da infância, da minha base familiar.

² Como Nossos Pais – Belchior. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/elis-regina/como-nossos-pais.html>. Acesso em 28 de março de 2018

INFÂNCIA, FAMÍLIA E ESCOLA

Nasci em 11 de maio de 1973, na cidade de Crateús, no estado do Ceará. Crateús é uma cidade sertaneja que já pertenceu ao estado do Piauí. É marcada pela riqueza cultural e por um certo engajamento político de sua juventude, sobretudo, da que conviveu e/ou é herdeira das ideias do bispo paraibano Dom Antônio Fragoso, adepto da Teologia da Libertação, que conduziu a Igreja naquela região por 34 anos (1964-1998). No bairro em que morávamos havia a sede comunitária onde aconteciam diversos encontros, palestras, momentos de oração. Lembro que a construção dessa sede está ligada às ações empreendidas por D. Fragoso, que trabalhava com as Comunidades Eclesiais de Base - CEBs⁴.

Dom Antônio Batista Fragoso⁵ foi um expoente para os sertões crateuenses, deixando um legado cultural relevante, dentro da perspectiva da teologia da libertação. Chegou em 1964, influenciando várias gerações, foram mais de três décadas incentivando grupos culturais, politizando jovens e adultos, um incentivador da busca pelos direitos humanos, algo marcante para a formação da juventude na minha cidade. Eu era uma criança ainda, mas frequentava o catecismo que era conduzido por esses jovens que seguiam as ideias de D. Fragoso.

Sou a décima filha de uma família matriarcal. Meu pai, Francisco Martins, ferreiro de profissão, agricultor nas horas possíveis, faleceu quando eu tinha apenas quatro anos de idade. As lembranças que tenho dele relacionam-se com sua serenidade, com os passeios de bicicleta no final da tarde, com seu trabalho na oficina que ficava ao lado de nossa casa, sempre cheia de amigos, rapazes e homens mais maduros, que conversavam alegremente. Minha mãe, Delmira Rodrigues Martins, sempre foi mais vigorosa e rigorosa. Na condição de viúva, assumiu de forma corajosa a criação e a condução da educação dos dez filhos.

⁴ CEBs são grupos de cristãos leigos, que se reúnem periódica e regularmente em casa de famílias ou em centros comunitários, para ouvir, estudar a palavra Deus e comunitariamente assumir a condução e organização da própria comunidade. Esses grupos seguem preceitos cristãos, sob a orientação da Igreja Católica.

⁵ Dom Fragoso foi Bispo da Diocese de Crateús durante 34 anos, de 1964 a 1998. Defensor dos princípios da teologia da Libertação, notabilizou-se pelo trabalho pastoral junto aos pobres e trabalhadores rurais. No período da ditadura combateu severamente as atrocidades cometidas pelos militares, solidarizando-se com as vítimas do regime militar e denunciando no exterior as torturas praticadas contra os presos políticos - Jornal Diários do Nordeste- Cidade- Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade>. Acesso em 10 de janeiro de 2018

Minhas irmãs mais velhas cuidavam dos irmãos caçulas. Maria José era a irmã que cuidava de mim enquanto minha mãe trabalhava vendendo produtos da AVON⁶ durante toda a manhã. Com minha irmã/mãe, ganhei outro nome: “Nêga”, assim mesmo, com acento. Ela me disse que eu chorava muito e demorava para dormir, quando então ela me dizia “dorme Nêga”; ao me chamar para comer, “vem Nêga”. Fui crescendo assim, sendo a Nêga. Com ele sigo, e confesso que gosto, pela sua representatividade tanto na esfera afetiva, quanto na esfera da identidade de raça, pois ratifica, de certo modo, minhas ancestralidades.

Da minha infância, lembro que meu irmão Antônio José, o caçula dos homens, tinha uma banda de lata, com instrumentos que ele mesmo confeccionava. Junto com ele, eu cantava, dançava, fazíamos muito barulho no quintal com amigos da vizinhança e minha sobrinha, já que fui tia aos dois anos de idade. Cantar e dançar com banda de lata era uma das minhas brincadeiras prediletas. Sempre gostei de música, e de dança. Na verdade, sempre sonhei em ser bailarina, mas as condições concretas não me permitiram a realização desse sonho, na perspectiva clássica. Realizei de outro modo.

Como só fui à escola aos 06 anos de idade, acredito que o processo de socialização na infância tenha ocorrido entre este grupo: de irmãos, de irmãs, de primos, de primas, de tios, de tias e de muitos amigos. As casas nas quais morávamos tinham visitas que eram recebidas pelo bom humor de uma família que sempre gostava de cantar, dançar, contar histórias, dividir memórias, piadas, compartilhar pão e riso.

Desde cedo percebia, na minha terra, atividades artísticas que me encantavam: os blocos carnavalescos, maracatus de meados da década de 1980. Lembro-me que ficava encantada ao ver o desfile daqueles blocos, as fantasias bonitas, as músicas, os batuques. Tudo isso, de certa forma, já me seduzia. Participei de grupos de teatro junto ao catecismo que eu frequentava, encenei peças de cunho religioso.

⁶ Empresa internacional de cosméticos com sede e representação no Brasil. “A Avon opera desde 1958, comercializando produtos em todo o território nacional. Atualmente, o país representa a maior operação da companhia e detém sua maior força de vendas. A empresa está sendo adquirida pela pelo grupo Natura & Co em uma operação de troca de ações. De acordo com o site da empresa a combinação cria o quarto maior grupo exclusivo de beleza no mundo. A conclusão da operação está prevista para o início de 2020. Fonte: <https://www.avon.com.br/novidades/destaques/natura-e-avon-> Acesso em 13 de julho de 2019

Com essa moldura fui me constituindo, sempre me realizei nas danças da escola, nas apresentações dos chamados dramas que a “meninada” da rua realizava no próprio bairro onde morávamos. Juntávamos um grupo de amigos para apresentações de teatro e de dança, na Rua Padre Macêdo ou na animada rua 13 de Maio, no Bairro Fátima I. Era sempre uma alegria. O palco, as luzes, o som, as cortinas. Para mim, isso sempre foi uma grande diversão.

Além do catecismo, dessas atividades culturais, minha mãe sempre incentivou os estudos, embora, ironicamente, a escola tenha se mostrado de forma severa para ela. Crescemos ouvindo-a dizer que a escola era o melhor lugar para aprender, “para se tornar gente”. O que sei bem hoje é que ela sempre quis e sempre lutou pelo melhor para nós. Nem todos seguiram a vida acadêmica, mas todos temos uma boa profissão. Ela conseguiu: “nos fez gente”.

A fortaleza, inteligência de minha mãe, sempre nos fascinou. Crescemos com uma vida bem modesta, mas nunca nos faltou o básico. Ela trabalhava muito para que não faltasse nada em casa, para que tivéssemos os livros que na época ainda não eram disponibilizados pelo governo. Ela pagava alguns trocados a uma vizinha, para que esta nos ensinasse a tarefa de casa, aula de reforço. Sempre tínhamos fardamentos novos, livros novos, cadernos que deveriam ser usados com responsabilidade. Lembro ainda que ela sempre nos dizia para não estragar as folhas do caderno, mas sempre que faltava lápis e borracha ela comprava. Com o tempo, passamos a ajudar uns aos outros nas tarefas da escola. Tudo isso foi muito importante para mim, sobretudo no processo de alfabetização. Em Crateús, estudei até o 5º ano na Escola Estadual Santa Inês.

No início da década de 1980 era uma época em que não havia o nível de violência que temos, sobretudo nas cidades do interior nordestino. Lembro que aos 8, 9, 10 anos eu ia para a escola sozinha, tranquilamente. O bairro era calmo e ela, minha mãe, tinha certeza de que eu chegaria segura. Gostava de fazer as tarefas de casa imediatamente após o horário de aula na escola, queria concluir para poder ter tempo livre para pintar, poder desenhar, dançar, brincar com os amigos da rua – algo que só era permitido depois das atividades concluídas, pois a professora Bibi seguia a rigidez de minha mãe. Após a aula de reforço eu podia brincar à vontade.

Quando escuto a poesia *Ensino*⁷ de Adélia Prado, lembro desses fragmentos/ensinos de minha história. Outra forma de dizer: eu te amo.

Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo. Não é. A coisa mais fina do mundo é o sentimento. Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou comigo: "Coitado, até essa hora no serviço pesado". Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente. Não me falou em amor. Essa palavra de luxo.

Em 2019, com 81 anos, D. Delmira consegue verbalizar seu amor. Mas naquele período nos falava desse sentimento de outra forma, do seu jeito, provavelmente da maneira que foi ensinada pela minha avó. Falar de amor para a D. Delmira era não nos deixar faltar alimento, roupas, disciplina, escola e roupas novas no natal. Existem muitas formas de expressar sentimentos – hoje eu compreendo isso bem melhor. Os versos de Adélia Prado dizem muito de minha mãe, falam alto à minha subjetividade.

Sempre gostei de ouvir histórias, histórias reais, contos de fadas, piadas, anedotas; amava ouvir as histórias da infância da minha mãe. Lembro quando ela falava de suas idas à escola, da sua empolgação de parar no caminho da roça e pôr uma flor no cabelo para chegar bonita. Mas a escola que ela conheceu não lhe mostrou beleza, mostrou-se severa, perversa; mostrou-lhe palmatória, despertou constrangimentos e lágrimas. A escola fez minha mãe chorar. A escola com que ela sonhou não existiu para ela. Foi uma escola que humilhou e que, por isso, de lá ela fugiu e foi conhecer outras formas de aprender. Aos 11 anos de idade, na roça, na cozinha, no leito do rio, no mundo do trabalho, a escola da vida se apresentou para ela.

Além das histórias da minha mãe, lembro que, na rua em que morávamos, Rua 13 de Maio, havia uma senhora, a Dona Didi, que reunia diversas crianças para contar histórias fantásticas e encantadoras. Não sei se eram criações da D. Didi ou de livros a que ela tinha acesso, mas o que importava mesmo é que nos prendia, fascinava e ensinava.

Eu a escutava com tanta atenção, que, ao fim de cada história que era contada nos terreiros da rua, em mim ela continuava, povoava dias e dias meu imaginário. Recriava cenários, personagens, quase não conseguia dormir de tanto encanto, de

⁷ Jornal Poesia. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ad.html>. Acesso em 12 de janeiro de 2018

tanta paixão pela arte da contação de história. Queria replicar as histórias que eu ouvia, e contava para outros colegas que não tinham tido a chance de ouvir as fábulas e contos fantásticos de Dona Didi.

O meu interesse ia além do enredo. Seduzia-me a forma de se contar, os trejeitos, as falas, os sons, os tons de voz, pensar no cenário, nas vestimentas e indumentárias dos personagens... tudo era encantamento.

Histórias sempre me interessaram. O exercício da imaginação, da criatividade, desde cedo, se fez presente em meu viver.

Aos seis anos de idade, conheci o mundo da escola, o primeiro processo de socialização fora do espaço familiar. Fui à escola, para sala do Jardim de Infância na Escola Estadual Santa Inês, tendo como professora Francisca Maria. Com ela, conheci os chamados Clássicos Infantis, a gente escutava não por sua voz, mas pela vitrola em discos de vinil. Uma narrativa perfeita para se apreciar Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Os Três Porquinhos e o Patinho Feio. Essa sempre me chamava mais a atenção. Comovia-me sua dor, seu sofrimento e a culminância dele ao se perceber como um lindo cisne.

Histórias que me alegravam. Após a escuta atenta, logo em seguida, eu queria reproduzi-las em desenhos, transmitir para o papel as minhas impressões e emoções. Foi ali, naquele espaço, onde eu vi pela primeira vez o giz de cera e a tinta guache. Queria brincar com eles, escrever, pintar, exercitar a criatividade, transferir para o papel o que as histórias tinham despertado em mim. Nessa escola vivi um período muito feliz e de muitas amizades, de muitas descobertas.

Para a escola, levei de casa a paixão pela dança. Quando havia oportunidade, me integrava a essa atividade na escola. Na quarta série, com a professora Fátima, tínhamos a rigidez e a gentileza em um só ser. Me marcou bastante a forma com que ela conduzia o ensino de leitura, realizando momentos de leituras coletivas, leitura individual, leitura silenciosa. Eu aguardava com ansiedade a leitura coletiva, a leitura em grupo. Não sei para os demais, mas, para mim, era como se tivesse cantando em um coral, me esforçava para fazer a pontuação correta.

Fazer uma leitura bonita era a principal exigência da professora Fátima, por que se todos fizessem a pontuação correta, todos leriam dentro do mesmo ritmo. Soava como música para mim e era uma questão de honra não decepcionar a D. Fátima, fazer bonito sob a orquestra da professora de Comunicação e Expressão – assim chamávamos o ensino da Língua Portuguesa.

Na quinta série⁸, tive algumas dificuldades com matemática, porque eu gostava muito mesmo era de Língua Portuguesa, de Arte, de História, de Ciências. Essa última era um mundo de descobertas. A disciplina de Ciência me encantou até a sétima série⁹, aí vieram os cálculos do ensino de Química e Física, afastei-me da Ciência. Antes, ela se mostrava fascinante, aguçava minha curiosidade, criatividade. Penso que o afastamento tem relação com a mudança de professora, a primeira instigava essa alegria de se fazer descobertas, a professora seguinte agia de outro modo. Vieram os cálculos. Mudou meu modo de olhar. Tive dificuldades, nem sabia eu que os cálculos também eram ciência.

Em 1986, houve uma longa greve dos professores do estado do Ceará, uma greve, no então governo Gonzaga Mota¹⁰, que durou em torno de quatro meses. Foi nesse período, com quase treze anos, que eu mudei de cidade e fui morar na cidade de Nova Russas, a poucos quilômetros de distância de Crateús, de minha mãe e de meus outros irmãos. Minha mãe permitiu a viagem, por saber que não tinha condição de pagar uma escola privada e por saber que eu estava indo para um lugar seguro, para avançar nos estudos.

Em Nova Russas morava uma das minhas irmãs, Maria José, que havia casado e constituído família com Manoel Feitosa. Na verdade, foi uma adoção. Eles sempre fizeram o papel de pai e mãe. Desde o período em que namoravam, dispensavam cuidados a mim. Ele, maiormente, foi um tutor acadêmico e literário, a pessoa que mais me incentivou a prosseguir nos estudos. Veio dele o convite para morar com eles, para arcar financeiramente com a escola, desde que pudesse acompanhar de perto esse processo.

Na época, Manoel Feitosa (cunhado que se fez pai) trabalhava no Banco do Brasil/S.A. Para nossa realidade, era alguém que tinha condições de ajudar a gente, aliás, de algum modo ele sempre auxiliou minha mãe na condução e na educação dos meus irmãos. Comigo, essa ajuda ocorreu de forma mais intensa. Assim sendo, fui morar em Nova Russas, pequena cidade cearense, distante 65 quilômetros da

⁸ A quinta série, corresponde, de acordo a legislação brasileira vigente em 2019, ao quarto ano do ensino fundamental.

⁹ A sétima corresponde, de acordo a legislação brasileira vigente em 2019, ao sexto ano do ensino fundamental.

¹⁰ Governador do estado eleito pelo PDS Partido Democrático Social (PDS), que governou o estado de 1982 à 1986, apoiado por políticos conservadores denominados de “coronéis” da política cearense.

minha cidade de origem. Lá vivi minha adolescência e foi lá que eu tive o encanto, o encontro com a literatura universal, com o mundo da poesia.

Com a poesia eu tive a experiência estética mais intensa. Descobri que pela linguagem poética eu podia entender o mundo e falar do mundo de um modo que as palavras organizadas conforme a gramática, a linguagem convencional, não permitiriam. Com a poesia fui arrebatada pelo mundo da metáfora e pela capacidade sutil que ela tem de afetar os nossos sentimentos e de traduzir aquilo que as palavras organizadas sistematicamente não alcançam. Foi lendo poesia, me encantando, sendo tocada por ela, que ali, em Nova Russas, aos quinze anos, comecei a escrever minhas poesias.

Meu encontro com a poesia foi concomitante à literatura mais vasta e diversificada. Na biblioteca pessoal de Manoel Feitosa¹¹, tive acesso a um verdadeiro tesouro. Lá, eu pude ter acesso às obras de Machado de Assis, Jorge Amado, à literatura universal de Honoré de Balzac, de Júlio Verne, de Miguel de Cervantes, de Dante Alighieri, de Maquiavel.

Ali, naquele templo cultural, eu queria ler o máximo que podia. Mas foram os contos de Malba Tahan¹² que me fizeram ter vontade de escrever histórias. Lembro que tínhamos verdadeiros saraus em casa. O Manoel Feitosa reunia as crianças, eu e suas filhas (minhas sobrinhas-irmãs) e passava a noite nos contando os fantásticos contos de origem árabe ou de inspiração árabe de Malba Tahan. Chegávamos até a madrugada, atentas e cativadas com aquele mundo literário.

Estudava no “Colégio Vale do Curtume”, uma escola privada da cidade de Nova Russas. Lá fiz muitos amigos. Escrevi minha primeira peça de teatro. Escrevia cartas de amor para meus amigos, que se valiam da minha veia poética para conquistar as meninas da escola. Por esse feito, era presenteada. Nunca cheguei a cobrar pelas cartas, mas a verdade é que elas me renderam alguns mimos por parte dos apaixonados que requeriam as românticas cartas de amor. Ali, naquele lugar, de boas recordações, participei de danças e peças teatrais. A arte literária mais que

¹¹ Esposo da minha irmã Maria José, cunhado que se fez pai para mim, sobretudo no que diz respeito à formação cultural. Com ele e na biblioteca dele desenvolvi o gosto pelo mundo da leitura.

¹² Pseudônimo de Júlio César de Mello e Souza, professor e matemático, autor de vários livros que destacavam a cultura árabe. Dentre estas obras, a de mais destaque: O Homem que Calculava, que além de ter sido traduzido para várias línguas, vendeu mais de 2 milhões de exemplares só no Brasil e está na 42ª edição – Fonte: Biografias de professores brasileiros. <http://www.mat.ufrgs.br/~portosil/malba.html>. Acesso em 12 de julho de 2019

nunca se fazia presente na minha vida. Ao ler Morin (2003, p.45), compreendo melhor o que a poesia, a literatura, a arte fez e faz em mim.

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade – mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível. As artes levam-nos à dimensão estética da existência e – conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente. Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana.

Os professores que se distinguiram nesse período da adolescência têm a marca singular da arte em nosso convívio. Lembro do professor Haroldo, que lecionava matemática e sempre nos falava de suas poesias e do encanto da literatura; da professora de inglês, Dina Raquel, a mesma de Ciências, que trabalhava sempre com música nas aulas de inglês e experimentos científicos nas aulas de Ciência, método que muito chamava minha atenção.

Sobre a aula de arte que eu tinha, hoje posso dizer que ela era tecnicista, imitativa, tendo como proposta a reprodução de modelos que a professora trazia prontos. O engraçado é que mesmo assim, sob esse modelo, eu gostava de participar. Entretanto, as aulas de Educação Artística não me faziam tão feliz quanto as aulas de Inglês, Língua Portuguesa, Ciências e as de Matemática. Creio que isso tenha se dado devido à postura dos professores.

Nesse mesmo período, em plena adolescência, conheci a obra do artista Raul Seixas¹³, que me encantava com cada letra, com cada ritmo, com a inteligência e perspicácia, e a capacidade dialética de falar da vida, do mundo e das histórias que compõem esse mundo. Lembro-me de um dia em que eu estava em um banho de piscina em um clube da cidade e parei atentamente para ouvir a letra da música Ouro de Tolo¹⁴. Eu tinha 16 anos e comecei a perceber o mundo diferente a partir da letra dessa canção.

A partir desse episódio, busquei conhecer mais as letras do artista Raul Seixas. Escrevi cadernos, páginas e páginas. Na verdade, ao fim de um ano eu tinha três

¹³ Raul Seixas (1945-1989) foi um músico, compositor e cantor brasileiro, um dos grandes representantes do rock no Brasil. É conhecido por músicas como “Maluco Beleza” e “Ouro de Tolo”
Fonte: https://www.ebiografia.com/raul_seixas/ Acesso em 12 de julho de 2019

¹⁴ Música composta pelo artista Raul seixas no ano de 1973.

cadernos escritos. Como na época não tínhamos adventos do Google, internet, era a fita cassete tocando e eu escrevendo, dando pausa para escrever e preencher meus escritos. Se alguém me perguntar qual o artista de quem conheço mais as letras de música, obviamente esse artista é Raul Seixas.

Outra lembrança foi sobre o meu envolvimento com grupos culturais da cidade, blocos carnavalescos, entidades filantrópicas como o Léo Junior¹⁵, do qual fui a presidente durante um período. Destinado a adolescente de 12, 15 e 16 anos, ali eu pude divulgar as minhas leituras, fazer uso do vocabulário que estava se ampliando a partir das leituras realizadas e participar mais intensamente de atividades culturais que eram organizadas para serem apresentadas no clube da cidade, tais como danças e peças teatrais. Participar desse grupo foi algo importante para o meu amadurecimento também.

Na pequena cidade de Nova Russas, fiz muitos amigos. Dentre as pessoas que me influenciaram na vida, na escrita de poesias, destaco Manoel Feitosa, o professor Haroldo, que lia para nós suas poesias, e as amigas Keyla e Andrea, que também eram poetisas. Lembro que eu e Keyla criamos juntas o jornal “Curtas e Birutas”, por meio do qual divulgávamos as atividades culturais da cidade, as poesias, as notícias do próprio grupo do Colégio Vale do Curtume, do Colégio Estadual Olegário Abreu Memória e do grupo de amigos. Esse exercício da escrita e divulgação dessa escrita foi um aprendizado de criatividade tanto para mim quanto para ela, um motivo para reunir o grupo em torno de algo positivo.

Eu costumava ir a Crateús para visitar minha mãe. No início, chorava muito de saudade dela e de meus irmãos, sobretudo da minha irmã mais nova. Mas Nova Russas me encantava, penso que serem parte da minha adolescência, período em que os amigos ganham uma grande importância no nosso viver.

Foi nessa rede de relações literárias que conheci a poesia de Mário Quintana¹⁶. Encantei-me com sua forma de escrita, leve e ao mesmo tempo ácida, de versos não prolongados – poesia única, sarcástica, humorada e extremamente inteligente. Logo busquei saber mais da sua vida, ler mais a sua obra. Foi quando conheci o

¹⁵ O LEO JÚNIOR J.C.M é mantido pelos LEO Clubes e formado por adolescentes que desenvolvem atividades similares às do LEO – Atividades filantrópicas, que envolvem capacidade de liderança, solidariedade e empreendedorismo.

¹⁶ Mário Quintana (1906-1994) foi um poeta, tradutor e jornalista brasileiro. Foi considerado um dos maiores poetas do século XX. Mestre da palavra, do humor e da síntese poética, em 1980 recebeu o Prêmio Machado de Assis da ABL e em 1981 foi agraciado com o Prêmio Jabuti. Disponível em: https://www.ebiografia.com/mario_quintana/. Acesso em 13 e julho de 2019.

livro Caderno H e fiquei mais encantada ainda pela capacidade do poeta de escrever Haicais¹⁷, que são poemas curtos, com harmonia lúdica entre os versos. Para mim, impactante: assim é a poesia de Quintana. Ele conseguiu falar de forma sucinta sobre coisas grandes e relevantes.

Desses bons encontros da vida, na arte, com arte rendeu o livro que tem o título: *Maria de Amor e Verdade* (MARTINS, 2002). Aqui exponho três das poesias que estão presentes na obra ainda não publicada:

Balanço da alma

Desejo a eternidade da infância onde a política é o brinquedo/ No bom do faz-de-conta vê o stress virar pipoca/ O derreter da tristeza, sorvete que amargou/ Lamber o pirulito da alegria/ No gosto que não acaba, doce doçura do sabor/ Homens, em especial os machistas elogiando a cor rosa do algodão doce/ Assim o amor terá mais prestígio, casando coco com chocolate/ Meninos e meninas brincando de frescobol/Jogo que não se perde, jogo que não se ganha/ Sob um céu de todas as pipas, mil cores coloridas/ Lá na minha rua ciranda, cirandeiro/ Cantigas de roda que tiram as crianças da lata do lixo/ Brincando da bandeira, passar o anel e do guerrô/ A barata voou voou, caindo sempre na boca de quem mentir/ Tentar-se em cair no poço ou do tamanco de lata/ Bem me quer, malmequer/ Trinta e um na mancha/ Até onde as bilas do olho alcança/ Rodopiando o pião, o coração vira peteca/ Na saudade do balanço, brinquedo da infância/ Lembranças que vão e que voltam/ Vão e voltam/ Vão e voltam; Vão e.....Voltam .

Gol

Ecoa da goela o som do grito que passa pela boca banguela/ do sonho verde, branco, amarelo, azul anil/ Do gigante de uma América pobre que pariu a nação que come bola e como cachorros ingênuos e famintos:comem e morrem/ Comem esquecendo do tempo noventa minutos com alguns acréscimos de sofrimento,/ entre unhas roídas e palavrões a dor de ontem e de agora/ São onze milionários que correm sob outro céu de campo verde terra que não é nossa tendo nos pés e não nas mãos o poder de chutar o sonho de uma nação/ salário exorbitante má escalação (distribuição).

E quem não viu que João foi preso por causa de uma chuteira/ Beatriz assassinada em torno da bandeira/ e o asfalto preto agora é vermelho cor da expulsão/ Do outro lado da cidade Ricardinho pede esmola por vezes cheira cola na escolinha do sinal/ Enquanto isso, Isabel se prostitui, coitada, caiu na área, a vida passou-lhe uma rasteira. / A mãe lava roupa na semana, mas no último sábado descobriu que tem Aids. O pênalti foi marcado e o juiz tem muito nomes. / É gol! Replay Brasil.

Arte

Sendo a voz do povo a voz de Deus/ temo que em meu país/ Deus, às vezes, apenas sussurre/ Oh, Deus! Grita! Por favor, grita bem alto, grita! / Para que a vida, com arte, se faça mais bonita.

¹⁷ O **Haicai**, uma forma poética curta, que tem origem na cultura japonês, que vem sendo difundido no Brasil desde os anos de 1950. Disponível em: <https://www.istor.org/journal/revistalettras> Acesso em 13 de julho de 2019

No ano de 1990, meu cunhado foi transferido para Juazeiro do Norte, também do Ceará. Foi muito difícil sair de Nova Russas, daquele grupo em que a gente sentia, pertencia e gostava de pertencer, tanto na escola quanto nos grupos de que fazíamos parte, por isso fiquei, por seis meses, introspectiva na cidade de Juazeiro. Saía somente para a escola, mergulhando nas leituras e nas músicas, escrevendo cartas, muitas cartas para os amigos de Nova Russas. Saudades imensas das vivências dali. Felizmente, no Cariri cearense passaram somente 06 meses e mudamos para Fortaleza, bem mais próximo de Crateús, de Nova Russas e dos amigos de lá, que estudavam na capital.

Em Fortaleza, vi o mar e um teatro pela primeira vez, um teatro de verdade, imponente, com palco, cortina, iluminação, e foi um encanto sem medida tanto ver o mar como ver o palco do teatro José de Alencar. Morei em Fortaleza durante três anos. Ali concluí o Ensino Médio. Em seguida, voltei para Crateús e prestei vestibular para o curso de Pedagogia.

Ingressei na Universidade no ano de 1996. Fui aprovada para o Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará-UECE, Campus da Faculdade de Educação de Crateús – FAEC. Ali uma nova visão de mundo se instaurou. Era o retorno para minha cidade, para casa da minha mãe, para o afeto e cuidado materno, depois de uma década fora. Nesse período houve um bom encontro com a vida acadêmica, novas leituras, novas percepções.

Tão logo entrei no ensino superior, consegui trabalho em uma pequena escola privada de minha cidade – Escola Alternativa. Lá, comecei como professora de reforço. Seis meses depois, ganhava uma sala como regente do 1º Ano do Ensino Fundamental. No ano de 1996, deu-se início à docência. Nessa escola, trabalhei por quase três anos. Durante esse período, sempre estive envolvida com atividades acadêmicas e culturais dentro e fora da universidade.

Cursando o V período do Curso de Pedagogia, a partir das atividades culturais no campo da dança na minha cidade, recebi o convite para ministrar aulas na Escola Pública Estadual, a mesma que havia me alfabetizado – uma alegria, um orgulho para mim.

Hoje, não tenho dúvidas de que foi meu envolvimento com atividades no campo das artes que levou a diretora da escola a me lançar o convite-desafio.

Assumi com 24 anos uma sala de aula de Aceleração I¹⁸, em uma escola pública da periferia da cidade. O grande desafio era que no mês de junho do ano de 1998, eu era a 6ª professora a assumir a função.

Uma sala difícil, trabalho desafiador, com crianças de idades que variavam de 9 a 12 anos e que não tinham ainda sido alfabetizadas. Com eles, desenvolvi trabalhos com teatro, dança, jogos e recreação. Consegui concluir o ano letivo sem evasão e realizei atividades de socialização e integração por meio da arte.

A partir desse trabalho, fui convidada para assumir uma sala de Educação Infantil em uma escola privada de maior referência, em minha cidade, o que me rendeu ricas experiências no campo da Educação Infantil, permanecendo por 03 anos nesse nível de ensino. Paralelamente, também assumi em período oposto a disciplina de História no Ensino Médio em uma importante escola pública do município.

Minha rotina diária se resumia a trabalhar pela manhã com crianças da Educação Infantil e, à tarde, com adolescentes da escola pública, ministrando disciplinas de “História e Arte Educação” no Ensino Médio, no Colégio Estadual Regina Pacis. No período noturno, continuava cursando Pedagogia na UECE, uma carga de trabalho bastante intensa.

No ano 2000, defendi meu TCC intitulado “A arte como instrumento de politização”, fazendo referência à ampliação interpretativa de mundo que ela suscita. Logo em seguida, concluí o curso, sendo a primeira dos filhos de D. Delmira a cursar a educação superior – algo que foi relevante para despertar nos demais a busca pela a continuidade dos estudos acadêmicos.

Antes de concluir o curso de Pedagogia, trabalhava no Ensino Médio com a disciplina História, o que me fez buscar formação na área. Passei a cursar História em regime de apostilamento, como formação complementar – o que enriqueceu muito os meus saberes e minhas práticas docentes, bem como minha paixão pela disciplina, considerando que não fui incentivada a gostar da disciplina ainda no Ensino Básico.

Como não se pode separar o profissional da pessoa e de suas vivências, eu sempre levava para sala de aula artefatos culturais para aprendizagem, interação e

¹⁸ Nomenclatura dada as salas de aula que agregavam crianças com dificuldade de aprendizagem e acúmulo de reprovações em uma só série (polivalente) – durante o governo de Tasso Jereissati, tendo como secretário de Educação Antenor Napolini, no período de 1995-2002. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/133371/biografia> . Acesso em 13 de julho de 2019.

alegria do grupo envolvido no momento aula. Trabalhava com poesia, produção de fanzine¹⁹, apreciação de filmes, produção de dança e teatro, dinamizando os conteúdos de história, mas, sobretudo, apresentando uma nova forma de olhar o mundo e sua historicidade. Meus alunos representaram o Colégio em que eu trabalhava no festival de Talento – FESTAL, organizado pela XIII CREDE²⁰, promovido pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Ceará.

Além da dança e da interpretação, havia discussões teóricas sobre o que estava sendo representado, interpretado. Discutíamos e aprendíamos sobre o que queríamos repassar, despertar no público apreciador.

Do mesmo modo, procedíamos com a organização do Festival de Teatro Estudantil de Crateús (FESTEC), promovido pela Secretaria de Cultura do Município de Crateús. Portanto, trabalhar com o Ensino Médio e a disciplina de História sempre foi uma alegria e uma satisfação cultural. Paralelo a isso, eu tinha participação direta junto ao grupo cultural Tykerê²¹, que durante a Carnafolia²² transformava a principal avenida da cidade em um verdadeiro teatro de arena.

Não se constituía como escola de samba, mas apresentava²³ incrementos bastante semelhantes. Foram diversos temas apresentados, tais como: homenagem ao Poeta Patativa do Assaré, o escritor Jorge Amado, o bispo Dom Fragoso, a paz mundial etc. Um grupo bastante engajado, durante 3 meses do ano, dedicava-se à cultura do município sem nenhum fim lucrativo. O ganho era a realização pessoal e coletiva no que diz respeito à arte e à alegria. A seguir, registro um momento bem particular junto ao Tykerê (fotografia 01)

¹⁹ Publicação independente e amadora de pequena tiragem, produzida em fotocópias ou formas alternativas de impressão. O termo fanzine é um neologismo formado pela contração de *fanatic* e *magazine*, do inglês, que significa revista do fã. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/revistabemlegal/edicoes-anteriores/Vol%2C6%20n.2/fanzine-na-sala-de-aula-uma-proposta-pedagogica-> Acesso em 13 de julho de 2019

²⁰ Coordenação Regional de Educação do Estado do Ceará

²¹ Bloco de carnaval em que atuava na Carnafolia, festa popular crateuense.

²² Nome dado ao festival de atividades brincante culturais ocorridas durante o período carnavalesco na cidade de Crateús - CE

²³ Infelizmente os desfiles, espetáculos organizados pelos grupos Tykerê e Mandacaru Beleza, depois de 10 anos de atuação cultural no município de Crateús foram interrompidos, encerrados por falta de apoio cultural advindo do poder público municipal.

FOTOGRAFIA 1 - Porta Bandeira do Bloco Tykerê



Fonte: Arquivo pessoal do Bloco Tykerê, Crateús- CE- (2003)

Desse fervor no Tykerê, participei diretamente da formação, organização e atuação, tendo a alegria de ser porta-bandeira por vários anos. Nesse grupo tive um verdadeiro laboratório de experiências estéticas, junto com amigos, alunos, colegas de trabalho, um envolvimento de alegria, educação e efervescência cultural.

Ali, nasceram composições que embalaram não só o desfile do nosso Tykerê, mas um período de vida precioso para nós e para a cultura crateuense. Seguem duas dessas composições realizadas pelo poeta Elias de França e por mim, uma parceria séria, brincante, cheia de alegria e musicalidade:

PATATIVA: POESIA E PAIXÃO

*Autores: Antonio Elias de França (Elias de França)
Maria da Conceição Rodrigues Martins (Nêga)*

Seu doutor me dê licença pra uma história contar

A história de um poeta que gostava de aboiar
 Ê! Ha! Ha! Ê! Ha! Ha!
 Ê! Ê! Ê! Vaca Estrela! Ô! Ô! Ô! Boi Fubá
 Ê! Ê! Ê! Poesia! Ô! Ô! Ô! Patativar!
 Como é lindo Tykerê na avenida contando a história do poeta de Assaré
 Vem cantando como canta Patativa: esta vida cá do Norte no compasso do
 Cordé!
 A noite é bela, vai ter festa no Sertão
 Pois é Carnaval em Março
 São José estende a mão
 Não terá "Triste Partida"
 Se cair chuva no chão
 Tykerê tá querendo, tá te convidando
 Pra plantar animação
 Foi sertanejo valente e forte
 Jamais negando seu "naturá"
 Filho da seca, bebeu da cacimba,
 Pisou no rachão onde explode a rima
 É gente da "crasse" matuta que migra do seu lugar
 Nascido homem, se fez passarinho pra melhor cantar "as dô" do seu torrão
 Grande cronista, Rei do meu Sertão
 Para exaltar o nome do poeta, este meu carnaval vai virar Chitão
 Ele se foi, mas nos deixou seu verso:
 Cordel encantado que sofre, que chora, que brota e "fulora" em cada rincão.
 Brincante brinquedo de pé no chão
 Empinar papagaio, rodar carrapeta e pião
 Canta rima, canta verso, cata-vento, canta e dança Sertão
 Canta rima, canta verso, cata-vento, canta, meu Tykerê, poesia e paixão
 Com seu verso tihoso
 Diz como é forte o seu povo
 Na triste agonia entre espinho e "fulô"
 Viúvas da seca, saudade e amor
 Meu Deus, hei de ver qualquer dia
 O Nordeste todo em rima perfeita
 Do jeitinho que o poeta queria:
 Toda a nossa gente a aboiar de alegria

JORGE: BAIANO, LETRADO, CANTADO E BAILADO... AMADO
 Autores: *Elias de França/Maria da Conceição Martins (Nega)*

Como no livro *O País do Carnaval*
 O nome "Amado" é do Santo do lual
 Oh meu Tykerê põe o coração
 Traz o Rei da Bahia, suor e magia, pra fazer poeira nesse chão
 REFRÃO
 Eta Jorge letrado, bailado! Eta jeito Baiano de amar!
 Tykerê, que também é amado, vem todo pra te cantar (bis)
 Fiel como amor de "Zélia". Meninas, tuas facetas
 Na ginga das *Gabrielas*, *Terezas*, belas *Tietas*
 Oh, *Dona Flor!* A dois ela amou, é amor demais
 Quem toma a *Estrada do Mar* pisa areias da cor de *Cacau*
 E abriga, no velho Trapiche, os seus *Capitães* com a força de pedra e aço
 E escreve com "tinta vermelha" as dores do povo, do negro, Sertão e Mar
 Ô *Grapiuna*, menino travesso, o *Cavaleiro* logo vai passar
 Larga teus castelos de areia, pega papel e caneta, há histórias pra contar
 Da terra de todos os santos, do terreiro de *Jubiabá*,
 A bênção dos Orixás, acarajé, abará,
 Muita pimenta para esquentar...
 É Jorge, é cor, é Bahia,

Um vendaval de alegria,
É o Tykerê fazendo este povo dançar

A partir dessas experiências, do engajamento em atividades artístico-culturais, surgiram algumas oportunidades de trabalho diretamente ligadas à arte. No ano de 2001, fui convidada para assumir a coordenação do Núcleo de Arte, Educação e Cultura do Município de Crateús – NAEC, que compreendia o Teatro Municipal Rosa Moraes, a Biblioteca Municipal Norberto Ferreira e as escolas de dança, arte plástica e teatro do município.

O referido núcleo estava ligado à Secretaria de Cultura do município, sendo constituído a partir de recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, por meio do Programa de Apoio às Reformas Sociais PROARES, ocorrências que se efetivaram no governo municipal de Paulo Nazareno Soares Rosa, apreciador de arte e cultura, algo que justifica o investimento na área cultural e que, de certo modo, explica o fim destes investimentos com o fim do seu governo e o início de outros. Durante o exercício do cargo, continuei na sala de aula, nas aulas de História e Arte Educação no Ensino Médio do Colégio Estadual Regina Pacis.

Atuando nesses espaços, conseguia, de certo modo, articular o mundo da escola com as atividades situadas no campo da arte. Junto ao grupo que eu coordenava, realizamos o II e o III FESTECC- Festival de Teatro Estudantil, que ocorria durante três dias seguidos, com apresentações de peças e esquetes teatrais, bem como oficinas de arte. O referido festival, realizado com apoio do poder municipal, premiava as escolas da cidade, tendo prêmio tanto para as escolas da zona urbana quanto para as escolas da zona rural que apresentassem os melhores trabalhos teatrais. Durante o festival, havia oficinas, palestras e diversas atividades culturais destinadas à comunidade estudantil.

Foram dois anos à frente do NAEC. Com as atividades desenvolvidas, obtive outras oportunidades de trabalho. Logo em seguida, expomos registros desse período, panfleto distribuído no centro da cidade de Crateús no dia mundial do teatro e o cartaz de divulgação do espetáculo encenado pelo grupo de teatro “Os Caras da Arte”, formado por jovens que tiveram oportunidades de fazer oficinas de teatro no núcleo durante o período em que estive à frente dos trabalhos (IMAGEM 02).

IMAGEM 1 - Panfleto e Cartaz - Dia Mundial do Teatro

O QUE É ARTE?
POR QUE PRECISAMOS TANTO DELA?

Antes de tudo, a arte está presente na vida de todos, é a forma inteligente e sensível que encontramos para eternizar a criança que existe em nós.

Seja cantando, dançando, brincando, interpretando... um delicioso jogo de faz de conta, com a finalidade de abrir e alargar as avenidas dos sonhos fundamentais.

VISITE O TEATRO ROSA MORAES!
Lá cantamos, dançamos, brincamos, Interpretamos...
Pra fazê-lo(a) feliz. Por que no final de tudo o melhor resultado é O RISO!

27 DE MARÇO, DIA DO TEATRO

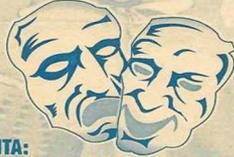
 **CRATEÚS**
FAZ E FAZ BEM

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRATEÚS
SEC. CULTURA, TURISMO E ESPORTO
NÚCLEO DE ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURA

ESPECTÁCULO: CHAPEUZINHO VERMELHO

HORÁRIO: 7:30

COMPANHIA DE TEATRO
OS CARA DA ARTE



APRESENTA:
CHAPEUZINHO VERMELHO 2
O RETORNO DO LOBO MAU!

DATA: 16 / 12 / 01

LOCAL: TEATRO ROSA MORAES (ÀS 20:00hs.)

Apóio:

 **CRATEÚS**
FAZ E FAZ BEM

FLORICULTURA
FLOR DO VALE

RELOJARIA
GRÃO BUQUE

LABORATÓRIO DE
ANÁLISES CLÍNICAS
DE PNEUMOLOGIA

CRATEÚS
RUA MONSIEUR ROLIN, 114
SANTO SÃO VICENTE
FONE: 691.5220

Praca João Melo
Cavalcanti, 449
FONE: 691.5228

RUA MORAIS ROLIN, 114
CRATEÚS - CEARÁ
FONE: 691.1991

NÚCLEO DE ARTE

Fonte: Arquivo pessoal de Karla Gomes- professora e artista crateuense (2018)

No ano de 2001 fui convidada pela administração municipal a participar de uma seleção para ocupar a função técnica de pedagoga em uma unidade de semiliberdade, com atuação direta com a Pedagogia Social²⁴. Na Unidade de Semiliberdade, espaço destinado à aplicação da Medida 120 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que recebe a mesma definição no Artigo 120²⁵. Ali, desempenhei a função de coordenadora pedagógica que acompanhava o grupo que atendia os adolescentes que haviam cometido infração na Região dos Sertões de Crateús²⁶. Esta instituição realizava um trabalho alinhado à Secretaria de Assistência Social do Estado, trabalhando com adolescentes infratores na região de Crateús.

O grupo que ali atuava e encontrava-se, sob minha coordenação, era formado por dezoito educadores. Os estudos, as leituras, os planejamentos das ações desenvolvidas seguiam essa perspectiva de estarem atrelados ao que diziam os marcos legais, sem abrir mão de um olhar sensível e comprometido com o social. Exercitei de forma singular a capacidade de perceber, de sentir a história do outro.

²⁴Ação educativa intencional ocorrida, efetuada em espaço não escolar.

²⁵Art. 120 do Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8069/90 - O regime de semiliberdade pode ser determinado desde o início, ou como forma de transição para o meio aberto, possibilitada a realização de atividades externas, independentemente de autorização judicial (BRASIL, 2003).

²⁶ Os sertões de Crateús são compostos pelos seguintes municípios: Ararendá, Catunda, Crateús, Hidrolândia, Independência, Ipaporanga, Ipueiras, Monsenhor Tabosa, Nova Russas, Novo Oriente, Proranga, Santa Quitéria, Tamboril

Um outro que me era estranho, pois não se tratava de alunos, como no mundo da escola, mas de meninos advindos, em sua maioria, de uma situação de extrema pobreza, que haviam cometido desde infrações graves até homicídios.

Foram quatro anos trabalhando no espaço de semiliberdade. Lá desenvolvíamos atividades de fruição com arte por meio de oficinas de teatro, fanzine, sapateado, apreciação de filmes etc. Durante esse período, terminei minha especialização em Formação de Formadores na Universidade Estadual do Ceará e escrevi uma monografia que tratava da temática em que eu atuava profissionalmente.

Com o resultado desse trabalho escrevi meu projeto para concorrer a uma vaga no Mestrado em Educação na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Fiz a seleção na cidade de Fortaleza, sendo aprovada para cursar no ano de 2008 no Mestrado Acadêmico em Educação, sempre incentivada pela família e por amigos próximos. Na dissertação abordei exatamente os limites do ECA, dentro do contexto objetivo em que vivemos, pois me inquietou severamente saber que o trabalho realizado no regime de semiliberdade sofria limitações em sua exequibilidade. O que é posto na lei nem sempre, ou quase nunca, se concretiza no campo do real (MARTINS, 2010).

No ano de 2006, concorri à seleção para professor substituto na Universidade Estadual do Ceará, conseguindo aprovação. Assim, tive que abrir mão do trabalho junto ao grupo da semiliberdade para assumir as aulas do ensino superior da Faculdade de Educação de Crateús, unidade da Universidade Estadual do Ceará em Crateús. A partir de então, o ensino superior integrou, passou a fazer parte efetivamente da minha história profissional e acadêmica.

No campo pessoal, destaco, no ano de 2006, um fato importante: minha relação com Eliseu Moura. Com ele vivi, compartilhei vida, amor e importantes aprendizados, foram dez anos de convivência. Junto dele passei a ter um novo olhar sobre as coisas práticas da vida. Eliseu foi um grande incentivador e apoiador do meu crescimento no campo profissional e acadêmico. Atualmente, o que nos une é a amizade e a alegria de sermos pais das Marias, Flor e Vitória.

No ano de 2010, fomos agraciados com a vinda de nossa filha Maria Flor. Com ela aprendi ser mãe e um pouco mais mulher, no que diz respeito à maturidade. Com filhos, o corpo e a cabeça se modificam e as emoções afloram. Flor intensificou essa flora de sentimentos e instinto de cuidado e proteção em mim. Acreditei que ela

seria minha filha única, entretanto fui mais uma vez agraciada com a chegada impetuosa e virtuosa de Maria Vitória, que resolveu vir ao mundo três meses antes do previsto. Assim como a Flor, Vitória nasceu em solo cearense, mas sua concepção ocorreu em solo piauiense. Duas filhas, duas Marias em um mundo de flor e vitória.

Retomando à questão profissional, no ano de 2013, prestei concurso para a Universidade Federal do Piauí, para a área de Didática e Prática de Ensino. Fui aprovada e, no mesmo ano, nomeada para o campus de Picos, uma conquista alcançada com o incentivo de minha mãe e meus irmãos e, sobretudo, do meu companheiro de jornada de uma década. Mais uma vez, estava eu, indo para um novo espaço, tentar novas experiências, desta vez fora do meu estado, distante dos familiares.

Nesse contexto senti um misto de alegria pela aprovação e receio, medo, empolgação com essa mudança. Dessa vez, eu não estava sozinha.

Cheguei a Picos-PI no dia três de outubro de 2013. Desde então, resido na cidade. Criei laços afetivos com as pessoas e com a terra. Com o passar do tempo, fui percebendo que há uma certa falta de estrutura, algo incompatível com a posição que a cidade apresenta em âmbito estadual. Sendo uma cidade polo, me pareceu estranho que na área cultural não houvesse equipamentos físicos adequados para efetivação e apreciação de atividades artísticas.

O Campus Senador Helvidio Nunes de Barros (CSHNB) me pareceu algo distinto, no que se refere à realidade da urbe picoense, contando com dois bons auditórios, mas que ainda não apresenta um espaço físico com estrutura tecnicamente adequada para se fazer teatro.

No ano de 2013, quando cheguei à cidade de Picos, também não havia cinema²⁷, fato posteriormente modificado. Entretanto, ainda no ano de 2019, a cidade ainda não dispõe de teatro, nem de uma boa biblioteca pública ou privada, também não possui livrarias. A venda de livro limita-se às papelarias que, em sua maioria, realizam a venda de livros paradidáticos.

Nessa conjuntura, a universidade, a sala de aula, as disciplinas de Didática Geral e Arte Educação passaram a ser momentos formativos e pedagogicamente adequados para a realização de experimentos estéticos e de uma maior

²⁷ No ano de 2019, a cidade já conta com duas salas de cinema, situados no Piauí Shopping.

comunicação entre o grupo, pela dinamicidade, exercício da criatividade e da alegria, uma proposta sistematizada com o objetivo de trabalhar o conteúdo das respectivas disciplinas, sem abrir mão da alegria, da criatividade e criticidade inerentes ao processo formativo docente. Desta forma, mais que mediações didáticas, o grupo vivenciou distintas experiências de beleza.

A seguir, expomos imagens de algumas das oficinas de **experiências estéticas** – atividades integradas ao programa das disciplinas de Arte Educação e Didática da Educação Artística, curso de Pedagogia do Campus Senador Helvidio Nunes de Barros - UFPI- Picos- PI.

Nessas ocasiões que aqui registramos, percebemos além da satisfação individual dos envolvidos, o despertar do senso de coletividade, da partilha e integração do grupo, conforme comprovam a imagens seguintes:

FOTOGRAFIA 2 - “Oficina de narrativas - Composição de Mandalas”



Fonte: arquivo pessoal (2017)

FOTOGRAFIA 3 - “Oficina o corpo fala I”



Fonte: arquivo pessoal (2016)

FOTOGRAFIA 4 - “Oficina o corpo fala II”



Fonte: arquivo pessoal (2017)

Com atividades mediadas pela arte, passamos a saber mais de nós, a respeitar as singularidades do outro. Houve tempo para falar, ouvir, relaxar, brincar, pintar, movimentar, sorrir, dançar... enfim, houve tempo para nutrir-se culturalmente, alimentar-se de vida. No processo de desenvolvimento dessas atividades, minhas inquietações sobre as temáticas em estudo foram cada vez mais sendo aguçadas, o que me levou a propor a realização de ações culturais para além dos muros da universidade.

Acreditando na arte como outra possibilidade de ver e agir sobre o mundo. Defendo tanto na perspectiva teórica quanto prática a presença da linguagem artística no processo educativo, sobretudo quando se atua na formação de formadores, como é o caso das licenciaturas.

A seguir, o registro do espetáculo Tom Brasil, performance teatral envolvendo poesia, canto, dança e jogos teatrais – estreando na abertura da III Semana de Pedagogia do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros- CSHNB – UFPI, tendo ainda a oportunidade de participar de outros momentos culturais na região, como a Semana da Juventude na cidade de Ipiranga do Piauí.

FOTOGRAFIA 5 - “Espetáculo Tom Brasil”



Fonte: arquivo pessoal (2015)

A partir dos diálogos com amigos, artistas, professores do ensino básico, professores e alunos da Universidade Federal do Piauí sobre arte e cultura, fui me aproximando mais da compreensão sobre a representatividade de Picos para a região, bem como sua condição de cidade polo que abriga mais de trinta cursos universitários. Fui levada a refletir mais detidamente sobre o quadro de ausências que me pareceu e me parece estranho, um quadro injusto, de desmerecimento e descuido, por parte do poder público, com a cidade e com a gente que nela habita.

Dentro dos limites que me cabia, passei a realizar um trabalho com arte em sala de aula, ao mesmo tempo incentivando questionamentos sobre essa condição de descuido do Estado em relação à valorização da cultura dessa região.

Percebo, pelo contato, diálogos e momentos formativos em sala de aula que existe uma demanda, o desejo de fazer e de apreciar arte. Hoje, conhecendo a cidade há quase cinco anos, identifico grupos teatrais, dança, clown, poetas, escritores e um bom número de bandas de rock, forró e outras variadas formas de fazer e fruir arte. Gente que faz arte com esforço extremo, levando em conta a falta de apoio logístico para esse exercício.

Compreendo que as oportunidades precisam ser forjadas para que haja alteração do quadro da cidade de Picos, para que ela possa sedimentar, acolher, frutificar mais alegrias no fazer e no fruir artístico, considerando que a beleza da arte não invalida a necessidade da luta por dias melhores.

Em Uberlândia, na condição de aluna do Doutorado em Educação, na Universidade Federal de Uberlândia, escrevi essas memórias, com saudades de minhas Marias, envolvida nesse sonho de formação que é acadêmico, mas sobretudo de vida, vida em movimento.

Percebo ainda que, por meio desse exercício, passo a saber mais de mim, dos lugares e das pessoas que afetam/atravessaram minha vida, um estágio profundo de reflexão... saudade, gratidão e afeto. Presente!

1 INTRODUÇÃO

*Sabe lá, o que é não ter e ter que ter pra dar (...)
Sabe lá, o que é morrer de sede em frente ao mar, sabe lá...
(Djavan)²⁸*

1.1 DELINEANDO O TEMA, PROBLEMA, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS

Imagino que os versos do artista alagoano não tiveram como inspiração temática algo relacionado à educação e à formação docente, mas de forma metafórica, conseguem simbolizar as muitas faltas sentidas e vivenciadas por nós, professores, no exercício da docência. Considerando as muitas requisições que integram a formação do professor, intentamos refletir sobre os saberes da docência, que estão para além dos conteúdos específicos dos componentes curriculares assumidos pelos docentes no cotidiano escolar.

Nosso interesse centra-se em conhecer os meandros que compõem o desenvolvimento profissional docente dos professores de História que atuam tanto no ensino básico quanto no ensino superior; conhecer, especialmente, a presença da arte nesse processo formativo que enlaça a vida, nos diversos espaços e tempos. Nessa esteira investigativa, buscamos conhecer a composição pessoal e profissional desses sujeitos que trabalham com a formação de adolescentes e adultos, numa área singular na constituição cultural da vida humana.

A Tese aborda a formação de professores de História por meio da reconstrução narrativa de experiências estéticas que afetam/atravessam as histórias de vida, que os compõem culturalmente.

Esclarecemos que o termo afeto, aqui utilizado, segue a proposta defendida por Espinoza (2009). O filósofo holandês Baruch de Espinosa foi um filósofo do século XVIII, autor da obra *Ética*, na qual produz uma reflexão sobre a força dos afetos no processo de desenvolvimento humano (Ibidem); em sua obra, trata do afeto e da potência dos encontros. O afeto é definido pelo autor como o que aumenta ou diminui nossa potência de agir.

²⁸ Djavan, Esquina – disponível em: <https://www.vagalume.com.br/djavan/esquinas.html> Acesso em 8 de janeiro de 2018

Quando utilizamos a terminologia experiência estética, seguimos a perspectiva da “simplicidade”, conforme defende João Francisco Duarte Jr, que opta por denominá-la de experiência de beleza. “Aqui nestas páginas, experiência estética e experiência de beleza serão sinônimos, e ponto!” (DUARTE JR, 1986, p.10).

Consideramos necessário esclarecer que neste estudo a experiência em arte, ou experiência estética, não se detém ao aspecto didático, como sendo técnica ou prática de ensinar, isso seria apequenar o papel da arte, da fruição que gera o encontro de muitos significados, objetivos e subjetivos. O contato com as linguagens da arte não pode ser reduzido de forma utilitarista, o que denotaria o caminho próprio da não experiência e por consequência da negação dos afetos na composição da docência do professor de História. Por isso, afirmamos logo de início que a arte pode mediar situações de ensino e aprendizagem no campo da História e, bem mais do que isso, a arte pode ressignificar as experiências daqueles que estudam História por meio da beleza e do anúncio do porvir.

Ao aprender e ensinar História, os professores podem construir múltiplas possibilidades de atuação pedagógica em sala de aula, seja na educação básica, seja no ensino superior. São variados suportes, fontes e linguagens que ressignificam o estudo da História por meio da música, da poesia, da literatura, do cinema e outras tantas formas de se perceber o mundo e aprender de um modo criativo, crítico, alegre e dinâmico. Para Guimarães (2004, p.1),

[...] do movimento historiográfico e educacional, neste período, é possível apreender uma nova configuração do ensino de História. Houve uma ampliação dos objetos de estudo, dos temas, problemas e fontes históricas. Os referenciais teórico-metodológicos são diversificados, questões, até então, debatidas apenas na Universidade chegam à educação básica mediadas pela ação pedagógica de professores que não se contentam mais com o papel de reprodução dos velhos manuais.

Estudos sobre o processo formativo do professor de História nos proporcionam possibilidades de diálogos com diferentes fontes e saberes que subsidiam as práticas professorais (MESQUITA e GUIMARÃES, 2004). Para Guimarães (2012, p. 258), o trabalho com documentos e diversos artefatos culturais trata “de uma opção metodológica que amplia simultaneamente o olhar do historiador, de professores e alunos e o campo de estudo, fazendo com que o processo de produção de conhecimentos se torne interdisciplinar, dinâmico e flexível”.

As pesquisas estruturadas em torno da complexibilidade dos saberes docentes revelam que são múltiplos e, de certo modo, interdependentes, possibilitam o desenvolvimento científico/cognitivo, didático/pedagógico (TARDIF, 2008), mas também técnicos, humanos e políticos (CANDAUI, 2012).

Dado o exposto, compreendemos que o repertório cultural de nossos alunos se estrutura também a partir das referências estéticas apropriadas interdisciplinarmente, configuradas como experiências de vida de seus professores. Compreendemos ainda que a limitação de espaços próprios para vivências que envolvam a arte, na perspectiva do fruir, limitam ou comprometem a composição cultural e, por conseguinte, afeta a ação docente. Os professores que têm acesso ao cinema, ao teatro, exposições, espetáculos e dança alcançam e multiplicam outras formas de saberes.

A temática da formação docente, em especial, da formação cultural dos professores de História, tem proporcionado discussões recentes, principalmente naquilo que se refere às experiências estéticas. Estudar a presença da arte na formação de professores é também tratar da arte na composição humana, dada a especificidade da escola e dos sujeitos que a compõem.

Ao tratar de formação docente, Imbernon (2010) ressalta que as múltiplas e aceleradas mudanças do contemporâneo afetam o campo educacional, alterando assim a concepção de que o docente é um transmissor de conteúdo. O professor deve se reconhecer como alguém que trabalha, atua a partir de conhecimentos pedagógicos, científicos e culturais, exigindo a mobilização de distintos e variados modos/ espaços/ tempos e possibilidades de formação.

Concordamos com os autores que defendem a tese de uma formação múltipla, permeada por diversos saberes, tais como Tardif (2008), Nóvoa (1992), Imbernon (2010), por estudarmos a formação de professores, por acreditarmos e militarmos a favor de uma formação cultural, notadamente, que envolva a arte nessa trilha em que vamos nos fazendo ao ouvir, cantar, dançar, apreciar, interpretar as mais diversas linguagens da arte em nosso cotidiano.

Neste estudo, utilizamos de forma intencional o termo composição docente, dando ênfase ao saber da experiência alcançada por meio da fruição e do processo criativo que envolve a arte. Acreditamos nessa linguagem como parte integrante dessa composição, conforme defende de Nogueira (2008). Por essa via, justificamos o uso do termo *composição cultural* no presente estudo.

Sacristán (1999) defende que a ampliação do universo cultural dos professores fortalece suas identidades, suas práticas em seus respectivos campos de ação. Assim, desconsiderar essa dimensão é limitar o desenvolvimento e a ação docente, até porque o que nos identifica é o resultado do que nos compõe como professores. Somos o resultado de experiências de vida no campo pessoal e acadêmico, somos diversas somas de vida, de múltiplas aprendizagens, encontros com lugares, pessoas e saberes. Somos o resultado de uma composição cultural.

Assim, a partir de uma reordenação formativa, que considere a arte como artefato de ampliação cultural do professor, este será tanto mais capaz de agenciar, coordenar a formação de discentes numa perspectiva multidimensional (CANDAU, 2012). Para tanto, faz-se necessário que o Estado brasileiro, organizações e movimentos sociais elaborem mecanismos de incentivo ao acesso à arte, levando em conta que os professores são importantes agentes de um ciclo propositivo.

O acesso às linguagens da arte, como música, teatro, dança, arte literária, artes visuais, dentre outras manifestações estéticas, geram fruições formativas singulares que podem enriquecer o processo formativo docente.

O professor se forma ao longo da vida, a partir de muitas composições, dialeticamente humanas, dentre elas as várias formas de usufruir, fazer, sentir a arte, ser tocado pela experiência de beleza. Assim, vai se compondo, formando-se continuamente. Por essa visão, não há uma fôrma, pois na vida mudam-se as cores, as formas, os ritmos, as texturas, os tons e os sabores.

Nesse construto textual, buscamos o reconhecimento de uma formação e de trabalho docente que assumam a dimensão estética tanto na formação inicial quanto na formação continuada dos professores, considerando que instituem mediações culturais na formação de sujeitos que se encontram em pleno desenvolvimento. Conforme Forquin (1993), a educação escolar se faz a partir de uma seleção cultural, assim não se pode desvincular educação da dimensão da cultura. Na defesa de formação artístico-cultural, abraçamos a perspectiva do fruir, do afeto, de ser tocado pelo belo. Como reitera Duarte Jr (1996) – uma visão que não prioriza o popular ou o erudito no campo da arte, mas a perspectiva do afeto e do sentir. Seguindo essas premissas, indagamos: **como a arte afeta a formação pessoal e profissional dos professores que lecionam a disciplina de História?**

A partir dessa questão que se mostra central em nossa pesquisa e, porque defendemos que formação e desenvolvimento é composição, que envolve múltiplas

esferas de nossa existência, estruturamos as seguintes problemáticas: **[1]** Os docentes que tiveram e têm acesso à arte como modo de ação e fruição, constituindo-se como uma real experiência estética (afetados pela beleza) ao longo de suas vidas, são capazes de transformar esse afeto em algo que potencialize suas ações de docência? **[2]** Oportunizar, aos docentes, experiências estéticas de apreciação da arte eleva sua capacidade de leitura, de criticidade, questionamento, sensibilidade e potencializa suas práticas docentes, oportunidades que se constitui como momento formativo da pessoa/professor e do professor/pessoa?

Com base nessas questões, os objetivos traçados para a investigação são:

Objetivo Geral

- Compreender, por meio das narrativas de vida, as dimensões experiências/afecções de beleza, presentes no processo de composição cultural de professores de História que atuam na Microrregião de Picos-PI, Brasil, considerando que estas emergem nos diversos tempos e espaços e abrangem, também, procedimentos de desenvolvimento profissional destes sujeitos

Objetivos Específicos

- Refletir sobre as experiências estéticas que integram a composição cultural docente.
- Analisar experiências de beleza vivenciadas nos tempos e espaços de desenvolvimento pessoal e profissional dos professores participantes da pesquisa por meio de narrativas.
- Pensar sobre o processo de construção de narrativas como estratégias, possibilidades formativas, que podem contribuir para o desenvolvimento profissional dos professores de História.
- Analisar as potencialidades da arte e da pesquisa narrativa para ampliação dos saberes da docência, de modo especial, os saberes da experiência do professor de História.

Para desenvolver o tema, realizamos um levantamento de estudos, investigações sobre as contribuições da arte na formação docente e, mais ainda, acerca da formação cultural dos professores. São campos de investigação cujas produções acadêmicas ainda são escassas em alguns estados do Brasil, destacando-se o trabalho de Nogueira (2008).

Sobre essa abordagem temática, ressaltamos que no período investigado não localizamos tese ou dissertação sobre a formação cultural do professor de História, na perspectiva da investigação narrativa. Também não identificamos trabalhos na Universidade Federal de Uberlândia nem na Universidade Federal do Piauí (UFPI) que fizessem referência à formação cultural do professor de História, sobretudo no que se refere à arte como parte dessa formação, o que ratifica a necessidade de explorar estudos com essa abordagem.

Salientamos, em nossa justificativa de pesquisa, que não fazemos a opção por um tipo ou outro de cultura, popular ou erudita, mas consideramos os múltiplos campos em que ela pode se manifestar pela linguagem das artes. Assim, a escola, a universidade e seus agentes se constituem como espaço/sujeitos capazes de propor esse diálogo problematizador, crítico e formativo entre educadores, educandos e a arte como elemento da cultura da estética.

1.2 TRILHA METODOLÓGICA

A investigação está inserida no campo de estudos qualitativos, buscando compreender as potencialidades e contribuições da arte (experiências estéticas) no processo de formação dos docentes de História na microrregião de Picos, buscando conhecer, ainda, como essas contribuições se desdobram nos espaços-momentos de aula.

Compreendendo que na Pesquisa Narrativa a escolha dos colaboradores faz-se, constrói-se por meio de uma teia de relações, estas foram sendo criadas ao longo dos quase cinco anos de aproximação com o estado de Piauí, precisamente com a realidade da microrregião de Picos-PI.

. A vivência com o *locus* da pesquisa justifica nossa delimitação espacial, considerando que a microrregião de Picos está situada nos sertões piauienses. Considerando que o papel da educação na formação humana deve superar a perspectiva da eventualidade e do imediatismo, justificamos a escolha do objeto

centrando na questão da relevância da formação cultural e da fruição da arte no processo formativo docente.

Segundo Alberti (2004, p.31), “a escolha dos entrevistados é, em primeiro lugar, guiada pelos objetivos da pesquisa”. Nesse sentido, estruturou-se nosso primeiro grande desafio para definição dos colaboradores da pesquisa. Considerando nosso objeto de estudo, fomos tomadas pela inquietante indagação: **como eleger os colaboradores, respeitando critérios próprios do método narrativo?**

Na procura de uma resposta para esta indagação, buscamos apoio entre os colegas professores, os diretores de escolas, alunos egressos do Ensino Médio, que no ano de 2018 e 2019 são alunos dos cursos de Pedagogia e História no Campus Senador Helvidio Nunes de Barros (CSHNB), na UFPI; estes nos indicaram professores que trabalhavam com o que denominamos experiências estéticas (poesia, música, filmes, aulas passeios, etc.), também recebemos a cooperação de professores do curso de História da UFPI, que nos indicaram professores egressos do curso, com o perfil correspondente ao que buscávamos.

A opção de se trabalhar com professores de História se justifica pela minha própria formação pessoal, pela atuação profissional junto à disciplina de História na Educação Básica, bem como pela nossa compreensão sobre o potencial das linguagens da arte para melhor dialogar e despertar o pensar histórico de nossos educandos.

Ao escolher a pesquisa narrativa para adentrar essa busca investigativa, ressalto que há também em nós a intenção de constituir um espaço de encontro, discussão, interação e autoconhecimento, para provocar diálogos formativos que nos levem a pensar sobre nossas práticas, considerando que ouvir o outro, saber da docência e do processo de formação de outros colegas de profissão também desperta na pesquisadora reflexões sobre a própria prática.

Nesse sentido, a pesquisa narrativa constituiu-se de uma oportunidade de conhecimento mútuo entre os sujeitos da docência, colaboradores e as pesquisadoras. Pelo encontro, a confiança foi estabelecida em um importante momento de reflexão.

Na organização da proposta de pesquisa, após a localização de alguns nomes de professores de História que apreciam arte e que levam essa linguagem para o exercício docente, que dialogam com diversas linguagens da arte. A identificação se

deu numa rede colaborativa de escuta junto aos cursos de História e Pedagogia do Campus Senador Helvidio Nunes de Barros, ouvindo alunos, colegas de profissão que atuam na universidade e no ensino básico, tanto na rede privada quanto na pública. Por essa trilha chegamos a 15 nomes, entretanto 5 não demonstraram interesse em participar da pesquisa. Restaram 10 nomes, que, na tentativa de estabelecer uma melhor aproximação, criamos, via Whatsapp²⁹, um grupo de diálogo e troca de material didático para o ensino de História.

Seguindo essa estratégia, o grupo reuniu 10 nomes, destes, 4 não demonstraram interesse em interagir com a proposta; de forma reservada, educadamente, pediram para sair do grupo, alegando falta de tempo para participar da pesquisa. Os demais demonstraram interesse pelo processo, bem como disposição para nos conceder tempo, para que pudéssemos registrar suas narrativas de vida. Deste modo, selecionados 6 professores narradores de suas histórias de vida, tendo como *locus* de pesquisa a microrregião de Picos, no Estado do Piauí.

Nessa rede de relações e colaboração, foi formado um grupo heterogêneo, composto por seis professores com formação em História e que atuam no ensino básico e superior, na rede privada e na pública. Estando organizado da seguinte forma: duas professoras que atuam no ensino básico, Fundamental e Médio, e dois professores que atuam no Ensino Médio, tanto na rede privada quanto na pública; dois professores que atuam no ensino superior, um na rede federal de ensino e outro em uma faculdade particular.

Durante as narrativas, oportunizamos a cada um, a escolha de codinomes que correspondessem ao perfil individual dos colaboradores. Por questões de formação, memória e afeto, os codinomes sugeridos foram: Professora Tarsila, Professora Frida, Professor Simpson, Professor Vicente, Professor Patativa, Professor Robson. Reiteramos que há em cada escolha uma relação com a história dos nossos narradores, e que estes dispuseram ainda, registros pessoais de suas histórias para composição deste texto, como fotografias, panfletos, escritos pessoais, enfim, materialidades narrativas.

²⁹ ²⁹ **Whatsapp** é um **software** para **smartphones** utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à *internet*. FONTE: <https://www.significados.com.br/whatsapp/> Acesso em 23 de setembro, de 2019

Os estudos tomam como aporte teórico as obras: Benjamin (2012); Portelli(1996); Clandinin e Connelly (2015); Duarte Jr. (1986,1994,1996); Espinosa (2009); Guimarães (1997, 2004, 2012); Silva (2006); Goodson (1992), Larrosa (2002); Nogueira (2008); Nóvoa (1995,2002, 2017); Tardif (2008); Snyders (1988; 1974, 2008); dentre outros.

Com esse anunciado aporte teórico, pesquisar sobre formação docente por meio da Pesquisa Narrativa é assumir uma concepção de pesquisa formativa que envolve transformação, envolvimento, sensibilidade, autoconhecimento, uma trilha que nos leve por caminhos e processos de crescimento, desenvolvimento dos sujeitos envolvidos, tanto das pesquisadoras quanto dos 6 docentes colaboradores.

Considerando a relevância deste estudo para pensar sobre o desenvolvimento e uma composição docente que pondere sobre a presença da arte, não como instrumento didático, como anunciamos nesse texto, nossa percepção supera essa perspectiva. Tê-la ou percebê-la por esse viés seria minimizar o seu papel na formação humana, deixar de reconhecer sua grandeza simbólica.

O contexto de estudo nos leva a pensar a formação cultural a partir destas referências estéticas como área de conhecimento, um crescente desafio para pesquisadores da temática formação de professor. A investigação exige a ampliação de discussões sobre métodos, propostas curriculares e processos de formação instaurados para além dos muros da universidade, algo que necessita ser pensado como política de Estado que possibilite ao professor ter contato com outros universos simbólicos, carregados de significados, como é o caso das diversas linguagens da arte.

Há a necessidade de reconhecimento da arte como um modo de saber, um saber que não se opõe à Ciência, assim creditamos a ela um modo de conhecer que se ampara na sensibilidade.

Nesse sentido, a ausência de políticas de incentivo ao teatro, cinema, música, arte literária e dança no Brasil se configura como um impedimento de ampliação cultural dos sujeitos que nutrem culturalmente outras tantas gerações.

A metodologia utilizada se justifica por considerarmos que destacar somente a trajetória acadêmica e profissional dos professores colaboradores deste estudo não alcançaria os objetivos propostos por ele, limitando o desvelar de significados e sentidos que moram em detalhes da experiência de vida que se encontra além da academia. “É preciso saber mais sobre a vida dos professores (GOODSON, 1992, p.

66). Autores como Nóvoa (1992;1995); Tardif (2008), Godson (1992), Imbernón (2010), dentre outros, denominam de Identidade docente e/ou desenvolvimento profissional docente.

Defendemos que, para a construção dessa identidade e desse desenvolvimento, é preciso saber, também, das afetações presentes em suas vidas. Por isso, neste trabalho, esse processo é denominado de composição cultural docente, pois a dimensão central da presente investigação são os saberes da experiência, situados no campo da cultura, significados compostos, especialmente, pelas variadas expressões da arte. Na imagem seguinte, apresentamos a síntese dessa defesa, considerando os saberes que integram a composição cultural do professor de história. (Figura 7):

FIGURA 1 – “Ser Professor de História”



Fonte: elaborada pelas autoras (2019)

Partimos da compreensão de que a história de vida do pesquisador, sua visão de mundo e seu posicionamento político interferem na construção do objeto de estudo, por isso a importância de realizar uma reflexão rigorosa por meio de um memorial que demonstre as motivações pessoais, a minha relação com a arte, com a docência e com o ensino de História.

Por meio das vivências no campo da arte e estudos acadêmicos, apreendemos a problemática desta pesquisa, que envolve conhecimentos sobre arte, educação, cultura e formação docente, sobretudo no que se refere à nossa atuação docente com a disciplina de História. É necessário sublinhar que, os professores/as, de um modo ou de outro, tiveram e continuam tendo contato com manifestações da arte em suas vidas, sendo pouco provável a existência de alguém que não tenha contato com uma ou outra/várias linguagens artísticas. Entretanto, o que é relevante para este estudo é o compreender como *experiência*, na concepção defendida por Larrosa (2002), vivências que nos afetam/atravessam de forma significativa.

Não basta assim ter contato com manifestações da arte, seja música, teatro ou artes plásticas. É preciso que haja encontro entre o eu (sujeito) e a obra (objeto), configurando-se como relação, uma relação tocante, cercada por afeto, algo que diminui ou amplia nossa potência de agir, o *conatus* (Intensidade da vida) (SPINOZA, 2009).

No caso dos docentes, especificamente, o diferencial são experiências com arte, ou na arte de um modo intenso, vivo, uma relação que é expandida para o campo profissional, fazendo-o levar esse afeto para a sala de aula e para junto de seus pares. A arte tornou-se um elemento a mais no processo de ensino e aprendizagem, na medida em que enriquece, desperta, acorda desejos, vontades e descobertas de aprendizagem, bem como a sensibilidade, uma nova forma de sentir, perceber, compreender o mundo e o outro.

Nosso intento é deslocar a arte em suas diversas manifestações culturais de uma perspectiva informativa para o lugar formativo que ela incita, uma vez que ocorre uma nova leitura de mundo, assumida numa perspectiva crítica, sem abrir mão da boniteza e da alegria (FREIRE, 2010; SNYDERS, 1988).

Realizar uma análise crítica sobre a presença da arte na formação de professores requer de nós alguns esclarecimentos que situem o papel da escola, do professor na sociedade contemporânea. É preciso reconhecer as complexas caracterizações da sociedade, que vive sob a égide da informação (quase sempre imediata) e reconhecer a multidimensionalidade do processo educativo (CANDAU, 2002), para superar a unilateralidade tecnicista que durante muito tempo reinou quase que absoluta no meio educacional. Trabalhar a formação docente como treinamento técnico é amesquinhar seu caráter formativo (FREIRE, 2010).

Ferraz; Fusari (2010, p. 17) fazem uma incisiva defesa da presença da arte na educação, destacando que:

A educação através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total [...]. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence.

A partir dessas premissas, concordamos com Snyders (2008), ao defender que cabe à escola a responsabilidade de ampliar a dimensão da expressão, da curiosidade, do conhecimento e da criatividade. Apesar de alguns estudos sobre os aspectos da formação cultural dos professores, ainda há muito a se debater, fazer. São questões que envolvem currículos, concepções didáticas e outras tantas oportunidades formativas.

Mesmo nos documentos oficiais, as referências à formação cultural dos professores são mencionadas de forma tímida, apesar do reconhecimento de sua relevância (GATTI; BARRETO, 2009). Os documentos de políticas públicas apresentam diretrizes pontuais sobre essa temática. O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2015) indica em suas diretrizes ações voltadas para a valorização dos (as) profissionais da educação, entretanto em suas respectivas metas não há menção a melhorias ligadas ao acesso à arte, em suas diversas representatividades. O que seria uma oportunidade de ampliar o processo de enriquecimento cultural docente, por conseguinte dos educandos que se nutrem dos saberes e da sensibilidade de seus professores.

Para Snyders (2008), a alegria cultural, estética, é o que constitui as duas funções da escola. O autor faz essa defesa justificando que os jovens passam os anos mais belos de suas vidas na escola. Dessa forma, é preciso que a escola fortaleça a vida presente das juventudes³⁰, sendo a arte parte integrante da cultura juvenil, uma relevante via para esse fortalecimento. É válido destacar a afirmativa de Duarte Jr. (1994, p.17):

³⁰ Estudos recentes demonstram a existência de juventudes (no plural) e não de juventude (singular), considerando a diversidade e complexibilidade juvenil na contemporaneidade, bem como os muitos modos de vivenciar esse período da vida. Dentre os pesquisadores que estudam essa temática, destacamos a pesquisadora de Regina Novaes Professora do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A conceituação da educação de uma perspectiva mais abrangente que a simples transmissão de conhecimento envolve a consideração da educação como um processo formativo do humano, como um processo pelo qual se auxilia o homem a desenvolver sentidos que orientem a sua ação no mundo. Neste sentido, o termo educação transcende os limites dos muros da escola para se inserir no próprio contexto cultural onde se está.

Nogueira (2008) entende que a arte estimula a reeducação dos sentidos e propicia a ressignificação do ser humano na relação consigo, com o outro e com o meio, portanto, equaliza uma nova visão de mundo. Nessa mesma vertente, assevera Barbosa (1998, p. 40) que a leitura do trabalho artístico “é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica.” Nesse aspecto, compreendemos que a busca por imprimir essa capacidade questionadora nos discentes deve ser perseguida por quem intenta lecionar História.

Na busca de aproximação conceitual e apropriação do Método que guia essa proposta investigativa, bem como os procedimentos metodológicos, apresentamos aqui algumas definições sobre a Pesquisa Narrativa. Em seguida, realizamos a apresentação de alguns procedimentos metodológicos usuais no desenvolvimento desta proposta científica. Na sequência, relatamos como procedemos à análise das narrativas. Conhecer os procedimentos, dominar as técnicas de pesquisa são passos relevantes para o bom desenvolvimento investigativo no campo das Ciências (TRIVINOS, 2006).

A abordagem qualitativa ativa princípios delineadores de uma descoberta do fato a partir de uma interpretação da realidade. Ao elegermos o enfoque qualitativo, buscamos conhecer a interpretação dos sujeitos pesquisados (professores do ensino básico, da rede pública municipal) acerca da presença da arte em suas vidas, em seus respectivos lugares, nas suas formações e em suas aulas, tentando capturar a influência da composição cultural alcançada e trabalhada em suas professoralidades³¹.

Segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa é “subjetiva e impressionista”. Portanto, ela é um trabalho que não prescinde da criatividade, realiza-se fundamentalmente por uma linguagem baseada em conceitos, proposições,

³¹ Procedimentos de constituição do sujeito professor ao longo de seu curso profissional, que compreende espaços e tempos em que o docente constrói e reconstrói suas práticas educativas (OLIVEIRA, 2003).

hipóteses, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular.

No Brasil, muitas pesquisas qualitativas, na área de educação, abordam a formação docente pelo método de Histórias de Vida, o que demonstra sua relevância para a Ciência, o seu significado para estudos que valorizam a perspectiva da experiência no desenvolvimento pessoal e profissional dos sujeitos.

Nessa proposta investigativa que se assume como uma pesquisa narrativa, a história oral de vida situa-se com a técnica de acesso e registro das vozes, das narrativas de vida dos professores de História, na busca de compreender a constituição formativa docente como composição cultural humana. São importantes as contribuições de Bosi (1998), Clandinin e Connely (2015), Guimarães (1997), que argumentam a favor da sedimentação do método em estudo.

Tais estudos despertam o desenvolvimento de identidades que se constituem a partir dos significados alcançados socialmente. Seguindo essa trilha, Pimenta (2005) afirma que a identidade profissional se estabelece a partir do significado social da profissão, dos valores cultivados pelo professor, por meio de suas atividades, de suas buscas, de sua formação, enfim, de sua história de vida (NÓVOA, 1992).

Refletir sobre formação e desenvolvimento profissional docente na sociedade contemporânea é algo imperativo para quem exerce profissionalmente a formação de formadores. Realizar essa reflexão numa perspectiva analítica crítica requer ações perseverantes, de estímulo ao ensino e à pesquisa no âmbito acadêmico.

Considerando o contexto social em que se instaura a ação docente – universidade como espaço de incentivo e autorizado para o exercício da Ciência – a Pesquisa narrativa favorece construção de dados que ampliam conhecimento, com mudanças de posturas dos professores, incentivando novas pesquisas que valorizem a experiência de vida dos docentes, componente até há pouco não notado nos estudos referentes à formação do professor³². A palavra experiência, que vem do latim *experiri* (provar, experimentar), é, pois, um encontro, uma relação com algo que se quer provar, experimentar (LARROSA, 2002).

A ampliação das pesquisas narrativas implica parcerias, troca de saberes entre os sujeitos que fazem a escola e os atores que compõem a Universidade – uma

³² De acordo com Nóvoa (1992) há pouco mais de três décadas os estudos sobre a identidade da profissão docente têm sido explorados.

efervescência de encontros, experimentos e descobertas formativas no campo da docência.

A seguir, expomos a caracterização e relevância referentes à Pesquisa Narrativa no processo que envolve a formação do professor. Nessa exposição fica evidente que a pesquisa narrativa não segue o mesmo percurso das pesquisas ditas formais (CLANDINN, CONNELLY, 2015).

1.2.1 Pesquisa Narrativa - método de pesquisa

O presente estudo se inscreve como momento de ampliação dos saberes referentes à Pesquisa Narrativa que, segundo Connelly e Clandinin (2015, p. 11), “é a forma que nós seres humanos experimentamos o mundo partindo da ideia de que todos nós, seres humanos, somos por natureza contadores de histórias, que individualmente ou socialmente vivem vidas que podem ser relatadas”.

A Pesquisa Narrativa é uma forma de abarcar a experiência, a partir de uma rede colaborativa instaurada entre pesquisadores e participantes. Conforme Clandinin e Connelly (op. cit., p.31), “Aprendemos nos mover para trás (retrospectivamente) e para frente (prospectivamente) entre o pessoal e o social, simultaneamente pensando sobre passado, o presente e o futuro, e assim agir em todos os *milieus* sociais em expansão”. Uma relação que vai se ampliando e ganhando contornos de interação entre os envolvidos, são histórias vividas e contadas”.

A proposta pressupõe um processo de autoescuta, autorreflexão, portanto de autoformação. A vocalização do que se viveu promove a constituição de uma nova consciência de si. Deste modo, instaura-se para além das perspectivas técnicas, mostra-se fecunda na busca de conhecer dimensões que não se revelam ou revelam-se timidamente por via de outros instrumentais investigativos. “La narrativa no sólo expresa importantes dimensiones de la experiencia vivida, sino que, más radicalmente, media la propia experiencia y configura la construcción social de la realidad” (BOLÍVAR, 2002, p. 4).

Nesse modelo de pesquisa, a construção dos textos narrativos se processa de várias formas: por meio de registros de campo, registros fotográficos, anotações pessoais, cartas, histórias de vida, autobiografias, notas de documento, anotações em diários, entrevistas não estruturadas, observações diretas, documentos diversos,

projetos, boletins de rendimento escolar, programas de aula, regulamento e normas escritas, como ainda através “de metáforas, princípios, imagens e filosofias pessoais” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.65).

Na pesquisa narrativa, há possibilidade de revisitação da própria história, de um ângulo mais maduro, o que mobiliza os colaboradores a reconstruírem a visão de si mesmo, refletindo sobre sua trajetória, ressignificando suas ações e, de forma mais rigorosa, constroem uma consciência de suas ações. Assim, concordamos com os autores: a narrativa é a melhor forma de entender a experiência. “A experiência acontece narrativamente. A Pesquisa Narrativa é uma forma de experiência narrativa. Portanto, a experiência educacional deve ser estudada narrativamente” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.19).

Corroborando esse pensamento, Guimarães (1997, p.31) ressalta que

[...] é preciso considerar como os ciclos particulares da vida influenciam no trabalho profissional; lembrar que os estágios da carreira e as decisões sobre ela só podem ser analisados em seu próprio contexto; e levar em conta os incidentes críticos na vida e no trabalho dos professores que podem afetar sua percepção e suas práticas.

Sobre a pesquisa narrativa, é válido destacar as tensões que envolvem o processo, reiterando que ela se distingue das pesquisas denominadas por Clandinin e Connelly (2015) de formalistas. Nela, há envolvimento sim do pesquisador, pois o não envolvimento pode comprometer a compreensão das narrativas exploradas, nesse momento surge a necessidade de busca do equilíbrio, considerando que a proposta investigativa é relacional. Sobre o pesquisador, Clandinin e Connelly (2015, p.121), enfatizam:

Eles devem tomar-se completamente envolvido, devem apaixonar-se por seus participantes, e devem também dar um passo para trás e olhar suas próprias histórias na pesquisa, as histórias dos participantes, assim como a mais ampla paisagem a qual todos eles vivenciam. Essa tensão de mover-se retrospectivamente e prospectivamente entre o completo envolvimento e o distanciamento é, como em nossas relações pessoais do cotidiano, a responsabilidade de não estar sozinho como pesquisador e nem como participante.

É possível afirmar, que a pesquisa narrativa foca na experiência do sujeito, a experiência é, pois a plataforma central da proposta investigativa, o que realça os aspectos da subjetividade, que, para a perspectiva formalista, nem sempre são considerados.

Por esse mesmo viés, Portelli (1997, p.31) afirma que as [...] entrevistas revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”. O autor ratifica a memória como sendo um ato contínuo:

(...) a memória não é apenas um depositário passivo de fatos, mas um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado, quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico (PORTELLI, 1997: 33).

Nessa perspectiva, de respeito e reconhecimento sobre a relevância da memória, destacamos a necessidade do cuidado, da conservação da ética e do equilíbrio, que precisam estar presentes na objetividade da busca, da sujeição ao rigor próprio do método eleito, que, a nosso ver, atende aos objetivos dessa investigação. Ponderando os meandros subjetivos, a pesquisa narrativa ancorada na abordagem qualitativa da pesquisa educacional mostrou-se o caminho mais adequado para a construção da presente tese.

A seguir, apresentamos as características e peculiaridades da História Oral de vida, nossa estratégia metodológica de construção de dados. Apresentamos a exposição de suas etapas fundamentais e técnicas para registro, bem como os procedimentos analíticos possíveis. De acordo com Severino (2007, p.124), as técnicas são procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas, conduzidas mediante diferentes metodologias.

Segundo Meihy (1996, p.15), existem alguns critérios práticos e éticos para a condução do método de História Oral, a saber:

[...] elaboração de um projeto; definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas; planejamento da condução das gravações; transcrição e conferência do depoimento; autorização para o uso da história; publicação dos resultados, sempre que possível.

Assim, é possível afirmar que é viável e necessária quando a demanda investigada exige essencialmente a captação e interpretação de fatos históricos e sociais. Conforme Paulino (1999, p. 136),

O universo não passível de ser captado por hipóteses perceptíveis, verificáveis e de difícil quantificação é o campo, por excelência, das

pesquisas qualitativas. A imersão na esfera da subjetividade e do simbolismo, firmemente enraizados no contexto social do qual emergem, é condição essencial para o seu desenvolvimento. Através dela, consegue-se penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais ações e relações adquirem sentido. Sua utilização é, portanto, indispensável quando os temas pesquisados demandam um estudo fundamentalmente interpretativo.

Nessa perspectiva de cientificidade, a História Oral de vida pressupõe passos metódicos que permitem uma investigação rigorosa e criteriosa. Para Meihy e Holanda (2010, p.15),

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; autorização para uso. Arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

O ato de lembrar é trabalho, é o reconstruir da memória (BOSI, 1998). Quando essa reconstituição é problematizada, analisada, dado o trato científico, ganhamos a oportunidade de compartilhar, de preservar culturas e adubar outras. A História Oral, seguindo os fundamentos científicos que lhe são peculiares, tem-se mostrado como um caminho crível nessa busca.

Ratificamos que nesse trabalho ela se apresenta como técnica de construção de histórias dentro do escopo da Pesquisa Narrativa. Considerando que, para os objetivos estabelecidos para o presente trabalho, a pesquisa narrativa se mostra como crível, tendo a História Oral como a estratégia mais adequada para o alcance prático da proposta.

Sobre as ramificações da História Oral, há abordagens distintas (MEIHY; HOLANDA, 2010), quais sejam: História Oral de Vida, História Oral temática e Tradição Oral.

A primeira trabalha com o registro das vivências, busca a captação do sentido de experiências subjetivas, segue a perspectiva da entrevista livre; a segunda vincula-se a uma abordagem sobre algum assunto específico, trabalha com recortes da experiência; a terceira liga-se ao mundo arcaico, percebe o indivíduo como veículo de transmissão de tradições antigas.

Feita essa exposição sobre os procedimentos e métodos, acreditamos que o uso da História Oral assumida como estratégia de investigação na Pesquisa

Narrativa, no campo da educação, pode desvelar importantes dimensões históricas e sociais para os estudos sobre formação docente dos professores de História, pois o narrador vocaliza suas vivências, retira e externa o que emerge do mergulho de suas memórias e contribui para a estruturação de registros de história que, sem esses processos, poderiam ficar silenciadas, ocultas, não registradas.

Os procedimentos técnicos utilizados na concretização da pesquisa em História Oral devem apresentar coerência com a proposta de busca. Todo o trabalho com os documentos é compreendido em dois momentos distintos: o primeiro, de registro de vozes, gravações de entrevistas; o segundo, de análise do conteúdo. Essa análise abriga a complexidade processual, vai desde a elaboração do projeto até a publicação dos resultados fundados mediante o artifício teórico-metodológico.

As narrativas orais trabalhadas nesse aspecto, refinadas como documentação, ou seja, esse tipo de entrevista vai além de uma escuta e gravação casual. É o cuidado dispensado ao documento nascido em forma de texto que difere a História de Vida de outras formas de entrevista (MEYHI, 1994).

A atenção dispensada aos procedimentos aplicados pode garantir confiabilidade nos resultados da pesquisa e, por extensão, nas contribuições históricas e sociais para sua área. Para Mesquita e Guimarães (2006, p.2),

[...] o ato de rememorar promove o encontro entre os sujeitos para compartilhar experiências, registrá-las e divulgá-las sob a forma oral e escrita. A recuperação da narração suscita e (re)constrói memórias que estimulam análises e discussões sobre situações individuais e coletivas, compreendidas a partir do contexto social, pois o que nós pensamos, vivemos e sentimos, está intimamente ligado ao(s) outro(s).

Nesse trabalho de reconstrução, alguns dos procedimentos não podem ser deixados de lado. No que diz respeito ao tempo, há o tempo de registro de dados (gravação) e o tempo de estruturação do documento (tempo de análise de seu conteúdo). Acerca da aproximação para o momento das entrevistas, o pesquisador precisa se cercar de cuidados e procedimentos técnicos. É preciso formalizar o encontro, esclarecer os objetivos, as intenções e a importância dela para a sociedade e para o próprio pesquisador. Essa formalização pode ocorrer por meio de cartas, telefonemas, e-mail e até pelo contato direto. Nessa pesquisa, entramos em contato via telefonema, e-mail.

Nessa organização, o local, o ambiente da entrevista, da escuta atenta para as narrativas, é algo que deve ser pensado com o cuidado e a sensibilidade de quem intenciona despertar, reviver memórias pertinentes e valorosas para a busca empreendida. Sobre essa questão, lembramos Thompson (1998, p.265), para quem este

Deve ser um lugar em que o informante se sinta à vontade. Em geral, o melhor lugar é sua própria casa. Isto é particularmente verdadeiro no caso de uma entrevista centrada na infância e na família. Uma entrevista no local de trabalho, ou num bar, irá ativar mais fortemente outras áreas da memória (...) um passeio pelo bairro pode também mostrar-se compensador e estimular outras recordações.

Deste modo, a escolha dos colaboradores, o local e horário e tudo que integra o processo, deve respeitar as disponibilidades do entrevistado e o bem-estar, o que demonstra, de maneira incisiva, a importância de um projeto. No caso de indisposição do narrador, remarca-se o encontro, de acordo com sua rigidez e determinação. Não há como entrevistar alguém indisposto, que realize o procedimento fragilizado ou com má vontade. Também se recomenda a possibilidade de uso de material que mobilize as lembranças, como fotos, cartas, imagens e até músicas. Esses são alguns dos procedimentos e técnicas possíveis e passíveis na investigação em História Oral (THOMPSON, 1992).

Sobre o entrevistador – pesquisador – existem diversas formas de entrevista, desde as que se apresentam em um contexto mais informal, até aquelas orientadas por rigorosas estratégias que guiam o ato de perguntar. O bom entrevistador deve ser cuidadoso, habilidoso, na maneira respeitosa de abordar. De acordo com Thompson (1992), a disposição para a escuta, para o silêncio, é algo imprescindível a quem se dispõe trabalhar com narrativas de vida.

Dando continuidade, na sessão seguinte, abordaremos questões pertinentes ao registro e produção de documentos. Nessa etapa, exige-se o mesmo cuidado, sensibilidade e uma extrema atenção para a transcrição, textualização, análise e interpretação.

A análise é uma fase não menos importante do que a realização das entrevistas. Assim como se exige no momento da escuta, o momento da transcrição das vozes dos professores requer habilidades de um bom pesquisador a fim de que, ao transcrever e interpretar o conteúdo das gravações seja possível encontrar

respostas aos problemas que mobilizaram a pesquisa e que, portanto, venham a contribuir com os avanços e conhecimento da área estudada.

A fase de documentação apresenta-se como uma delicada fase da pesquisa de História de Vida – importante, tanto pelo rigor exigido pela ciência, quanto pela delicadeza e responsabilidade que envolve a aproximação extrema com o mundo do outro, que, antes de ser um sujeito da pesquisa, é uma pessoa, profissional, esposo, pai, mãe, filho, com sentimentos e fragilidades tipicamente humanos. Trabalhar com documentos, enquanto arte de documentação, intenta superar a conjectura da entrevista casual (MEIHY, 1994). A análise deve considerar a reconstrução dos fatos pelo narrador, ciente de que o que é narrado e textualizado corresponde à verdade da narrativa.

Conhecer a história de vida das pessoas sugere fazê-lo a partir de uma tomada de consciência de seus procedimentos, de suas exigências metodológicas – o que requer cuidado e grau elevado de atenção na aplicação das técnicas de registros por parte do pesquisador, sob pena de comprometer a validade do seu estudo. Esses cuidados, além de necessários ao fazer científico, criam oportunidades de aproximação com o eu do sujeito, traduzido pela voz do passado, das memórias, que farão parte de um novo documento.

Todo o rigor presente em cada ação, no decorrer da pesquisa, deve ser considerado por quem se propõe a realizar a pesquisa conforme a proposta metodológica em discussão. A condução coerente no processo de análise, que requer organização de tempo disponível para realizar as entrevistas, bem como a transcrição das gravações, são tarefas distintas, mas que se completam e que se condicionam mutuamente.

É importante destacar que a tarefa de pré-análise é uma importante bússola de orientação para seguir na busca por novos elementos basilares para um segundo contato³³. Toda essa prudência tem a intenção de, no exame crítico das narrativas obtidas, garantir maior aproximação e confiabilidade ao estudo empreitado.

Os procedimentos e posturas aqui apresentados solicitam do pesquisador competência não só técnica, sistemática, mas também paciente e criativa. Tal discussão será posta de maneira fluida, contextualizada no texto da tese. A seguir, apresentamos partes que integram a tese denominada de partituras.

³³ Segundo estudiosos da área, como GUIMARÃES (1997), MEIHY (1994), a pesquisa História oral de vida exige mais que um contato para a realização da construção de dados.

1.3 PARTITURAS DA TESE

A tese está organizada em sessões. Inicialmente, apresentamos um memorial denominado: **HÁ UM PASSADO NO MEU PRESENTE: A ARTE QUE HABITA EM MIM**, seguido da Introdução, três sessões e as reflexões finais. No memorial destacamos nossas vivências no campo da arte e sua relação com a nossa composição docente.

Na Introdução, **DELINEANDO O TEMA, PROBLEMA, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS**, tratamos de uma exposição do processo de construção da pesquisa e uma revisão de literatura que aborda a formação do professor e a arte, bem como a definição dos colaboradores e da metodologia escolhida.

Na primeira sessão, denominada **A EXPERIÊNCIA E ARTE: ELEMENTO FORMATIVO DO PROFESSOR\PESSOA E DA PESSOA\PROFESSOR**, demonstramos a relevância da experiência e da arte como algo que afeta a composição de vida que se desdobra em várias dimensões: pessoal, profissional, cultural, política e social, dos professores. Na segunda sessão, **O LUGAR E O TEMPO DA VIDA VIVIDA: NARRATIVAS DE PROFESSORES DE HISTÓRIA**. Nesse espaço textual apresentamos o cenário, os professores protagonistas e suas respectivas narrativas. Registramos oportunidades de vivências em arte, as afecções que se fazem presentes em suas vivências pessoais e profissionais, os afetos e as redes de relações construídas nos respectivos territórios.

Registrar a voz dos professores de história que atuaram na microrregião de Picos-PI no ano 2018 é o foco da terceira sessão, intitulada **“FALANDO DA VIDA EM RÉ MAIOR: POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS DA ARTE E DA NARRATIVA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA”**. O objetivo central é apresentar as potencialidades pedagógicas da arte presentes nas mais diversas vivências docentes e das narrativas docentes que revelam os meandros afetivos do processo de composição e desenvolvimento de suas identidades.

Na última partitura, as **considerações finais**, intitulada **“VIDA, ARTE, PROFISSÃO PROFESSOR: NOTAS REFLEXIVAS”**, apresentamos os achados da pesquisa, bem como nossas reflexões acerca do processo investigativo, as possibilidades de potencialização do desenvolvimento formativo do professor de história por meio da fruição da arte e da reflexão estimulada pela narrativa de vida.

A tese move-se na esteira da História Cultural, que reconhece a relevância da dimensão da subjetividade no processo de formação de professores de História. A partir do estudo empreendido, podemos afirmar ainda que oportunizar experiências estéticas, de fruição, para os profissionais da docência é também ampliar a compreensão da arte como válida para desenvolvimento subjetivo e objetivo da docência, pois esta é, também, uma forma de saber possível de ser fortalecida no campo da experiência.

2 A EXPERIÊNCIA E ARTE: ELEMENTOS FORMATIVOS DO PROFESSOR\PESSOA E DA PESSOA\PROFESSOR

*E o mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência
Será que é tempo que lhe falta pra perceber
Será que temos esse tempo pra perder
E quem quer saber
A vida é tão rara (Tão rara).
(Lenine)³⁴*

Nesse espaço textual intencionamos pensar a arte como algo integrado à experiência de vida, sendo um elemento que integra nossa humanidade, nos compõe culturalmente, ampliando nossa estética do olhar, capaz de depurar o mundo de forma bonita, crítica e criativa. Feito esse esclarecimento, nossa busca é demonstrar a importância da arte como experiência, na condição de elemento que amplia o significado do tempo presente. Na busca de clarificar a referida proposta do capítulo, consideramos pertinente trazer para esse debate pensadores que nos fazem refletir sobre experiência, afeto e arte, respectivamente, Benjamin (2012), Coli (1995), Duarte Jr. (1986,1994; 1997), Espinoza (2009), Larrosa (2002).

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). É, pois, um encontro, uma relação com algo que se quer provar, experimentar (LARROSA, 2002). Dessa forma, não se trata de informação, mas vivência, experimento, sentir, ser tocado, algo que exige tempo e capacidade de memória. Quando há experiência, a memória do passado individual entra em conexão com a memória do passado coletivo (BENJAMIN, 2012). Sobre essa temática, Mitrovitch (2007, p.43), afirma:

Benjamin se preocupa em elaborar um conceito de experiência articulado à construção de novas categorias de temporalidade, relacionadas à valorização do presente e, por conseguinte, à crítica das concepções tanto de um passado eternizado quanto de futuros que cantam.

Em uma de suas obras, Benjamin (2012, p. 123) narra a história de um ancião que, no momento de sua morte, revela aos filhos a existência de um tesouro. Disse-lhes que este estava enterrado em seus antigos vinhedos, levando-os a cavar todo o

³⁴ Paciência - Compositor: Lenine, Dudu Falcão- disponível em: <https://www.vagalume.com.br/lenine/paciencia.html>: Acesso: 18 de fevereiro

local desesperadamente, em busca da anunciada fortuna, entretanto, nada foi encontrado. Com a chegada do outono, com a terra remexida, as vinhas produziram de maneira abundante, mais que em qualquer lugar perto dali. Assim, compreenderam, não de imediato, mas no tempo necessário de se ter uma experiência (Erfahrung). Houve ali a passagem de experiência, o verdadeiro tesouro adquirido através dos tempos.

Por meio dessa narrativa, revela-se a valorização do vivido, a compreensão de que se vive o tempo presente, em seus sentidos, beleza e travessias. O filósofo faz um alerta sobre o esvaziamento das possibilidades de experimentos sentidos no cotidiano, anunciando uma certa urgência de admitirmos a pobreza da não experiência, os riscos da decadência e as consequências negativas geradas por essa indigência do sentir.

A experiência benjaminiana tem como espaço as travessias, lugar em que o tempo tem história, sem imediatismo mecânico e funcional, algo que impede a transferência de significados do tempo presente. Valorizar a travessia do agora é tarefa da experiência, o que, para Benjamin (IBIDEM), é algo intensamente coletivo.

Nesse aspecto, não há uma ênfase de anúncio do futuro, sem que haja ênfase na beleza do tempo presente. Há um processo em que a experiência interliga o passado ao presente e prepara o porvir. No pensamento de Benjamin, conjuga-se experiência/sentido, de modo que, nos instantes da travessia presente, há a conquista do sentido, há então a efetivação da experiência.

De modo conseqüente, Narrar é mais que transmitir informações, é um modo artesanal de se comunicar que exige tempo, prática e um certo grau de dedicação. Nessa esteira, o conceito central da teoria de Benjamin (2012, p. 201) é a experiência, comunicada, divulgada por meio da expressão narrativa, uma vez que o “[...] narrador retira da experiência o que ele conta [...]”.

Ao reconhecer a relevância da dimensão experiência/afeto/sentido em um mundo cercado pelo pragmatismo, também se reconhece a dimensão formativa pedagógica da experiência e dos sentidos presente no processo, à medida que, com ela e por ela, é possível acrescentar a perspectiva teoria/prática. Nesse processo de valorização da esfera experiencial, é possível recuperar ou dar destaque à perspectiva da subjetividade na constituição da realidade social. Indaga Benjamin, 2012, p.114:

[...] Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado hoje por um provérbio oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando sua experiência? Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa.

Pensar sobre a categoria experiência como um relevante potencial educativo de reflexão rigorosa é um modo de interligar as aprendizagens do passado com as descobertas do presente. Há nesse procedimento um caráter estético na constituição da história social das vivências humanas. Conforme Severino (2006, p. 632), “a experiência estética constitui o último modo de resistência dos indivíduos à desenfreada opressão causada universalmente pela racionalidade técnica da sociedade capitalista contemporânea”.

Sob essa perspectiva, é importante ressaltar que, para Benjamin (2012), interessa destacar a sensível beleza da memória, é preciso manter a capacidade de transmitir experiências. A descomedida evolução da técnica não pode superar a capacidade humana de sonhar e criar. Esse é o papel permanente da estética benjaminiana: “Intercambiar experiências” (2012, p.198).

Ao abordar o tema experiência, Jorge Larrosa (2002) nos faz pensá-la como processo de relação, experimento que exige tempo, uma não celeridade, uma linha de pensamento que o aproxima dos versos do poeta Lenine, que abrem o texto. Na forma aqui proposta, arte é experimento, é relação, encontro, é vida e “a vida é tão rara.”

A cada dia se passam muitas coisas; porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado, “[...] nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (IDEM, 2002 p. 21). Em um tempo de imediatismos e celeridades, com pouco espaço para experiências (LARROSA, 2002), o mundo se faz cada vez mais veloz em suas diversas formas de manifestação. Nesse aspecto, a arte se mostra como uma possibilidade de constituir experiências do sentir, aguçando a sensibilidade estética, sem a qual não há experiência cultural, circunscrita no campo das emoções que não se aparta do campo cognitivo, configurando-se como um todo integrado.

Na contramão desse imediatismo, repletos de informações fragmentadas, por vezes rasas, desejamos reafirmar a raridade da vida, sua relevância e preciosidade,

uma vida composta por experiências cheias de sentido, aberta à beleza propiciada pelos manifestos da arte.

Larrosa (2002) afirma que experiência é processo que pressupõe tempo, exige silêncio, reflexão, internalização das capturas do que nos ocorre, do que se passa. Como experiência, vivências e fruição, a arte integra as experiências humanas, afetando-nos de um modo singular que aprimora nossos sentidos. O homem é marcado e deixa marcas no mundo, afeta e sofre afetações, estas ampliam ou amenizam nossa capacidade de agir, pois não há como separar corpo e mente (ESPINOZA, 2009).

O uso do termo afeto segue a concepção spinozista. Os afetos têm um papel fundamental na filosofia de Spinoza. Os afetos avançam de uma perspectiva teórica para a perspectiva prática, fazendo a defesa de que o conhecimento é alcançado por meio dos afetos (MARTINS, 2008). Afetar-se e ser afetado contribui para a ampliação do que o filósofo denomina bons encontros; no caso em questão, o encontro com a arte. Para Espinosa, não há separação entre razão e afetos, a afetividade humana se funda como uma demonstração particular da potência integral da natureza.

Assim, há uma unidade corpo e mente, razão e sentimento, subjetividade e objetividade. De acordo com o autor, “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (ESPINOZA, 2009. p.163).

Os afetos são potências passíveis de modificações; de acordo com os encontros estabelecidos, ser afetado é passar de uma perfeição menor para uma maior – alegria – ou o inverso, de uma perfeição maior para uma menor – tristeza. Para o filósofo, há três afecções básicas: alegria, tristeza e desejo, as demais afecções nascem destas três.

De acordo com Chauí (2011), a relação entre razão e afetividade em Spinoza é complementar, e não de aversão; corpo e mente são manifestações coexistentes, integrando a mesma substância. Nesse caso, é possível afirmar a existência de uma interdependência.

Em Espinoza, a vida se faz e se refaz no encontro com outras vidas. Nesse movimento, há incidências dos bons e maus afetos, como alegria, tristeza e desejos (DUENHA, 2015). São afecções capazes de impulsionar ou refrear sua potência de agir. No presente estudo, a ênfase centra-se nos encontros com as diversas

linguagens da arte, como corpo capaz de gerar bons encontros nas experiências vividas.

Na dinâmica da vida, somos afetados e afetamos outros corpos de muitos modos. Spinoza (2009) entende que o corpo pode ser afetado de várias formas, de acordo com os encontros. “O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (SPINOZA, 2009, p. 99). No que tange ao processo formativo educacional na contemporaneidade, somos cercados por um amplo campo de informação, algo diferente de experiência que nos nutre culturalmente (LARROSA, 2002).

O sujeito superinformado não encontra tempo e disposição para sentir de forma mais intensa por meio da fruição da arte. Nesse modo de agir, de certo modo “abre mão” de construir novos sentidos, estabelecer novos olhares sobre as *cousas* do mundo. Deixar de vivenciar experiências estéticas é abdicar de uma importante fonte de desenvolvimento e elevação de criticidade, que articula, gera uma visão particular do contexto objetivo. A arte decompõe os códigos convencionais, põe-nos em desordem, possibilita a cartase, um novo olhar, um novo lugar, um novo homem (ECO, 1997).

Neste estudo, apresentamos a arte com um encontro positivo, capaz de gerar boas potências. Entrar em contato com novos modelos culturais causa alegria, não uma alegria qualquer, comparada aos prazeres habituais, mas uma certa plenitude que nos invade quando abrimos diálogos com o que nos faz crescer, a possibilidade de sermos **acrescidos culturalmente** (*grifos nossos*), (SNYDERS, 1974).

O sentido de cultura aqui defendido se integra à formação cultural humana, ligada diretamente ao campo das artes; portanto, neste trabalho, não é nossa pretensão realizar uma discussão expandida no campo filosófico e antropológico em torno do termo cultura. Nas linhas seguintes, fazemos uma síntese da evolução do termo cultura a partir dos estudos de Denys CuChe (2002), na obra “A Noção de Cultura nas Ciências Sociais”.

As palavras têm história e, de certa maneira, também as palavras fazem história (CUCHE 2002, p.17). Com a palavra cultura é assim³⁵ e, portanto, na condição de ter e fazer história sofre alterações interpretativas ao longo do tempo.

³⁵ A evolução de uma palavra-se, de fato, a inúmeros fatores que não são todos de ordem linguística. Sua herança semântica cria uma certa dependência em relação ao passado nos seus usos contemporâneos. (CUCHE 2002, p.18)

Na mesma obra, Cuche apresenta dois importantes clássicos em estudos sobre cultura, a saber: Edward Tylor (1832-1917), que, por sua obra, é considerado o criador da antropologia britânica. Foi esse estudioso que propôs pela primeira vez a definição etnológica da palavra cultura, sendo possível afirmar que ele é o primeiro etnólogo a tratar efetivamente dos fatos culturais numa perspectiva geral e sistêmica. “Ele foi também o primeiro a se dedicar ao estudo da cultura em todos os tipos de sociedade e sob todos os aspectos, materiais simbólicos e até corporais (op. cit. p. 37). Para Tylon, a hesitação entre cultura e civilização é característica do contexto da época (CUCHE, 2002, p.36).

O outro importante clássico nos estudos sobre cultura é Franz Boas (1858-1942), que, nos estudos de Cuche (2002), é apresentado como o primeiro antropólogo a realizar pesquisa *in loco*. Assim funda a etnografia. Para Boas, apud Pereira (2011), é válida a diversidade, a pluralidade cultural que compõe a humanidade. Suas ideias negam a superioridade classificatória prescrita pelo evolucionismo e o determinismo cultural debatidos.

Duarte Júnior (1994, p. 52) afirma:

A cultura é “uma realidade na qual nada carece de significado” justamente por ser ela a própria construção do significado: por ser ela a expressão dos valores de determinada comunidade humana. Na cultura a vida adquire um sentido, concretizado em suas construções.

Neste estudo, que dialoga sobre a composição da cultura, reiteramos o alinhamento com a perspectiva da pluralidade cultural, considerando que esta é tão somente o resultado da conexão de muitas partes, uma combinação de variados elementos que envolvem a vida humana. Destarte, de maneira especial, para se tratar de cultura, está em destaque, conforme Bernardes (2010, p. 137), o campo da arte:

[...] a noção de cultura abrange todos os atos inteligentes do homem no exercício da liberdade, desde a cultura artesanal, a cultura artística, a cultura científica, a cultura filosófica, a cultura técnica, a cultura tecnológica, até a cultura moral, no campo da ética.

Por sua vez, Morin (2003) enfatiza que é preciso pensar a palavra cultura em seu sentido antropológico, que tem como meta fornecer conhecimento, símbolos,

valores e ideias que orientam a vida humana. A arte como manifestação da cultura deve ser para todos, uma preparação para a vida.

Perceber a formação dos professores sem atentar para seu tipo de formação é, de certa forma, deixar lacunas nesse processo formativo. A edificação do conhecimento está entremeada com a composição cultural do indivíduo. Apreendemos e conhecemos o mundo pelos códigos de comunicação que nos são disponibilizados dentro de um determinado tempo e espaço.

Na arte o que há de mais visível é a sua inclinação de comunicar. “A arte não comunica, a arte é comunicação (...), diz, Laterza³⁶. A arte só cumpre a sua função social porque ela é cultural” (BERNARDES, 2010, p138).

O homem é essencialmente um ser de cultura. O longo processo de hominização, começado há mais ou menos quinze milhões de anos, consistiu fundamentalmente da passagem de uma adaptação genética ao meio ambiente natural a uma adaptação cultural (CUCHE 2002, p. 09-10).

Para Eagleton (2011, p.141), “estamos imprensados entre natureza e cultura”. Para esse autor, somos a junção de natureza e cultura, marcas de nossa humanidade que é tomada por habilidade simbólica e envergadura criativa.

Sobre a temática, ainda nos diz (EAGLETON, 2001, p.51): “É difícil escapar à conclusão de que a palavra “cultura” é ao mesmo tempo ampla demais e restrita demais para que seja e muita utilidade”. Para Duarte Jr (1994, p. 60), a cultura é a capacidade de simbolizar, denominar os elementos do mundo e de imprimir sentidos e significados para sua vida.

Em essência, pode-se afirmar que educar significa colocar o indivíduo em contato com os sentidos que circulam em sua cultura, para que, assimilando-os, ele possa nela viver [...]. Contudo, “essa “assimilação” não deve subtender uma atitude passiva do sujeito. Não se trata de impor sentidos ao educando, de adaptá-lo a significações preexistentes.

Assim, educar seria permitir que os educandos tivessem acesso a uma gama de significações e as compreendam a partir de suas vivências, desenvolvendo a capacidade de ampliar o olhar, a ação e a percepção de mundo, de vida. Aprender e apreender é um contínuo exercício de descobertas.

³⁶ Moacyr Laterza, foi filósofo, professor da UFMG, destacou-se sobretudo por pensar a arte numa perspectiva filosófica. Sua vida e obra é objeto de estudo da pesquisadora Sueli Teresinha de Abreu Bernardes (BERNARDES, 2010).

A perspectiva de uma composição cultural aqui defendida não se atém a uma forma de cultura singularizada, na esfera popular ou letrada, ilustrada, mas um movimento híbrido de enriquecimento pessoal e de desenvolvimento profissional. Uma professoralidade enriquecida pelas muitas linguagens permitidas pelo mundo da cultura, notadamente, no campo da arte. No que se refere à formação cultural do professor, Nogueira (2008, p. 38) expõe que

[...] o desejável é que ele consiga travar, ao longo de sua vida profissional, contato com o mundo da cultura de forma intensa e diferenciada: que vá ao cinema, que vá ao teatro, que assista a concertos e recitais, que vá a shows e espetáculos de dança, que leia livros literários [...].

A abordagem aqui empreendida argumenta a favor de uma formação docente vivenciada, desenvolvida em espaço/tempo adequado a uma composição cultural que seja nutrida por experiências estéticas e que promova um crescimento *omnilateral*³⁷, que integre corpo/mente, sujeito/objeto, emoções e intelecto.

Na próxima seção, apresentamos conceitos de arte que aqui exploramos. A palavra arte “gera variadas interpretações, dentre elas o conceito de arte como também a vivência do objeto arte” (JANSON, 1993, p. 11).

2.1 O CONCEITO DE ARTE NESTA INVESTIGAÇÃO

A arte é uma das atividades primeiras da humanidade e possui um valor fundamental no processo de exploração da realidade. Por essa via, não se trata de algo complementar ou de natureza secundária, mas de uma linguagem que integra a historicidade de homens e mulheres nos mais diversos tempos e espaços.

São tantas as flutuações no tempo dos vários juízos sobre as artes, tantos os meandros traçados pelo que os italianos chamam de fortuna crítica, isto é, pelos julgamentos da posteridade, que não sabemos mais a que nos ater (COLI, 1995, p.1).

É possível dizer, então, que arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não

³⁷O conceito de omnilateralidade é de grande importância para a reflexão em torno do problema da educação em Marx. Ele se refere a uma formação humana oposta à formação unilateral provocada pelo trabalho alienado. Autor: SOUSA Jr. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/omn.html>. Acesso em 8 de maio de 2018

conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas [...]

Em Japiassu; Marcondes (2001, p.18), encontramos outra sucinta proposta de definição de arte, como sendo:

Atividade cultural que, tanto no domínio religioso quanto no profano, produz coisas reconhecidas como belas por um grupo ou por uma sociedade. A arte recorre sempre a uma técnica. Seu fim é o de elaborar uma certa estruturação do mundo, mas criando o belo.

A partir do século XVIII, as noções de arte e belo alcançaram uma unidade conceitual, essa vinculação é resultante do reconhecimento do belo, tanto dentro quanto fora da arte (ABBAGNANO, 2007). As investigações em torno dos objetos “arte e belo” estão estreitamente combinadas na filosofia moderna e contemporânea, algo que não ocorria na filosofia antiga.

Ao teorizar sobre estética, Schiller (2014) faz uma abordagem do que ele denomina “jogo” ou “impulso lúdico” que interliga razão e emoção. O acontecimento que expressa a humanidade do homem e no homem, que o faz avançar em seus sentidos é a estética, é a natureza do belo, a alegria despertada pela beleza, pela fruição que gera encantamento.

Neste estudo, centramos nosso olhar sobre o aspecto do belo como elemento que afeta nossos sentidos, nossa capacidade de enxergar o mundo, de transformar e de ser transformado por ele. “O termo estética origina-se etimologicamente do grego clássico *aisthesis*, referindo-se ao conhecimento sensível, através dos sentidos, das sensações” (MARTINS 2011, p.312).

A palavra estética tem sido usada para denominar um conjunto de ideias filosóficas que tratam da arte e da beleza. Assim, estética é uma parte da filosofia que se debruça a explicar experiências de beleza³⁸. Afetar, nesse aspecto, tem o sentido de ser tocado, comovido pelo que os sentidos proporcionam. Sentidos que nos fazem ter encontro com o que há de belo.

Deste modo, é possível afirmar que o conceito de arte é polissêmico; por isso, neste trabalho, dada a perspectiva que assume no campo epistemológico que

³⁸Essa conceituação de unir beleza e estética advém do século XVIII, com filósofos como Baumgarten e Kant (DUARTE Jr.1986).

envolve afeto, memórias, narrativas, vida e arte, optamos por trabalhar com o conceito de beleza explorado por Duarte Júnior (1986).

A arte se faz presente³⁹ em obras literárias, como os textos poéticos de Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, Mário Quintana e João Cabral de Melo Neto, na inteligência e criatividade das obras de Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Ariano Suassuna.

As afetações emocionais são proporcionadas por filmes como Central do Brasil, Auto da Compadecida, Bacurau; bem como pelas músicas clássicas de Ludwig van Beethoven e Johann Sebastian Bach; na nossa cultura cantada, nos versos de Caetano, Chico Buarque, Gilberto Gil, Maria Rita, Leila Pinheiro. Os movimentos bonitos e indefectíveis na dança de Antonio Nóbrega; Carlinhos de Jesus e Ana Botafogo também manifestam sua estética. Tudo isso é expressão da arte, da beleza, que pode chegar aos seus apreciadores como experiência, estando essa fruição sujeita às condições de subjetividades e objetivos do processo de fruição.

O termo beleza pode incomodar os que primam pela racionalidade técnica, objetividade e cientificidade, descuidando de que o termo não diz respeito às qualidades dos objetos, mensuráveis, quantificáveis, seguindo determinadas normas e padrões estáticos. Beleza diz respeito à forma como nos relacionamos com esses objetos. Portanto, beleza é relação entre sujeito e objeto (DUARTE JR, 1986).

A arte, como representação da beleza, nos fala do que a linguagem deixa ausente, não consegue exprimir, denominar, classificar de forma verbal algumas formas do sentir. Tentar vocalizar esse sentir de maneira convencional é sempre correr o risco de deixar de fazê-lo em sua inteireza. Há sempre algo a escapar, possível de ficar ausente, impossibilitada de definição.

Se a beleza nasce de uma relação, é necessário um encontro, um momento para que o sujeito seja afetado por ela. Acreditar que nasce na consciência, somente no campo subjetivo, apartada de um contexto objetivo é dizer que não precisaríamos da música, do teatro, da dança, de contemplar o mar e o pôr-do-sol, de outras tantas possibilidades que se manifestam no mundo concreto.

³⁹ Aqui citamos diversos artistas, escritores brasileiros que se destacam na cena cultural nacional e internacional, como dois importantes nomes da música clássica mundial, Beethoven e Bach. Todos autores de obras, capazes de gerar afetações de beleza.

É preciso pensar que as atitudes, o sentir diante da arte não é algo absolutamente espontâneo. A fruição da arte é uma graça que sugere uma certa preparação do olhar, sendo a escola, a aula de História ou outras tantas disciplinas curriculares, espaços, possibilidades de apresentação, de despertar para o belo, que nem sempre é alegre, mas que pode nos tocar e nos acrescentar culturalmente.

Pressupõe um esforço diante da cultura. Para que possamos nos emocionar, o corpo tem que estar preparado ou pré-comovido, para que seja afetado. É sobre essa experiência de afeto, de bom encontro, capaz de gerar alegria⁴⁰ que impulsiona, potencializa o nosso existir, nosso saber-fazer no campo educativo que tratamos nesse construto em forma de tese.

Por isso, para nós arte é um modo de saber, um conhecimento sensível que não faz oposição à ciência, que não é superior nem inferior a outros modos de saberes, mas que é capaz de mobilizar afetos, encontros que potencializam o nosso agir, pois movimentam tanto o corpo como o intelecto.

Dado o exposto, reafirmamos que a arte, que aqui abordamos, segue a perspectiva da experiência estética, vivência cultural, da fruição, dos afetos gerados com os mais variados e experimentados acordes; uma forma de interpretação do real, nem superior, nem inferior, é a que se manifesta fazendo a conexão estética entre o sentir e o pensar - beleza que toca nossos sentidos e consciência. Arte assume referência estética quando se integra à experiência humana, quando ressignifica nosso olhar, nosso sentir, nosso agir.

Dentro dessa compreensão, a experiência estética eleva com intensidade peculiar nossa forma de ver e agir sobre as coisas do mundo. A concretização dessa experiência ocorre no contato, na conexão estabelecida entre o apreciador e a produção artística. Deste modo, configura-se como encontro, relação que se calca sobre a plataforma de experiências acumuladas ao longo da vida.

As vivências, os experimentos e aprendizados de vida e de arte são partes integrantes de um organismo dinâmico, dialético de vida. Seguindo esse caminho, Duarte Jr. (2004) nos diz que a beleza habita uma relação, se instala entre o sujeito e o objeto dentro de um contexto histórico.

⁴⁰ O termo alegria utilizado nesse trabalho, refere-se o que Snyder (1988) denomina alegria cultural, alegre por ser acrescido de conhecimento. Não se trata portanto de abrir mão do rigor inerente a educação formal.

A arte é expressão, manifestação, registro da vida, para a vida. O acesso às manifestações da arte, assinaladas pela criatividade, beleza e inteligência do artífice pode ampliar a nossa humanização. Vygotsky (1999, p.315) afirma que “a arte é o social em nós (...)”, a refusão das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento que foi construído socialmente, em um campo objetivo, levado para fora de nós – comunhão sujeito/objeto.

As experiências com a arte podem ser consideradas possibilidades de uma formação mais sensível, humanizada, que integra corpo, intelecto e capacidade de sentir o outro e a si mesmo — um modo de equilíbrio à excessiva estima da perspectiva da racionalidade técnica, que torna estéril o olhar e, por conseguinte, os outros sentidos que nos compõe. Pela sensibilidade, despertada pela arte, é possível olhar o mundo por meio de uma lupa que nos mostra algo a mais: uma visão crítica, criativa, possível de suscitar interpretações acerca do objeto observado, apreciado. Nogueira (2008, p.2) faz a seguinte defesa:

A Arte é, portanto, uma forma de interpretação do real, nem superior, nem inferior às demais: é apenas mais uma. É também múltipla, pois varia de acordo com suas diferentes modalidades ou linguagens: música, artes visuais, teatro, dança, cinema, fotografia, entre outras

Para Duarte Jr. (1996), a linguagem convencional é conceitual, classificatória, incapaz de traduzir integralmente o nosso sentir, ficando a cargo da arte outra forma de exprimi-lo. Assim, propicia, desperta o exercício da sensibilidade, o encontro prazeroso e instigante com outras percepções. Por ser distinta do código linguístico convencional, é capaz de comunicar novos sentidos, novos olhares sobre o mundo.

É parte das relações que o homem cria com suas experiências, que são constituintes do viver gerado a partir da objetividade concreta, sendo, ao mesmo tempo, cultura e artefato gerador de mais cultura. Não sendo possível, nesse processo, separar a criação da realidade em que ela se funda. Há uma reciprocidade entre sujeito e objeto tanto no ato da criação, quanto no momento da fruição artística.

A poesia, a música e outras tantas formas pelas quais a arte se revela nos autorizam a pensar o mundo sob uma lupa incomum, que pode estar mais presente em nosso dia a dia por diversos veículos de comunicação, como é o caso da música, da dança, proporcionando outras formas de problematização um tanto mais

acessível. Em hipótese alguma substitui a Ciência, mas pode contribuir para um pensar crítico e criativo, como exemplo, duas expressões de arte que nos fazem pensar sobre o cotidiano, no cotidiano. Vejamos os versos contidos na canção Alma de Guerreiro⁴¹, de Seu Jorge e no poema *Ausência*⁴², de Carlos Drummond de Andrade (1985):

Jorge vem de lá da Capadócia
Montado em seu cavalo
Na mão a sua lança
Defendendo o povo do perigo
Das mazelas do inimigo
Vem trazendo a esperança
Jorge, nosso povo brasileiro
Tem alma de guerreiro. Não cansa de lutar
enfrentando um dragão por dia
Na sua companhia
A gente chega lá
Olhando para o céu eu sou capaz de ver (Salve Jorge)
Na lua tropeçando, levantando sempre com você (Salve Jorge)
Na rua.
(**Grifos nossos**).

Por muito tempo achei que a ausência é falta. E lastimava, ignorante, a falta. Hoje não a lastimo. Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim. E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.
(**Grifos nossos**).

Os versos de Drummond, poeta modernista, e os versos cantados pelo artista contemporâneo Seu Jorge carregam consigo o poder de alcançar nosso cotidiano, em casa, no quarto, na rua, no carro, na parada de ônibus, na sala de aula, na biblioteca, na varanda, na vida. Têm o poder de nos afetar e de mover nossa potência de agir.

Assim, concordamos com Vygotsky (1999) ao afirmar que o sensível e o artístico não podem ser desprezados na busca de compreensão da constituição do ser humano. Os espaços educativos formais não podem abdicar da educação dos sentidos, da estética, que não se esgotam em si mesmos, contribuem para o desenvolvimento emocional e intelectual do ser humano (DUARTE JR., 1994).

Para o autor, o inteligível e o sensível foram progressivamente, historicamente apartados. Essa premissa, posta por este estudioso brasileiro, é relevante para a compreensão de que, sendo afetado, tocado por uma beleza de ser, de agir, de olhar, falar [...] há latente possibilidade de um ciclo virtuoso no *modus operandi* de viver. (DUARTE JR. 1994; 2001).

⁴¹Alma de Guerreiro, Seu Jorge, Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/seu-jorge/alma-de-guerreiro.html>. Acesso em 20 março 2018

⁴² Ausência. Carlos Drummond de Andrade, Disponível em: <https://www.revistabula.com/391-os-dez-melhores-poemas-de-carlos-drummond-de-andrade/> Acesso 20 de março 2018

Para quem trabalha com a formação humana, com a História da humanidade, com a educação formal, há a necessidade de reconhecer que a história do homem também é a história do sentido que ele busca causar, afetar ao universo. O inelegível e o sensível se completam.

A apreciação da linguagem artística suscita o aguçamento dos sentidos, tomando como base as experiências acumuladas, contidas no eu histórico do sujeito apreciador. As experiências se imbricam com a obra apreciada, estimulando um novo olhar, uma nova compreensão de mundo, das coisas e de si. Assim, pode-se afirmar que há um encontro do eu leitor com uma obra-texto e esse texto ganha novo significado a partir das experiências contidas, marcadas culturalmente. Portanto, somos resultado de uma gama de encontros formativos no campo da cultura, da economia, da política etc.

A arte integra a experiência, afeta tanto o momento presente quanto o momento futuro, considerando a dialeticidade da existência humana. É, pois um artefato de alegria cultural conforme Snyder (1988). “A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas, a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente” (FISCHER, 1987, p.20).

Deste modo, afirmamos que tanto para o papel da escola quanto para o da universidade, é *mister* o desenvolvimento de atividades educativas na perspectiva da estética, da boniteza do processo de ser mais (FREIRE,2011). Experiências estéticas em sala de aula, na formação de crianças, adolescente, adultos, na educação básica e formação de educadores, no âmbito da educação superior, pode ser uma janela capaz de suscitar o reconhecimento e o respeito da pluralidade de um mundo que deságua no interior do espaço escolar, afetando positivamente os educandos. O sensível e o artístico não podem ser desprezados quando se busca compreender a constituição do humano (VYGOTSKY, 1999). Nessa mesma esteira, Maturana (2005, p.23), afirma:

[...] não é a razão o que nos leva à ação, mas a emoção. Cada vez que escutamos alguém dizer que ele ou ela é racional e não emocional, podemos escutar o eco da emoção que está sob essa afirmação, em termos de um desejo de ser ou de obter. Cada vez que afirmamos que temos uma dificuldade no fazer, existe de fato uma dificuldade no querer, que fica oculta pela argumentação sobre o fazer.

Reiteramos a defesa de desenvolvermos nos espaços educativos formais a educação dos sentidos, das experiências estéticas. A universidade como agência formadora de formadores é um *locus* onde as experiências estéticas não se esgotam em si mesmas, e contribuem de forma acentuada para o desenvolvimento intelectual e emocional do ser humano (DUARTE JR.1994).

Para Barbosa (2004, p.51), “não é apenas o conhecimento intelectual “[...] que precisa ser revisto; também a afetividade, as reações emocionais, os sentimentos, [...] enfim, os elementos que compõem a subjetividade”. Existem diversas linguagens artísticas que, como artefatos culturais de comunicação, estão presentes no cotidiano da vida social dos educandos, que carregam consigo uma gama de experiências de apreciação, criação no campo da arte.

Para essa autora, há necessidade de investimentos públicos do Estado na esfera cultural. Deste modo, assevera que é preciso “[...] propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir arte (op. cit., 2008, p. 14).”

Sobre essa questão, a formação cultural do professor é mencionada no Plano Nacional de Educação - PNE (2014-2024) de forma vaga e tímida. Os Art. 2º e Art. 8º, (BRASIL, 2015, p. 43-46) respectivamente, estabelecem:

Art. 2º São diretrizes do PNE: inciso IV - melhoria da qualidade da educação; VII destaca a: promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do país; inciso IX - valorização dos (as) profissionais da educação;

Art. 8º § 1º Os entes federados estabelecerão nos respectivos planos de educação estratégias que:

I – assegurem a articulação das políticas educacionais com as demais políticas sociais, particularmente as culturais.

O acesso às diversas manifestações da arte se mostra relevante pelos desdobramentos formativos, tanto para os espaços de atuação dos professores quanto no universo cultural onde que eles convivem.

Vivemos em um mundo não só físico, não só racional, nossas vidas são complementadas por simbologias e emoções. A arte se destaca como algo que nos

liga, une nossos sentimentos ao mundo, um *religere*⁴³. Esses sentimentos nos conduzem vida afora e vida adentro. Para Duarte Jr (1994, p.32),

Durante a experiência estética equilibram-se as faculdades intelectivas e emocionais. Diversamente da experiência cotidiana, rotineira, não é mais o intelecto que orienta a percepção, em função de uma prática, mas sim há o equilíbrio entre razão, sentimentos e imaginação.

Para o autor, a educação é uma atividade que desperta criatividade, beleza, tendo o sentido do jogo, do brincar, do envolvimento e do prazer. O que aguça nossa vida e amplia nossa visão de mundo. Assim, “a relação educacional é, sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente” (op. cit., 1996, p.74).

A leitura do mundo precede a leitura das palavras (FREIRE, 1992). A arte, nesse aspecto, consolida-se como relevante artefato cultural, capaz de propiciar variadas leituras de mundo, de vida. A educação estética ocupa-se no despertar da apreciação, do gosto, algo que atinge diversas, múltiplas subjetividades, privilegiando o saber, o sentir arte de modo subjetivo (DUARTE JÚNIOR, 2004).

A experiência estética concretiza-se na relação espectador e objeto artístico, fruição e elementos da arte, fruição gerada a partir de outras experiências trazidas pelo corpo apreciador. Assim, defendemos as ideias de que quanto mais se aprecia arte, quanto mais se tem contato com a beleza, maior é a capacidade interpretativa de mundo, maior é o despertar da criatividade e da sensibilidade de quem é afetado por ela, algo potencializador de uma rica e dialética composição cultural.

Se ela nasce do encontro, ela não está nem no sujeito, nem no objeto, mas no encontro, na relação partilhada por certo apreço, onde o sujeito é afetado pelo objeto estético, gerando o momento de experiência estética.

A arte, tanto na música, poesia, dança, pintura ou escultura conduz o desenvolvimento das capacidades perceptivas humanas (DUARTE JÚNIOR 1986). Nossa linguagem conceitual é impotente para descrever os sentimentos, nomeando-os apenas. Assim, a arte seria uma tentativa de descrevê-los, encontrar-lhes formas representativas (Idem, p.104):

⁴³ Do latim *religere* significa ligar novamente no sentido de retornar às origens, ou seja, ao criador. PANNENBERG Filosofia e Teologia. São Paulo: Paulinas, 2008.

Como vivemos num universo não apenas físico, mas também simbólico, como vivemos numa vida não apenas racional, mas fundamentalmente emocional, a arte se destaca como importante instrumento para a compreensão e organização de nossas ações. [...] Durante a experiência estética equilibram-se as faculdades intelectivas e emocionais.

Nessa concepção, a arte desperta possibilidades férteis para criar, inovar, aguçar a imaginação e, por conseguinte, enriquecer os processos educativos, por ser ela uma representação eminente do sentir humano, e este ocorre em todas as esferas da vida. Nesse sentido, Duarte Jr. (1994, p.72-73), ao tratar da arte educação pondera:

[...] não significa o treino para alguém se tornar um artista. Ela pretende ser uma maneira mais ampla de se abordar o fenômeno educacional, considerando-o, não apenas como transmissão simbólica de conhecimentos, mas como um processo formativo do humano. Um processo que envolve a criação de um sentido para a vida, e que emerge desde os nossos sentimentos peculiares [...] Por isso, na arte-educação, o que importa não é o produto final obtido; não é a produção de boas obras de arte. Antes, a atenção deve recair sobre o processo de criação. O processo pelo qual o educando deve elaborar seus próprios sentidos em relação ao mundo a sua volta. A finalidade da arte-educação deve ser, sempre, o desenvolvimento de uma consciência estética.

Uma consciência que possibilita a satisfação dos sentidos, da beleza, da experiência capaz de impulsionar a potência do agir (ESPINOSA, 2009). Essa é a proposta aqui anunciada, o reconhecimento de que a experiência em arte estimula a ampliação de vivências proativas, no sentido de ressignificação da vida humana, nos aproximando da ideia de experiência defendida por Benjamin (2012) e Larrosa (2002).

Na próxima sessão, apresentamos o cenário da região semiárida do estado do Piauí, microrregião de Picos, onde vivem os colaboradores da investigação: seis professores de História que se compõem e se recompõem nesse espaço, cotidianamente.

Construímos juntos, numa relação de diálogo e igualdade, narrativas de experiências de ensino e aprendizados com História e Arte. Para preservar as identidades de nossos colaboradores, sugerimos ao grupo que definissem o codinome para suas respectivas narrativas, estas foram definidas considerando as subjetividades dos narradores.

Nesse sentido, neste texto teremos as narrativas de 6 professores de História, quais sejam: professora Tarsila, professor Simpson; professor Vicente; professor Patativa, professora Frida e professor Robson. No ensino Básico, da rede pública, atuam Tarsila, Frida e Simpson; no caso de Patativa, este ministra aula de História no Ensino Médio em escolas da rede privada. O professor Vicente e o professor Robson são docentes do ensino superior, o primeiro em faculdades particulares e o segundo na rede pública federal. Um grupo heterógeno, que aqui narram suas experiências de vida, arte e seus respectivos acordes de composição cultural.

3 O LUGAR E O TEMPO DA VIDA VIVIDA: NARRATIVAS DE PROFESSORES DE HISTÓRIA

Precisamos descobrir o Brasil!
(Carlos Drummond de Andrade)

O estado Piauí, mais precisamente a microrregião de Picos, localizada no centro-sul do estado piauiense, é o cenário das experiências narradas, pois o espaço diz muito sobre quem somos. Para Connely y Clandini (1995, p.11), “el estudio de la forma en cómo los seres humanos experimentan su mundo.”

Descrever o cenário é embrenhar-se pelos sertões. No processo de pesquisa, encontramos-nos nos versos de Drummond, ainda mais convencidas de que adentrar o sertão nordestino é descobrir o Brasil, como sugere o poeta na epígrafe. Conhecer as suas singularidades naturais e socioculturais é constatar um pouco da afirmativa de Euclides da Cunha, na célebre obra “Os Sertões”: “*O sertanejo é, antes de tudo, um forte (...), um titã acobreado e potente. De força e agilidade extraordinárias (...), sua cultura respeita antiquíssimas tradições* (CUNHA, 1985, p. 42). A obra pré-modernista foi escrita no final do século XIX e diz muito do que somos, como sertanejos, como pessoas.

A partir do que é dito pelo escritor, ao pensar no nordestino do século XXI, quando este alcança a junção de força e saber, fica difícil segurar uma nova fortaleza nordestina. Pois este, dotado de conhecimento acerca da realidade que o cerca, torna-se capaz de forjar um novo sertão (MARTINS, 2011), um lugar mais acolhedor, onde se cresce, trabalha, aprende e se estabelece uma identidade cultural. Uma relação que fala do lugar e do eu que se compôs nesse lugar. Sobre esse tema, Carlos (2007, p.17), discorre:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

Nessa esteira de compreensão sobre o nosso lugar no lugar, abarcamos a ideia de que o lugar faz a pessoa e a pessoa faz lugar, uma relação dialética que fala muito sobre notas, sons e acordes de vida. “O lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo (Ibidem, p.14).

A validade dessas ponderações sobre lugar acentua-se pela defesa que empreitamos sobre a influência do lugar, das pessoas que ali habitam, dos construtos singulares e coletivos na composição cultural dos professores que ali atuam. Saibamos mais do Piauí, então.

Antecedendo o período colonial, a região que compreende o atual estado do Piauí era povoada por diversos grupos indígenas. A palavra Piauí, tem origem indígena, denota “peixe pequeno.” A ocupação das terras piauienses, também denominada de filha do Sol do Equador⁴⁴, ocorreu na segunda metade do século XVII.

O estado situa-se na Região Nordeste do Brasil, limite com Ceará, Pernambuco, Bahia, Tocantins e Maranhão. Possui 224 municípios. Sua área territorial é de 251.611,929 km² (BRASIL, 2016) e, atualmente, sua população está estimada em 3.219.257 habitantes.

Geograficamente, é um estado expandido, entretanto sua extensão é bem menor que sua formação inicial no início do século XVII. “Parte de suas terras foram barganhados pelos seus vizinhos, notadamente, o Ceará, a Bahia e Goiás, que se apropriaram de grandes faixas de terras, objetos de acirradas disputas fronteiriças” (CASTRO, 2008, p.22). O seu desenho geográfico acaba gerando certas dificuldades de comunicação e de trânsito, o que explica seu processo de povoamento, onde há amplos espaços não habitados entre um lugar e outro.

⁴⁴ Essa denominação ocorre por conta dos versos presentes no hino piauiense, que fazem referência a localização geográfica do estado, com letra do poeta Antônio Francisco da Costa e Silva e música de Firmina Sobreira Cardoso e Leopoldo Damascena Ferreira, sendo adotado pela Lei 1078 de 18 de julho de 1923. Disponível em: http://www.tvassembleia.org/noticiasConteudo_inc.php?idNoticia=11321 Acesso em 16 de julho de 2018

**IMAGEM 2 - “Mapa do Brasil – Divisão Política dos Estados
Brasileiros”**



Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/mapa-brasil.htm>

A colonização efetivou-se na metade do século XVII, feita por colonos vindos da Bahia e de São Paulo. O primeiro povoado foi elevado à categoria de vila; Vila da Mocha, que se tornou cidade, denominada de Oeiras, a primeira capital do estado.

De acordo com Castro (2008, p.35), o Piauí, eclesiasticamente falando, foi uma invenção do Vaticano, por interposição da bula "*InescrustabilicoelestiPatris*"⁴⁵, de

⁴⁵ De 1696 até 1728, o território piauiense estava na dependência espiritual da Diocese de Pernambuco. Em 1724, com a Bula "Inescrustabili coelesti Patris", de 27 de fevereiro de 1724, o Papa Bento XIII autoriza a jurisdição das três paróquias do Piauí à Diocese do Maranhão, embora sua desanexação da Diocese de Pernambuco só tenha de fato se dado em fins de 1728. O território piauiense fica sob a jurisdição eclesiástica do Maranhão até 1901, quando é criada, pela Bula "Supremum Catholicam Ecclesiam", do Papa Leão XIII, a Diocese do Piauí, sendo o primeiro Bispo eleito o pernambucano Monsenhor Antônio Fabrício de Araújo Pereira, o qual não aceitou o cargo e conseguiu, da Santa Sé, a dispensa. A primeira paróquia do Piauí foi a Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, da Vila da Mocha (Oeiras) datada de 1697, seguida pela Freguesia de Santo Antonio do Surubim (Campo Maior), de 1711. A Freguesia de Piracuruca foi a terceira criada no solo piauiense, desmembrada da Freguesia do Surubim, sob a invocação de Nossa Senhora do Monte do Carmo, foi a última paróquia criada pelas autoridades religiosas de Pernambuco no Piauí, sendo concedida pelo Bispado de Olinda, sua criação, em 1723. Ao território da nova paróquia estavam ligadas 7 Capelas: a do Brejo, Maranhão, que em 1741 se tornou Paróquia; a de Nossa Senhora da Divina Graça, de Parnaíba, que se tornou Paróquia em 25 de setembro de 1801; a de Nossa Senhora da Conceição dos Matões, de Piquizeiro (Pedro II), que em 20 de agosto de 1851 se tornou Paróquia; a de São

1724, do papa Bento XIII, que o anexou novamente ao Maranhão, dando-lhe de certa forma propriedades jurídicas, apesar da dependência das autoridades religiosas maranhenses.

Mesmo assim, a província continuou descuidada, na dependência de aventureiros que pouco ou nenhuma relação estabeleciam com as terras, com sua gente. No denominado processo civilizatório, o que houve foi o extermínio gradual de povos indígenas. Diante dessa condição, Castro (2008, p.36) relata:

Assim, desde o período colonial, que vai de 1534 a 1822, o brasileiro foi um "deserdado" em sua própria terra, um ser que ao invés de possuí-la, era "possuído" por ela. Somente com a Independência, e mesmo assim de forma limitada, foi que o povo brasileiro começou o lento processo de deixar de ser objeto para ser sujeito de sua própria história.

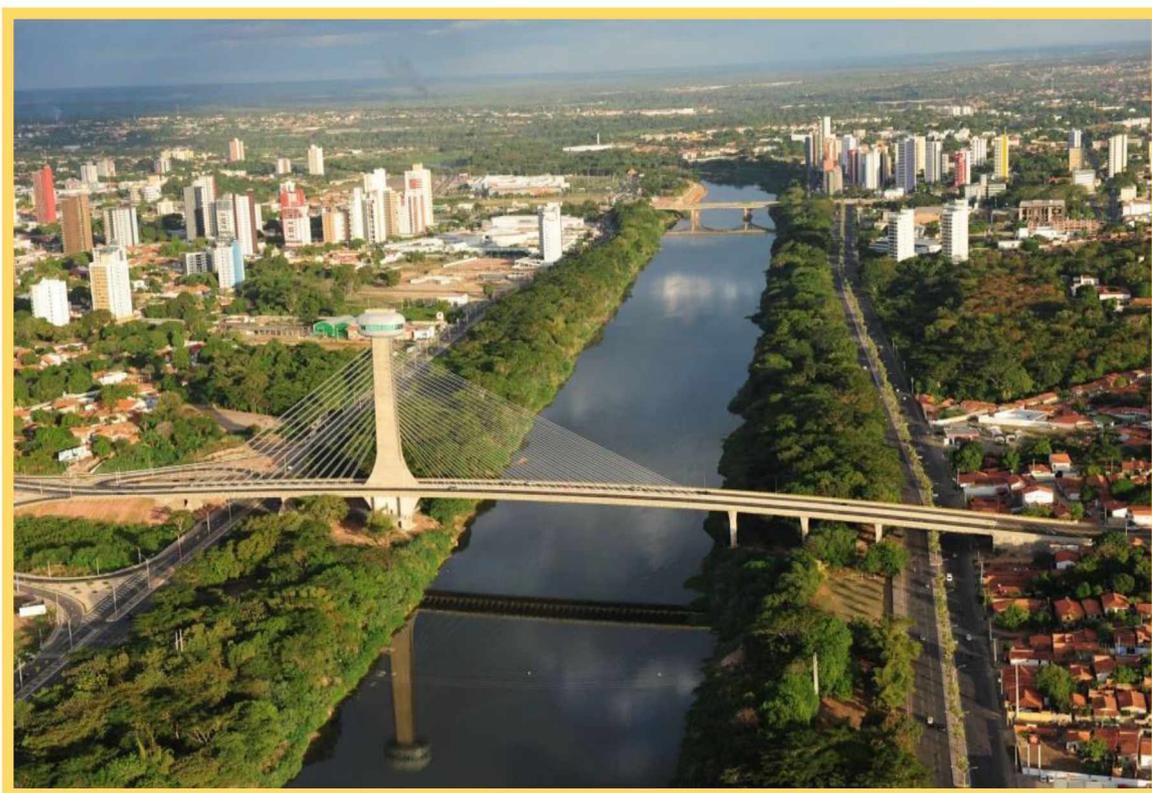
A partir de 1676, ocorreram as concessões das primeiras sesmarias de terras no Piauí, que beneficiaram Domingos Afonso Mafrense, (NUNES, 1975, p. 72). No processo de formação do estado, destacamos a fundação de diversas fazendas pecuárias, uma dessas fazendas tornou-se a Vila da Mocha, hoje cidade de Oeiras primeira capital do Piauí.

No século XIX, Oeiras teve que abrir mão do posto de capital piauiense. A autorização da mudança da capital veio por meio da lei nº174, de 27 de agosto de 1844, sancionada por José Idelfonso de Sousa Ramos. Tal mudança se deu sob a alegação da localização geográfica de Oeiras, que dificultava a comunicação com outras regiões do Brasil e, por conseguinte, inviabilizava transações econômicas, tanto no aspecto interno quanto no externo da província (VILHENA, 2016).

Gonçalo, de Batalha, Paróquia em 24 de agosto de 1853; a de Nossa Senhora dos Remédios, de Buriti dos Lopes, Paróquia em 13 de junho de 1864; a de Frecheira, interior de Cocal, construída na segunda década do século XVII (1616 a 1619), e a de Nossa Senhora do Rosário dos pretos, de Parnaíba, construída no período de 1770 a 1853. A primeira visita pastoral em terras piauienses que se tem registro ocorreu no período de agosto de 1742 a janeiro de 1744, realizada pelo Bispo do Maranhão, Dom Frei Manuel da Cruz, ocasião que percorreu mais de 800 léguas, o que corresponde aproximadamente 5.000 (cinco mil) quilômetros. A visita iniciou pelo Vale do Longá, visitando a Freguesia do Carmo, em Piracuruca; Freguesia Santo Antonio do Surubim (Campo Maior); visita a **Caratiús** (Crateús). Em 27 de novembro cria e instala a Freguesia de Nossa Senhora do Desterro do Rancho dos Pratos, depois Marvão e, atualmente, Castelo do Piauí, em seguida visita as Freguesias de Aroazes e do Ó, no distrito de Catinguinha (Aroazes e Valença do Piauí), onde passou o Ano Novo de 1743, seguindo para Freguesia da Vitória na Vila da Mocha (Oeiras), onde permaneceu até 16 de maio, quando seguiu viagem até Paranaguá, retornando a São Luis – MA, onde chegou em 16 de janeiro de 1744. Disponível em: <http://www.diocesedeparnaiba.org.br/a-diocese/>. Acesso em: 5 de abril de 2018.

Entretanto, a mudança só ocorreu efetivamente no ano de 1852, quando foi instituída a nova capital da província, denominada Teresina, nome escolhido para homenagear a imperatriz portuguesa Teresa Cristina de Bourbon. A seguir a imagem panorâmica da capital do estado do Piauí, Brasil.

IMAGEM 3 - “Visão panorâmica de Teresina-PI”



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=imagem+de+teresina>. Acesso em: 08 de maio de 2018

O Piauí é um estado rico em possibilidades de crescimento econômico, abriga riquezas culturais e naturais singulares no Nordeste brasileiro, a exemplo do Parque Nacional Serra da Capivara⁴⁶, que reúne centenas de sítios arqueológicos, o Museu do Homem Americano⁴⁷ e o Museu da Natureza⁴⁸, situados em pleno sertão

⁴⁶ O Parque Nacional da Serra da Capivara foi criado através do Decreto de nº 83.548 de 5 de com área de 100 000 hectares. A proteção ao Parque foi ampliada pelo Decreto de nº 99.143 de 12 de março de 1990 com a criação de Áreas de Preservação Permanentes adjacentes com total de 35 000 hectares. Disponível em: [juhttp://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/199-parque-nacional-da-serra-da-capivara](http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/199-parque-nacional-da-serra-da-capivara) , Acesso em 5 de Julho de 2019

⁴⁷ Situado na sede da Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm), o Museu foi criado para divulgar a importância do patrimônio cultural deixado pelos povos pré-históricos na região. A

nordestino, obras resultantes do esforço e da capacidade intelectual da arqueóloga Niède Guidon, que chegou no Piauí na década de 1970, fazendo importantes descobertas científicas no campo da Arqueologia. A partir de seus achados, foi instalada em pleno sertão nordestino a missão franco-brasileira, na árida terra do sertão do Piauí. Sob sua direção, foram realizadas escavações em vários sítios arqueológicos, entre os mais destacáveis, o sítio do Boqueirão da Pedra Furada⁴⁹, dentre outros. (IMAGEM 10):

FOTOGRAFIA 6 – “Serra da Capivara- Boqueirão da Pedra Furada”



Fotografia de Antonio César Ortega⁵⁰

exposição mostra os resultados de mais de quatro décadas de pesquisas realizadas na região do Parque.

⁴⁸ O Museu da Natureza está situado dentro do Parque Nacional Serra da Capivaras, o Museu. O complexo oferece aos visitantes uma imersão pela história natural da região, reunindo conteúdo histórico que remete da criação do universo até o surgimento da raça humana e seus impactos no meio ambiente. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/10149-serra-da-capivara-inaugura-museu-da-natureza>. Acesso em 05 de julho de 2019

⁴⁹ Nesse sítio, a partir dos estudos coordenados por Niéd Guidó, foi possível reconstruir a história da ocupação das Américas.

⁵⁰ Professor aposentado do Curso de Economia da UFU, fotógrafo e estudioso desta arte, que gentilmente nos cedeu fotografias capturadas por suas lentes para compor esse trabalho.

As referidas pesquisas resultaram em um relatório que foi entregue ao Governo Federal, juntamente com um pedido para que a região fosse protegida. Por essa via, foi criado o Parque Nacional da Serra da Capivara (GAUDENCIO, 2018), algo que pôs o Piauí em uma rota especial no que diz respeito aos estudos sobre a origem do homem americano. Hoje, a história do Parque se mistura com a história de Niéde, mais que isso, se completam. Uma imensa riqueza cultural, um grande orgulho para os piauienses.

Um estado com essa riqueza cultural precisa investir mais em sua gente, na educação e na cultura como instrumento de melhoria de vida dos que aqui nasceram, moram, contribuem para o seu crescimento. Investir nessa área é investir também na formação de professores que trabalham com conhecimento, formação e cultura - algo que deve contemplar todo o estado, seu povo, sua capacidade de criatividade, trabalho e alegria.

3.1 PICOS: O PALCO PRINCIPAL DAS NARRATIVAS

Picos é um município do estado do Piauí, localizado na Região Centro-Sul do estado, tendo, segundo o IBGE, em 2019, uma área, aproximadamente, de 803 km² e uma população estimada em 78.222 habitantes (BRASIL, 2019). A cidade, cercada por montes picosos, é “beneficiada” por importantes rodovias brasileiras e apresenta desenvoltura em diversos setores da economia e educação, sendo uma referência para a região denominada Vale do Guaribas, por situar-se à margem do rio que recebe esse nome.

Nossa intenção é apresentar algumas características do cenário principal das narrativas, no caso a cidade de Picos, da cidade polo do centro-sul do Piauí, que concentra importantes agências formativas nessa região do estado piauiense, como escolas e universidades, públicas e privadas.

O município de Picos situa-se na Região Centro-Sul, destaca-se pelo seu desenvolvimento econômico. Sua localização geográfica tornou-se favorável ao desenvolvimento do comércio da região, pois se constitui como corredor de passagem para o norte do país. No aspecto econômico, Picos abriga as seguintes rodovias: BR 316 (Transamazônica), BR-407, BR-230, próxima ainda da BR-020.

Tornou-se uma das principais produtoras de mel no país. No ano de 2016 produziu 950 toneladas. Por meio de cooperativas de apicultores, faturou mais de 10

milhões com exportação, sendo os Estados Unidos um dos principais compradores (PORTAL G1 GLOBO, 2016). Isto lhe confere a codinome de “capital do mel”.

IMAGEM 4 - “Produção de mel em Simplício Mendes e Picos-PI”

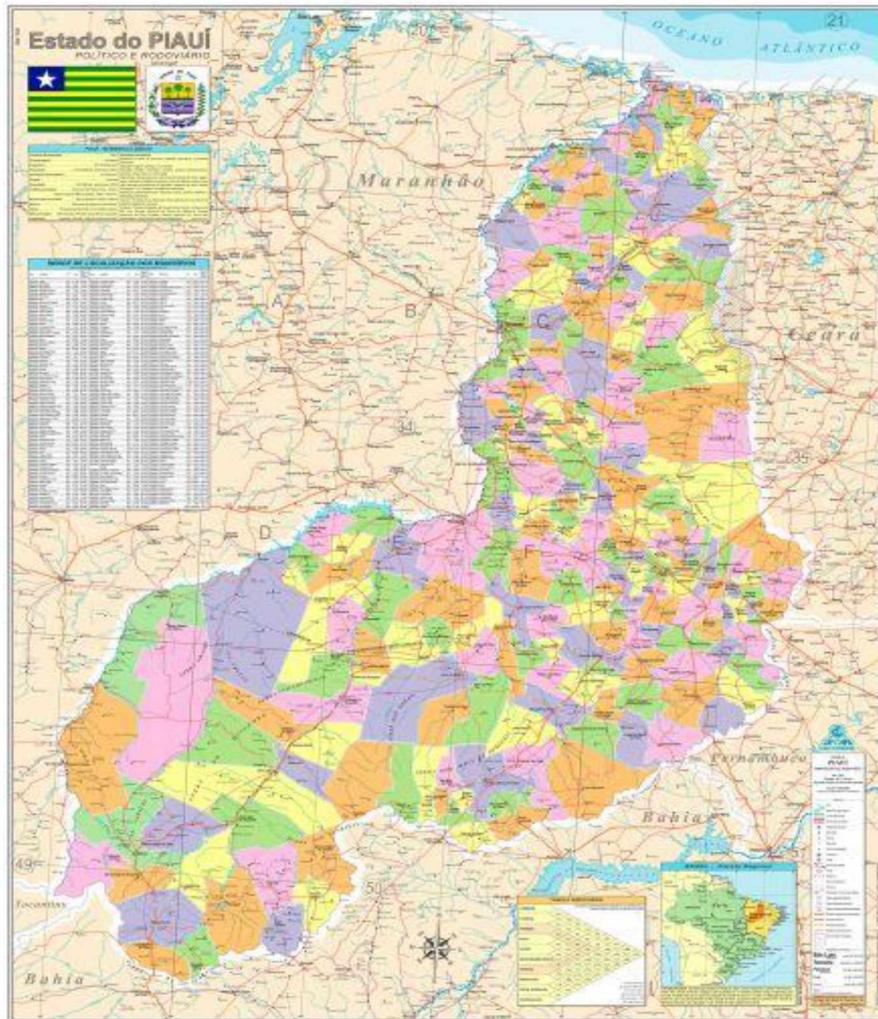


Fonte:- Portal G1 <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/05>. Acesso em 16 de maio de 2017

Picos sedia desde 1971 o 3º Batalhão de Engenharia e Construção – 3º BEC. Assim, percebe-se que é uma cidade que se apresenta como referência para a Região Centro-Sul do Piauí. Para o estado, se destaca na arrecadação de impostos em relação aos demais municípios, constituindo-se ainda como polo universitário, abrigando, em 2019, mais de 35 cursos superiores; destes, 11 são ofertados pela Universidade Federal do Piauí, possuindo ainda importantes programas de formação docente, como o Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, Escola em tempo Integral, dentre outros.

O processo de povoamento, como boa parte das cidades nordestinas, deu-se a princípio pela formação da fazenda Curralinho, sendo elevada à Vila.

IMAGEM 5 - “Mapa do Piauí – Divisão política



FONTE: IBGE, 2019

Em 2019, o município não possui mais a mesma área territorial, boa parte foi cedida para a formação de outros 12 municípios, uma prática bastante comum na história do estado Piauí – desde 1954 até o início dos anos 2000.

No quadro 01 a seguir, apresentamos os nomes dos referidos municípios que antes pertenciam a Picos, junto das respectivas leis estaduais que validaram o desmembramento.

QUADRO 01 “Municípios que pertenciam à cidade de Picos até os últimos anos do Século XX”

LEI ESTADUAL	MUNICÍPIO
N.º 925 de 12/02/1954	Itainópolis
N.º 1.445 de 30/11/1956	Monsenhor Hipólito
N.º 2.560 de 9/12 /1963	Santo Antonio de Lisboa
N.º 2.561 de 19/12 /1963	Bocaina
N.º 1993 de 09/09/1960	Francisco Santos
N.º 2.562 de 19/12 /1963	São José do Piauí
N.º 4.192 de 11/04/1988	São João da Cana Brava
N.º 4.477 de 29/04/1992	Santana do Piauí
N.º 4.680 de 26/01/1994	Geminiano
N.º 4.680 de 26/01/1994	Paquetá
N.º 4.810 de 27/12 /1995	Sussuapara
N.º 5.094 de 27/10/1999	Aroeira do itaim

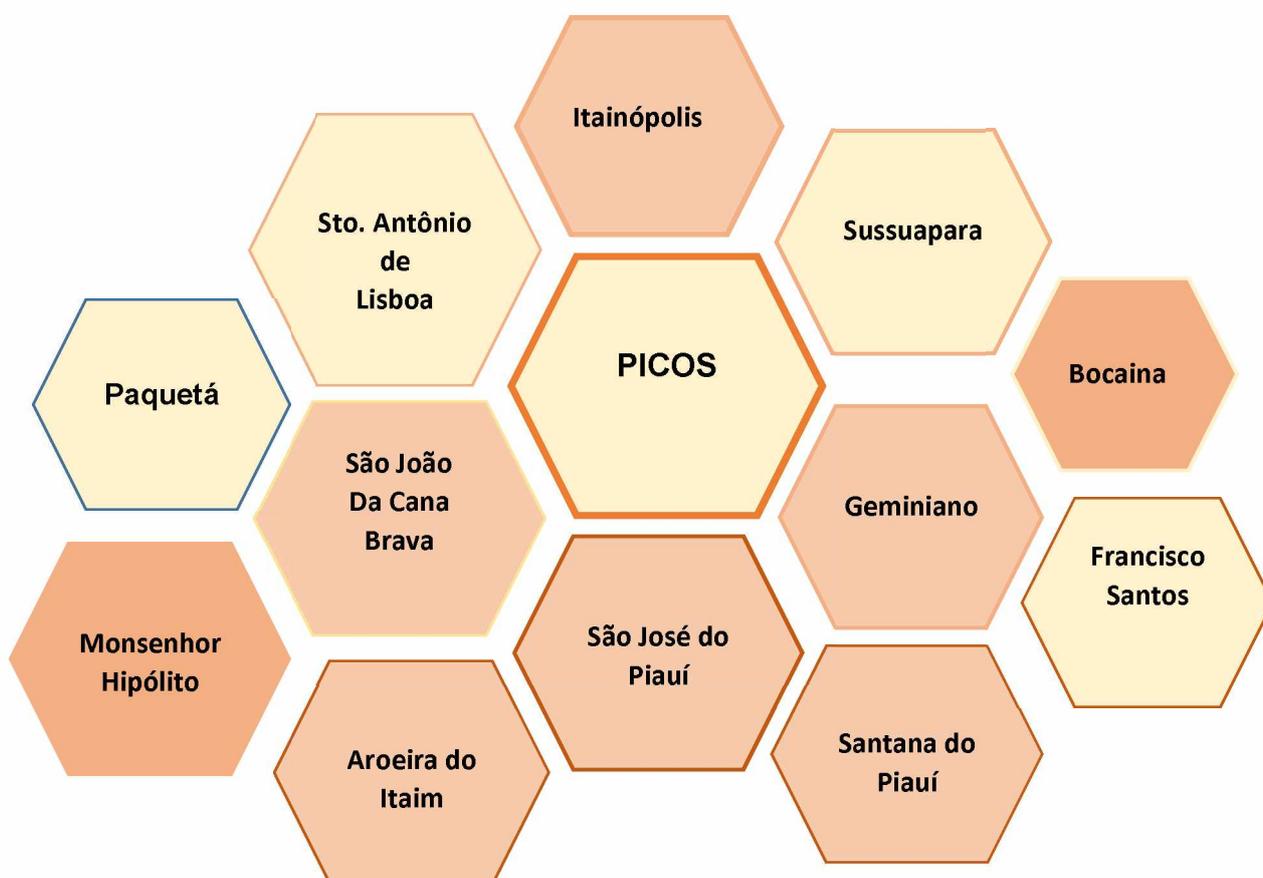
Fonte: Quadro elaborado pelas autoras a partir de dados colhido no PPA do município de Picos(2013)

Ao longo de sua história, a capital do mel, do estado do Piauí, vivenciou um processo de desmonte de sua “colmeia”. A tabela e a figura demonstram um processo de reorganização territorial, que, a nosso ver, encontra-se vinculado aos interesses político-partidários, subsidiados pela cultura oligárquica, recorrente na história em nosso país.

A partir dos dados expostos no quadro, constatamos a esdrúxula situação em que uma Lei funda dois municípios ao mesmo tempo, a partir da separação das terras picosenses, tendo como fundo interesses econômicos capitaniados por famílias que detêm o poder político, econômico e social nessa região.

Esse “desmonste”, de certa forma, prejudicou o crescimento econômico e social da região e pode ter fragilizado os aspectos de fortalecimento e desenvolvimento cultural da gente que nasceu às margens do rio Guaribas.

IMAGEM 6 - “Cidades que integravam o território de Picos”



Fonte: Elaboração das autoras, 2019.

Em Picos, é precária a oferta de equipamentos culturais, tanto na esfera pública, quanto na privada, que fomente o acesso e o desenvolvimento cultural do povo piauiense, especificamente nas dimensões da arte. O que se destaca são ações isoladas de artistas, intelectuais visionários, dedicados ao mundo da arte, da cultura. São grupos de atores, de dançarinos, músicos que fazem arte quase sempre de forma independente, sem espaço adequado para exposição de suas artes, ainda assim, fazem e proporcionam ricas cenas culturais nessa região.

Dentre esses casos de dedicação à arte e a tentativa de fazer acontecer a cena cultural, ganha destaque, na cidade de Picos, a existência e resistência do Museu

Ozildo Albano⁵¹, que foi criado pela iniciativa privada, e que só recentemente passou a receber apoio mais efetivo do poder público.

FOTOGRAFIA 07 – “Imagem do Museu Ozildo Albano”



Fotografia: Antonio César Ortega (2019)

As oportunidades de cultura no campo da arte, do exercício da criatividade destinadas aos jovens, bem como a toda população picoense, são diversos grupos que agem de forma independente sem o devido apoio no que se refere as condições técnicas de atuação, sobretudo no que diz respeito a espaços adequados para formação em arte, encenações, performances etc. Tanto no aspecto do criar quanto do fruir.

Quando chegaram, os italianos já encontraram a região povoada e Picos ainda era uma vila. Vieram crescer e enriquecer a sobriedade e a abundância dos habitantes do lugar [...] Vindos de um país onde predominavam as letras e as artes, os italianos souberam despertar nos

⁵¹ Intelectual humanista picoense, que dedicou parte de sua vida ao trabalho docente, ao direito e a valorização da cultura, sobretudo a local; no ano de 1966. Fonte: <https://www.museuozildoalbano.com.br/biografia> Acesso em 23 de setembro de 2019

picoenses, esses mesmos sentimentos que neles existiam em forma latente: as novas ideias políticas do Velho Continente, o interesse pelos conhecimentos gerais, o gosto pela literatura, música, pintura e outras artes. Os italianos muito contribuíram e impulsionaram o progresso e a vida social da então acanhada Vila de Picos. (ALBANO, 2011: p. 36-37)

IMAGEM 07 - “Visão panorâmica da cidade Picos”



Fonte: <https://cidadeverde.com/picos/85305/receita-federal-vistoria>. Acesso em: 06 de maio de 2018

A imagem acima é uma representatividade do lugar, de sua gente, no que diz respeito ao progresso econômico, social e cultural, possibilitados pelas BRs ⁵²que cortam a cidade. A partir das BRs, Picos ganhou novos contornos nos mais diversos setores.

No centro da cidade, está a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, com 40 metros de altura, motivo de orgulho para os Piauienses. Com sua arquitetura exuberante, possuindo dezenas de vitrais e altares de mármore, a igreja pode ser vista de vários pontos da cidade. A construção da catedral de Picos iniciou-se em 1948, com a colaboração de diversos segmentos da sociedade, um processo que levou duas décadas

⁵² No Brasil, as rodovias recebem a definição, por meio da sigla **BR**, o que significa que a rodovia é federal

A construção da Igreja Matriz, iniciada em 1948, marcou uma nova era em Picos, já que foi a primeira edificação de tamanha altura e expressividade na cidade, diferente de qualquer prédio da cidade de Picos na época, tanto em dimensão quanto em arquitetura (DUARTE, 1995, p. 33).

FOTOGRAFIA 08 – “Catedral de Nossa Senhora dos Remédios”



Fotografia: Antonio César Ortega (2019)

Em volta da referida igreja, situa-se por toda semana, a feira popular de Picos, uma das maiores do Nordeste brasileiro, colorindo as manhãs da “capital do mel”. O fluxo de gente é intenso, durante toda a semana, algo que movimenta o comércio local, aquece a economia da região.

FOTOGRAFIA 09 e 10 – “Mercado Público de Picos-PI”



Fotografia: Antonio César Ortega (2019)

FOTOGRAFIA 11 – Picos: visão noturna



Fotografia: Antonio César Ortega (2019)

Na seção seguinte, registramos as narrativas dos professores de História, que, por meio de seus construtos pessoais e profissionais, fazem uso das linguagens da arte em suas aulas.

Nessas histórias, passamos, a saber, mais das origens, dos gostos, das referências de beleza que afetam a pessoa/professor e o professor/pessoa e a repercussão desses afetos nos seus fazeres pedagógicos diários. Algo que possibilita a constância de um ciclo alinhado à beleza, à criatividade, à criticidade, à sensibilidade de ser e estar no mundo, como nos ensina Freire (2011).

3.2 AS NARRATIVAS DE PROFESSORES DE HISTÓRIA AFETADOS PELA ARTE

Professora Tarsila:

Meu nome é Tarsila, tenho quarenta e nove anos e nasci na cidade de Ipiranga, cidade que integra a micro região de Picos, Piauí. Nasci no dia quatorze de maio de 1968. Desde criança, gosto muito da beleza, da arte. Meu avô trabalhava com pedras esculpidas, inclusive, lápides que eram colocadas nos túmulos dos cemitérios. No cemitério de Ipiranga, há muitas lapidem feitas por meu avô. Desde pequenininha, me chamava atenção essa maneira de trabalhar com as pedras, produzindo arte, criando de forma tão rústica e original.

Quando criança, brincava muito com meus amigos de Boca de Forno, Marré Dessi, aquelas brincadeiras de roda, brincava de “Pera, Uva, Maça, Salada Mista”, e tudo isso me fez ver o quanto é importante trabalhar essa questão para o nosso desenvolvimento. Quanto à minha infância, fui muito reprimida, porque meu pai era aquele tipo de pessoa que dizia “quando pau é pau, pedra é pedra, ninguém muda”. Então, com essa vivência com meus amigos na infância, na escola, das brincadeiras é que fui me desenvolvendo, aprendendo a amar e valorizar cada traço cultural que retratava beleza, arte, lúdico, e trouxe isso para trabalhar com meus alunos em sala de aula.

Eu terminei o Curso de Magistério no ano de 1986, no Colégio Santo Antônio, na cidade de Valença do Piauí. Em 1987, fui convidada a trabalhar no ginásio da CENEC – Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – que tinha aqui, em Ipiranga do Piauí.

De março de 1987 até dezembro de 1995, trabalhei como professora nessa escola da CENEC⁵³. Lá, eu dava aula de Ensino Religioso, de História, de Arte, de Educação para o Lar, de Organizada, Social e Política do Brasil –OSP, e de Educação Moral e Cívica – EMC. Em 1995, a escola da CENEC fechou. Daí em diante, comecei a trabalhar como professora da rede municipal de Educação de Ipiranga do Piauí.

Nesse período, fui professora da CENEC, fui professora da pessoa que hoje é meu esposo. Durante o período em que ministrei aula para a turma dele, só havia mesmo relação professor-aluno. Ele tinha concluído o ginásio e tinha ido para São

⁵³Sigla para Campanha Nacional das Escolas da Comunidade – Ginásios criados para atender alunos carentes.

Paulo. Ele esteve aqui em 1992. Em maio do mesmo ano, namoramos. Em março de 1993 nos casamos.

Sou graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí, com especialização em Docência do Ensino Superior. Até agora, não consegui fazer uma especialização em História, mas tenho muita vontade de fazer, porque sou apaixonada pela História do Brasil. Há dezenove anos, trabalho na Unidade Escolar Dom Joaquim Rufino do Rêgo, instituição pública de ensino médio em Ipiranga do Piauí.

Comecei a trabalhar com a disciplina História nesta escola de ensino médio em 1999. Sempre gostei de dinamizar minhas aulas. Comecei a trabalhar como professora em 1987 na escola do Ginásio da CENEC, fundada pelo professor Felipe Tiago Gomes. Fui convidada para trabalhar nesse espaço, com disciplinas diversas. Eu trabalhava com educação para o lar, artes, história, ensino religioso, muitas disciplinas. Nesse período, eu ingressei no grupo experimental de dança do município, tendo como professora Socorro Barnabé. Ingressei também no grupo de teatro da cidade. Nessa época, criamos um grupo que era chamado grupo de teatro Mangaba (mangaba é uma fruta nativa da região),

Justamente porque eu me identificava com essa questão da dança, do teatro, nosso professor de teatro fazia com que eu me inspirasse mais ainda a trabalhar com arte. Logo depois, ingressei no “Coral Vozes Daki”, que tinha como professor de música o regente também de Teresina – Piauí, formando um belo trio: Dança, Teatro e Canto.

Apresentávamo-nos, como ainda hoje acontece, em cidades vizinhas, em Teresina, no encontro de folguedos. Isso fazia com que eu me orgulhasse da história da minha cidade e da minha própria história. Eu também queria estar envolvida nesses grupos para poder mostrar tanto o meu trabalho quanto o desenvolvimento da minha cidade. Quanto à questão da arte, da cultura, do artesanato, nunca fui de aprender confeccionar peças artesanais – sempre digo quanto a essa questão de produzir: “fazer crochê, bordado, na minha casa saiu meus irmãos e minhas irmãs todas, mas eu não aprendi, eu já me identifico mais com essa questão do falar, do teatro, a dança, a música”. Hoje, faço parte do Coral Renascer aqui da cidade, sempre envolvida nos grupos que me levam para esse lado artístico. Apresento como cerimonialista a Semana Cultural da Juventude Ipiranguense, que sempre acontece nos meses de julho. Também participo de outros eventos que envolvem

arte. Tenho orgulho de minhas filhas, que fazem parte do Corpo de Ballet do Município, como eu e pai delas já fizemos um dia.

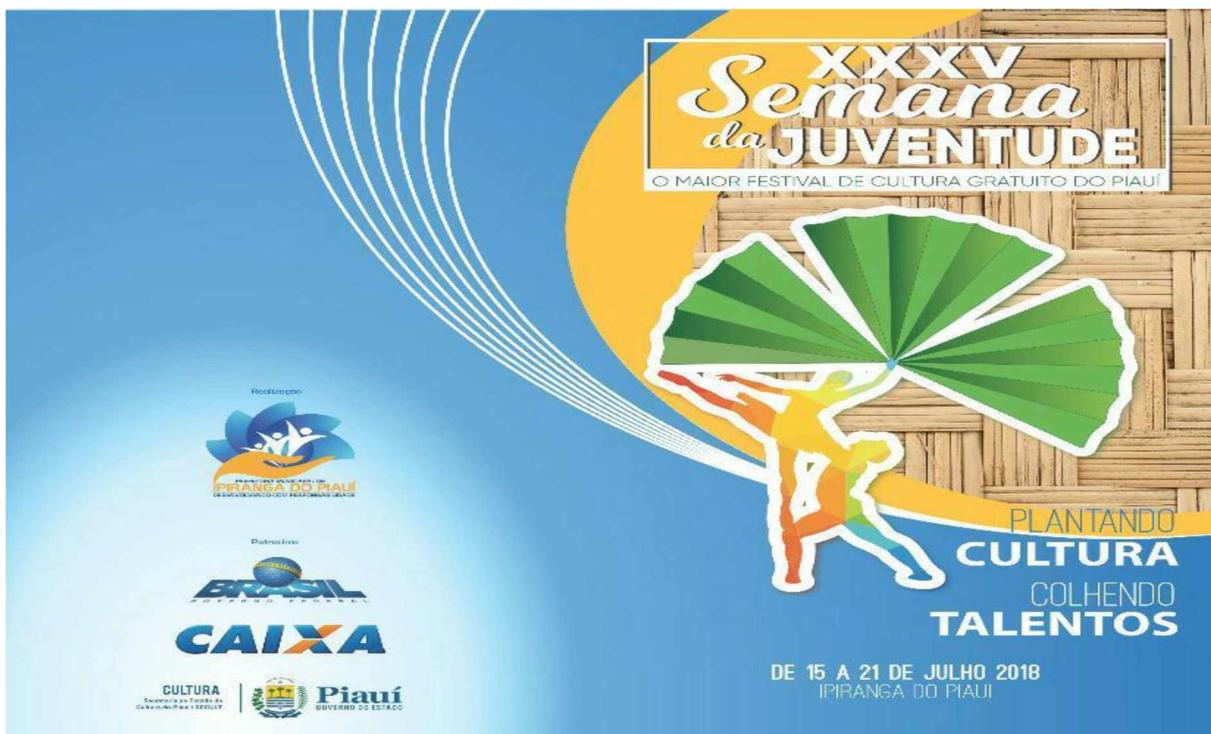
Aqui em Ipiranga, trabalhamos a Semana Cultural da Juventude. É um evento de mais de mais de 30 anos. Iniciou com um grupo de jovens que, no mês de julho, vinha sempre passar férias na cidade. Nessa época não havia ensino médio, então só se cursava até os anos finais do ensino fundamental. Para cursar o ensino médio e a Universidade era necessário se deslocar para outras cidades. Então, eles vinham no mês de julho passar férias. Ao chegarem aqui só havia bares como ambiente de diversão. Então, eles se reuniram em grupos de mais ou menos sete jovens e foram ao Prefeito para apresentarem um projeto, inicialmente modesto, de semana cultural, que seria realizada durante 3 dias seguidos – sexta, sábado o domingo. Eram três dias com apresentações de teatro e dança.

A semana da juventude foi crescendo. Desde 2018 são sete dias de atividades culturais, com início no domingo e término no sábado. Há apresentações não só de grupos da cidade, mais de várias outras regiões vizinhas da microrregião. Em todas as noites de festejo há uma banda de música diferente – bandas de forró, grupos que cantam músicas sertanejas, bandas que tocam e cantam rock dos anos 1960, 1970, tem para todos os gostos musicais. Um modo de satisfazer e atrair vários públicos.

Nesse mesmo evento cultural, há palestras, atividades esportivas, apresentação de cantoria, apresentação das escolas. Cada dia da semana um grupo é responsável; um dia é da Secretaria de Saúde; outro dia, da Secretaria de Educação; outro, da Secretaria de Assistência Social; outro, da Câmara Municipal de Vereadores; outro, da Secretaria de Agricultura; e outro, da Secretaria de Cultura. Lá é possível, por exemplo, aprender muito sobre educação no trânsito e cuidado com a saúde. São atividades bem diversificadas. Tudo isso é uma forma de fazer com que se mantenha a tradição cultural da cidade. Portanto, percebe-se que é uma coisa que enriquece o jovem, a criança, o idoso e, o que é melhor, convida pessoas de outras cidades a participarem. Há pessoas que deixam para vir passear no mês de julho, pessoas de São Paulo. Já recebemos pessoas aqui até de outros países, holandeses que vieram justamente para conhecer a cidade e conhecer também esse

evento cultural. Imagem⁵⁴ da Semana da Juventude na Cidade de Ipiranga, cidade da micro região de Picos- PI

IMAGEM 8 – “Folder da XXV Semana da Juventude de Ipiranga – PI”



Fonte: <https://180graus.com/ipiranga-do-piauiprefeitura-de-ipiranga-do-piau-divulga-cronograma-da-xxxv-semana-da-juventude>

Temos sete dias de atividades culturais e atividades totalmente gratuitas, promovidas pelo município através de um convênio com a secretaria de Cultura do Estado. O evento hoje faz parte do calendário tanto do Estado quanto do Município.

Comecei a descobrir essa beleza artística na minha alfabetização, com minha primeira professora. Passei a me espelhar na forma como realizava seu trabalho para que eu me tornasse um dia uma professora com aquele carinho na sala de aula, aquele aconchego com os alunos. A minha diretora, também do ensino fundamental menor, trabalhava essa questão das datas cívicas. Havia naquele tempo uma disciplina chamada educação moral e cívica, muitas coisas que demonstravam a arte, principalmente a arte aqui da nossa cidade, porque Ipiranga

⁵⁴ Imagens retiradas do site e redes sociais oficiais da Prefeitura Municipal de Ipiranga.

sempre foi tida como uma cidade artesanal e rica em artistas. Muitos cidadãos daqui trabalham muito com a tala de buriti, fruta típica da região que deu o primeiro nome do povoado. Buriti utiliza também o buriti na produção de doces, de azeites.

Na Universidade, também fui levada a trabalhar a arte nas dramatizações, das histórias teatrais. Algumas professoras me chamavam atenção por conta da sua maneira de ser. Tive uma professora que era pequenininha, mas, quando batia o pé assim, dizendo a maneira como ela queria as coisas, tínhamos que dinamizar as atividades com arte, envolvendo beleza cultural a disciplina de história antiga, por exemplo, que conta a história da Grécia e Roma antiga. Era tudo isso trabalhado em forma de teatro. Desse período, lembro-me também da professora Eunice, que ensinava de modo tradicional.

Quando ela dizia que queria um seminário organizado, dizia a forma de organização pretendida. Lembro um seminário que fiz sobre a história da África e, quando o apresentei, ela aplaudiu. Porém, quando dizíamos algo com que ela não concordava, prontamente éramos corrigidos por ela. E, dessa maneira, a partir disso, fui me espelhando para ser essa professora, educadora, que busca ser exigente e ao mesmo tempo dinâmica.

No município, trabalho na Secretaria de Educação, como Secretaria Executiva do Conselho Municipal de Educação, e estou acompanhando como formadora local do PNAIC o grupo de mediadores de Língua Portuguesa e Matemática do programa novo Mais Educação, inclusive, essa semana tive dois dias de formação em Teresina e trabalho no ensino médio com aula de História pelo estado.

Anualmente, trabalho o projeto denominado Vivenciando a História. Nessa proposta, os alunos escolhem um conteúdo estudado pelo grupo. Eles se organizam, ensaiam e apresentam uma peça teatral. Essa produção é avaliada por mim, pelos alunos de outras salas e por demais professores da escola.

No dia das apresentações no pátio da escola, entrego uma ficha ao público (comunidade escolar), na qual podem avaliar e dar uma nota para cada trabalho, a média da nota alcançada é a que eles vão receber no período letivo. Uma atividade que exige muito deles, por isso torna o estudo significativo.

Dessa forma, jamais eles esquecem o conteúdo que eles dramatizaram. Outra forma que tenho de trabalhar é fazer com que eles criem jornal falado. Eles vão entrevistar pessoas. Eles transformam esses jornais em documentários, apresentam na sala para os colegas fazem os livros e deixamos o trabalho arquivado na

biblioteca da escola. Então, tudo isso é uma forma deles estarem vivenciando o conteúdo, estarem também deixando a sua marca na escola. (IMAGEM 22):

FOTOGRAFIA 12 – “Teatro na sala de aula”



Fonte: arquivo pessoal da professora Tarsila

Todas essas maneiras de trabalhar, explorar o lado artístico deles, nos possibilitam despertar e descobrir até artistas na sala. Aquele aluno que muitas vezes está lá no final da fila, pouco participativo, quando se faz uma aula diferente, põe o lado artístico pra fora. Identificamos pessoas que tocam violão e que nem sabíamos, pessoas que cantam muito bem e que não sabíamos. Então, essa maneira de se trabalhar com a beleza, com a arte dentro da sala, possibilita justamente o desenvolvimento de talentos artísticos, escondidos dentro de cada um, e também o despertar de uma apreciação e sensibilidade nos demais colegas.

Da alfabetização à 4ª série primária, estudei na Unidade Escolar Monsenhor Lopes em Ipiranga do Piauí. Da 5ª a 8ª Série do ensino fundamental, na CNEC – Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, em Ipiranga do Piauí. O Magistério, cursei no Colégio Santo Antônio, na cidade de Valença do Piauí.

Fiz vestibular e ingressei na Universidade Estadual do Piauí, onde cursei Licenciatura Plena em História. Em seguida, cursei uma Pós-graduação em Docência do Ensino Superior na Faculdade de Teologia Hokemã – FATEH. No ensino superior, tive a oportunidade de estudar a História da Arte, como graduanda de História. Esta disciplina foi a que mais me possibilitou os fundamentos da arte.

Gosto de participar de formações continuadas, por isso, estou sempre buscando aprender e dinamizar minhas estratégias didáticas. Posso dizer que uma das coisas que me influenciou muito nessa questão de trabalhar a arte nas minhas aulas foi o tempo que eu passei fazendo trabalho comunitário nos grupos da igreja. Fui professora de catequese. Fui coordenadora da catequese adulta, que era da crisma na época. Participei também durante muito tempo dos grupos de jovens, e isso fez com que eu percebesse o quanto é importante trabalharmos esse lado artístico, principalmente para poder conquistar esse público jovem, porque o público jovem não gosta de estar parado, ele precisa estar criando, buscando novidades, recriando.

Tudo isso me fez perceber essa importância. Trabalhei diretamente com os grupos de jovens, principalmente com adolescentes, nas turmas de preparação para o Sacramento da crisma. Se não tivermos algo que faça com que chame a atenção deles nesses encontros, eles terminam desistindo. E essa ideia de se trabalhar o lado artístico com danças, com teatro, com pintura, com música, faz com que eles coloquem para fora certos talentos que têm e chama a atenção para que também continuem participando ativamente do grupo, pois se sente parte integrante deste grupo.

Além disso, por meio da arte, você percebe aquele aluno que fica lá no cantinho da sala e que muitas vezes ele tem até medo de tirar uma dúvida com o professor. A partir do momento em que acontece essas aulas diferentes, voltadas para a beleza, estética, eles vão perdendo um pouco essa timidez, perdendo essa vergonha e vão começando a participar ativamente das aulas.

Eles chegam até a descobrir alguma profissão que estava escondida lá dentro. Através dessas aulas, eles chegam a esse denominador comum. Então, eu penso assim: “conseguimos tirá-los lá daquele fechamento que eles têm, daquela timidez, daquele medo de participar, sem falar na sensibilidade que é despertada”. Quando se começa um trabalho desse, que envolva arte no ensino de história, muitos alunos ainda não foram acordados para apreciar essa arte, de dizer o que está por traz da

entrelinha. Então, a partir do momento que a gente começa a trabalhar dessa forma, aí eles vão aprendendo também a trabalhar essa parte, pois alguns são tímidos quanto a esse lado de estar apreciando a verdadeira beleza de cada coisa.

Por isso, para me nutrir culturalmente, também costumo frequentar a biblioteca municipal. Inclusive, em 2015, como professora, realizei na biblioteca um projeto chamado: "Viajando pelo Mundo da Leitura". Era um projeto repleto de atividades que buscavam fazer com que o aluno tivesse a curiosidade de visitar a biblioteca e buscar livro para ler, além dos livros que eles buscavam pra fazer atividades didáticas nas escolas. Durante o projeto, tivemos visitas de alguns escritores daqui da cidade, alguns ministravam palestras para os alunos da escola, incentivando-os à leitura.

Usamos também o recurso do rádio. Levei os alunos a fazerem programa de rádio, sobre a questão do incentivo a ler. Houve debate, roda de conversa na própria biblioteca, para a qual foram convidados alunos de todas as escolas para participarem.

Na semana do livro, no mês de abril, as escolas veem visitar a biblioteca, sendo recebidas com dramatizações, com histórias teatrais do Sítio do Pica-Pau Amarelo, dramatizações de Monteiro Lobato, mostrando às pessoas, principalmente para o aluno, uma importante viagem através dos livros.

Nas minhas aulas, costumo utilizar muitas dinâmicas, por exemplo, filmes. Nesse mês, na turma do nono ano, estou estudando com a turma sobre a "Primeira Guerra mundial, Revolução Russa e a crise de 1929". Os próximos conteúdos já são os regimes totalitários, nazismo, fascismo. Então, vou trabalhar com eles o filme da história da vida de Hitler, para pensar sobre o que o levou a se tornar o Hitler que conhecemos, conhecendo a história por meio do cinema.

Também gosto de trabalhar com o teatro. Desenvolvo um projeto chamado "Vivenciando a História". O estudante escolhe um conteúdo e a turma toda vai trabalhá-lo em forma de teatro. Eles elaboram a peça teatral nas próprias aulas, eu auxílio, eles criam os personagens em cima da história e a apresentam para a escola toda.

Outra coisa que gosto de fazer também são as aulas-passeios. Agora estou programando uma aula-passeio para a cidade de Valença do Piauí, para conhecer as grutas, uma comunidade quilombola, conhecer também as pinturas rupestres que

foram identificadas lá. Acredito que essas propostas, levam o aluno vivenciar a história, aproximam-os de uma aprendizagem significativa.

A exposição é outra estratégia que utilizo em minhas aulas. Trabalho com os conteúdos e eles passam a expor objetos a partir dos estudos realizados, recriando a história a partir da arte: pintura, escultura, musical, dança, teatro, das minhas aulas. Passo filmes, levo-os para aulas diferentes, aulas passeios, trabalho exposições, trabalho também a questão de eles fazerem jornais falados, documentários. Mas do que mais gosto é de trabalhar a questão do teatro, da encenação.

Como professora aprendiz que sou – pois a cada dia aprendo mais e mais com os meus queridos e amados alunos, encerro minha entrevista falando o que diz esta música: “nem toda palavra é aquilo que o dicionário diz, nem todo pedaço de pedra se parece com tijolo ou com pedra de giz, tem aquele que parece feio, mas o coração nos diz que é o mais bonito, descobrir o verdadeiro sentido das coisas é querer saber demais, querer saber demais”. (Teatro Mágico, Sonho de uma flauta).

E o meu trabalho, dentro e fora da sala de aula, é transformar a pedra em obra de arte, o feio em belo, através da arte em todos os seus aspectos, no cantar, no dançar, no encenar, no tocar, no criar, no pintar, no conhecer, no descobrir, no ser feliz. Pois nem toda palavra é o que diz o dicionário, ela às vezes, pode ser o que a gente quer que seja, isso depende de cada um de nós.

Professor Simpson

Meu nome é Simpson, tenho 38 anos, nasci em Mauá –SP, mudei para o Piauí com 11 anos de idade. Lá, é bem mais desenvolvido, minha mãe sempre me levava ao teatro. Por meio da escola, visitei museus. Na própria igreja católica, tive a oportunidade de apreciar algumas peças teatrais. Quando eu vim para o Piauí, o acesso ficou um pouco mais restrito, haja vista que aqui a gente tem espaços mais estruturados para espetáculos na cidade de Teresina, ficando essas ações culturais sob a perspectiva da espontaneidade e criatividade, no meu caso, boa parte na catequese. Para mim, a igreja foi um campo de exploração do universo da arte.

Tenho duas formações, a primeira, no campo da filosofia, que foi no seminário, onde o professor que me incentivou a apreciar e exercitar a arte, isso ocorreu na cidade de Teresina. Por meio do teatro, esse professor, incrementava suas aulas de

filosofia antiga, chegando a escrever algumas peças para ser encenadas em sala. Foram aulas bem marcantes.

Minha outra formação é em História, cursada na UFPI, no campus de Picos. Nesse espaço, temos o professor Robson, que também é ator e tem projetos de extensão bastante sólidos, com atividades teatrais e literárias, sendo criado, inclusive o Grupo Tempus, coordenado pelo referido professor. Também tive boas experiências por meio do programa de Iniciação à Docência – O PIBID⁵⁵, nesse programa, sempre havia espaço para atividades mais dinamizadas.

Sempre me identifiquei com a arte, penso eu que desde a terra infância, quando eu, no ensino fundamental, entrei em contato com teatro. Foi a primeira experiência encantadora, marcou muito a minha vida. A arte causa emoções e mostra a vida de uma perspectiva, de uma forma diferente. É como se pudesse relacionar os conteúdos que às vezes estão distantes, trazendo para uma realidade mais possível.

FOTOGRAFIA 13 – “Feira Cultural escolar”



Fonte: arquivo pessoal do professor Simpson

⁵⁵ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)- O Programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso 23 de julho de 2019.

Meu avô sempre foi uma referência para mim, lembro-me de situações financeiras difíceis que ele amenizava com seu humor, com suas histórias. Hoje, percebo isso como uma arte. Ele conseguia, do seu modo, animar aquela situação de constrangimento. Isso ocorreu diversas vezes. Ele já faleceu, mas posso dizer que é uma pessoa que marcou muito minha infância, sobretudo com sua criatividade.

No aspecto acadêmico, foi minha professora de artes do ensino fundamental a primeira a me introduzir no teatro, através de uma pequena peça sobre palhaços. Eu não me lembro de muitos detalhes. O que me recordo é a alegria, a felicidade que tive em ver o público, a plateia, em contracenar com aquela situação. Sempre me marca a expressão da minha mãe, que sempre foi muito tímida. Nessa pequena experiência, eu vi a emoção da minha mãe estampada em seu rosto, o que intensificou a minha felicidade. Tudo isso foi motivado pela minha professora que ministrava a disciplinas de Artes e História.

Hoje, cotidianamente, meus alunos me alegram muito, seja com desenhos, textos literários, músicas, filmes, livros diversos. Gosto de muitos artistas. Não vou especificar, mas aprecio, sobretudo aqueles que, em sua arte, abordam questões da realidade social com a realidade, tomando como exemplo o teatro de Augusto Boal e aqueles que vemos pela televisão. Também vamos descobrindo as literaturas do Roberto Bolaños, o criador do Chaves, e outros.

É uma pena que o acesso a algumas manifestações é bem restrito nessa região, em Geminiano, e até aqui em Picos. Gostaria de visitar grandes museus e outros teatros. Sinto falta delas, porque percebo que todas essas experiências estéticas, eu acredito, afetam minhas ações profissionais. Como professor, eu sempre procurei levar esse conhecimento, que eu obtive tanto na universidade, na formação acadêmica, para a realidade dos meus alunos. Nós criamos algumas peças teatrais sobre o sol, sobre a filosofia antiga, em relatos históricos, e isso acaba influenciando a vida do aluno.

Na verdade, eu acabei me surpreendendo com ações de diversos alunos que se mostravam muito tímidos em sala de aula, mas com o grande poder de expressividade, com manifestação artística na feira cultural, em declamação de poesia, na criação de desenhos e na atuação teatral.

IMAGEM 09 e 10 – “Produção dos alunos do professor Simpson”



quarta-feira, 9 de setembro de 2015

Artes em Perspectiva - O Olho da Verdade



Aluno do 2ºB - tarde.

Fonte: arquivo pessoal do professor Simpson.

Nesse sentido, compreendo que não tem muito como separar a pessoa que sou como professor, pensando sobre minhas vivências e nas minhas práticas. Eu não consigo separar isso, tendo em vista que essas expressões por obras ou por entendimento da arte. Eu vejo uma riqueza muito grande, uma potencialidade enorme que deve ser explorada e, se houver algum momento que eu veja que talvez possa separar, na verdade vou tentar fazer uma aproximação.

No ensino de História, se estuda a história do homem no tempo. O homem sempre está transformando a natureza e isso também é uma manifestação artística, sobretudo no despertar da criticidade, da criatividade. Ao despertar a criticidade, nós temos a possibilidade de desnaturalizar aquilo que se torna natural, então a gente faz uma arte em cima da arte. Primeiro o homem cria, constrói, e nas aulas de História principalmente a gente tem essa possibilidade, essa ferramenta, de fazer o uso da arte como uma crítica social também.

Compreendo que a arte tem a capacidade de extrapolar aquilo que é visível como natural, pois provoca novas possibilidades de reflexão, de crítica, de refazer e repensar determinadas práticas. Nas minhas aulas, a literatura está sempre presente. Refiro-me também ao que é criado pelos próprios alunos.

Por vezes, a gente tem um conceito de arte, como se fosse algo abstrato, longe da realidade dos alunos, mas pode perceber que tudo o que eles trazem das suas casas, de suas formações; sejam os adquiridos na igreja ou junto à família, são possibilidades válidas para o ambiente escolar, que devem ser consideradas por nós professores.

Gosto de ouvir meus alunos, de saber do que eles gostam e também gosto de propor outras formas de conhecimento. Por isso não abro mão de trabalhar com cinema, teatro, poesia, textos literários e jornalísticos, tudo que enriquece nossas experiências docentes e discentes.

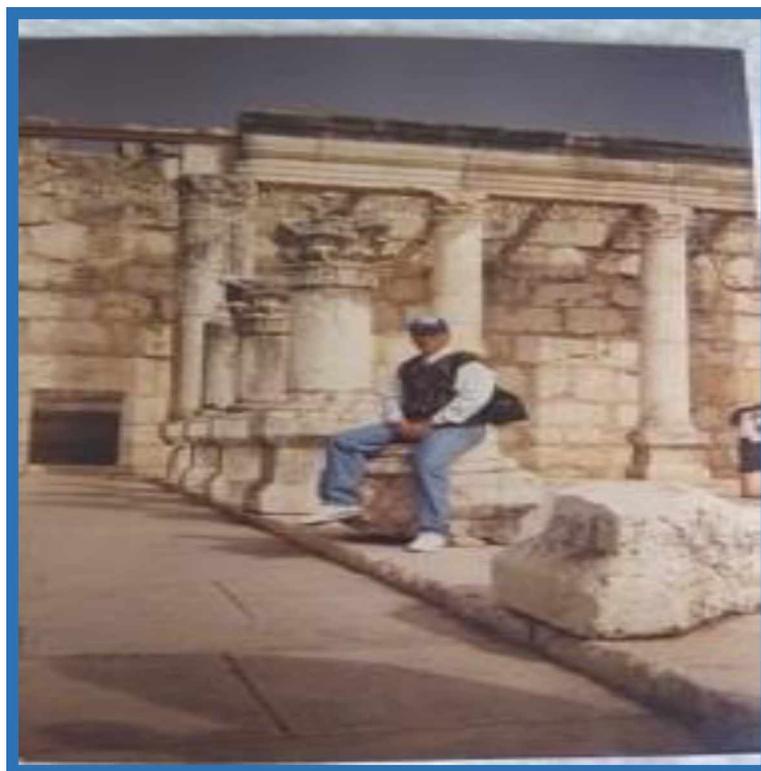
Posso dizer que todas as vivências estéticas impulsionam minha ação docente, dão um sentido maior às minhas aulas de História e que me fazem feliz na minha profissão. Ela possibilita alcançar sentimentos que de outro modo não seria possível.

Professor Patativa

Meu nome é Patativa, tenho 38 anos, sou natural de Picos, sou formado em História pela Universidade Federal do Piauí, atuo nas redes pública e privada do ensino Básico. Sou engajado na militância política, por defender bandeiras de luta que norteiam a minha vida, como justiça social, educação, cidadania, ética etc. Tudo isso é resultado das coisas em que acredito e de tudo que me cerca.

Sou uma pessoa do interior do Piauí, uma região semiárida, muito quente, uma região que durante muito tempo foi muito pobre, na qual convivi com minha família (alguns membros dela são aqui de Picos). Uma das coisas da infância que me vêm à lembrança é a postura do meu pai no que se refere à arte. Ele era um apreciador de cultura, de arte. Ele era uma pessoa que, numa época em que não se valorizava tanto a cultura letrada nessa região, tinha sua coleção de livros, gostava de viajar, conhecer outros lugares.

FOTOGRAFIA 14 e 15 – “Viagens internacionais do pai do professor Patativa”





Fonte: arquivo pessoal do professor Patativa

Ele não era uma pessoa rica, mas fez um esforço muito grande para poder viajar para fora do país! Para conhecer outras culturas, meu pai esteve no Egito, numa época em que isso era quase impensável, tanto que na cidade próxima de onde ele tem origem, que é São Luís do Piauí, ele foi a primeira pessoa a viajar para o exterior.

Entre cultura e arte, uma das coisas de que sempre falo, por ser o que mais me chama atenção, é justamente a arte nordestina. Eu gosto muito das músicas nordestinas, não das de hoje, pois sou um crítico, por exemplo, do que se tornou o forró, ou o São João. Estamos próximos do período das festas juninas. Veremos pouca quadrilha. É uma das coisas mais bonitas de se ver e, praticamente, não existe mais nos bairros. Eu, quando criança, dancei muita quadrilha aqui no bairro. Praticamente, todos os bairros faziam seu São João, todo mundo se divertia. Hoje em dia, quando você vai para uma festa dessa, a programação traz muito mais cantores “sertanejos” do que cantores de forró de raiz, por exemplo.

Os cantores de forró que vão hoje em dia às festas juninas são os que trabalham com o forró eletrônico. Não falam mais sobre o Nordeste, sobre a nossa cultura. Uma banda que, mesmo nesse período de mudanças, ajudou a manter a

tradição, foi a banda cearense Mastruz com Leite, que falava nas músicas sobre o sofrimento do nordestino. Eu me lembro muito dessas músicas que falava sobre as lutas, sobre como se vivia aqui. De Luís Gonzaga, a gente não pode esquecer. Retratava de forma justa a situação do nordestino. Ele fez uma parceria com o Patativa do Assaré. Patativa tem um trabalho chamado A Morte de Nanan⁵⁶.

Nunca consegui ouvir o poema até o fim para não chorar. Quando ele fala da seca de 1932, da perda de sua filha dele, de como eles viviam, me faz recordar em grande parte a história de minha própria família. Tive muitos tios, por exemplo, que faleceram enquanto crianças, vítimas de desnutrição. Fala-se muito sobre isso e a arte nordestina fala sobre isso, de como o sertanejo se tornou uma pessoa forte. A religiosidade do sertanejo é outra coisa a ser admirada, porque eles viam na religião, na arte, na cultura uma forma de resistência, de poder suportar tudo aquilo ali que acontecia, então, é claro, acho muito bonito as vanguardas artísticas.

Também gosto de admirar pinturas, mas tenho grande encanto pela obra de Ariano Suassuna, os filmes se passam no Nordeste muitas vezes, posso assistir o Auto da Compadecida quinhentas mil vezes e vou sempre achar o melhor filme nacional, porque valoriza o nosso dialeto, por exemplo, a forma como a gente se expressa, a forma como a gente se trata.

Na minha época de graduação, um dos trabalhos que eu fiz no decorrer do curso foi justamente sobre literatura de cordel, que é uma das coisas que está se perdendo, está acabando aqui em Picos. Nós encontramos uma pessoa, apenas uma pessoa na cidade inteira que escrevia na forma de literatura de cordel. Praticamente, isso não existe mais nessa região. Isso vem sendo abandonado com o passar do tempo. Figuras que se valorizaram muito aqui, a do vaqueiro, por exemplo, têm seu papel na sociedade retratado nas músicas daqui. Na arte, é uma figura que está praticamente desaparecendo, então eu quero, por exemplo, que no campo artístico, no campo cultural, isso não se perca. É aí que entra o papel do historiador, a figura do professor de história: falar sobre isso com nossos alunos, trazer sistemas. Porque dificilmente os livros didáticos abordarão os temas locais. Sempre há uma generalização dos conteúdos. Então cabe, a gente trazer uma parte dessa arte e dessa cultura para ser valorizada, ou no futuro ninguém vai ao menos saber o que era isso.

⁵⁶ Poema de Patativa do Assaré, poeta popular cearense.

Meu avô materno era sanfoneiro, e meus tios seguiram pela mesma arte. Na família da minha mãe, praticamente todo mundo toca um instrumento. Ela mesma toca pandeiro e triângulo. Uma de minhas tias (já falecida) também sabia tocar sanfona; então, de certa forma, pelo lado da minha mãe, eu vivo em uma família de artistas. Muitos vivem da música. Alguns participam de grupos de reisados. Inclusive agora, recentemente, a gente participou de um, algo que tem ficado distante da juventude atual, algo que já foi tão festejado no Nordeste. Fico com o coração partido ao ver que está se perdendo.

FOTOGRAFIA 16 - “Mãe do professor Patativa”



Fonte: Arquivo pessoal do professor Patativa

A própria figura do sanfoneiro, dentro do forró hoje é desvalorizada, porque o ritmo do momento é o eletrônico. Eu convivi e convivo com gente que vive da arte. Meu irmão trabalha com um grupo de músicos, na parte técnica, porque nossa vida é tão corrida hoje em dia, que nem tivemos o tempo, ou o interesse de seguir essa tradição de sanfoneiros. Mas posso afirmar, a partir dessas memórias, que pertenço a uma família de artistas.

Minha mãe conta que, quando criança, acompanhava o pai dela. Era a forma que ela tinha de ir para a festa. Era o pai dela o sanfoneiro. Levava-a porque ela

sabia tocar pandeiro. Era uma forma de ela ir para as festas. Elas ocorriam nas casas das pessoas, não haviam clubes. Ela conta que, quando aparecia alguém que sabia tocar o pandeiro, ela fugia um pouquinho para aproveitar a festa e até namorar.

Na cidade de Picos, não se tem muito acesso à arte. Há uma certa carência de espaços e artefatos para que se possa ter mais contato com arte, isso faz falta na minha vida. O cinema é algo mais recente aqui em nossa cidade. Livraria mais técnica, não temos. Também não temos biblioteca pública, somente temos as das escolas, que são muito deficitárias, muito mesmo. Então, de modo geral, o nosso contato maior com a arte vem muito do que é ditado pela mídia.

Sou uma pessoa que valoriza muito a cultura nordestina, até porque essa região, a cultura nordestina, a cultura do sertanejo em si, hoje algumas manifestações estão desaparecendo ela estando desaparecendo, mas ainda tem força, nossa cultura é forte, é de raiz. O estilo de vida do sertanejo, a sua música, a sua forma de enfrentar as labutas típicas do sertão nordestino. Eu compreendo que a arte muitas vezes foi usada como uma forma de resistir, de suportar as injustiças, a fome, a miséria, que cercava o camponês,

Nesse sentido, gosto muito da arquitetura. Nós estamos em uma escola aqui em Picos que fica defronte à última casa que possui arquitetura do século XIX. Situada no centro da cidade, corre um sério risco de ser demolida, por não existir uma lei de preservação específica aqui em nossa cidade. A proprietária dela faleceu no ano passado. Assim, logo virará uma questão de herança, e é pouco provável que seus herdeiros pensem em preservar a arquitetura atual. Arquitetura é arte, mas o patrimônio arquitetônico do centro da cidade de Picos foi todo dando espaço para o comércio, então ele sempre foi alterado. Picos é uma cidade vocacionada para o comércio. A preocupação centra-se no lucro.

É claro que nós temos pessoas que se destacaram e se destacam até hoje. Eu sempre cito o próprio Odorico Carvalho, que sempre levantou a bandeira da música desde os anos 1960, montando bandas de músicas, falando sobre cultura em uma época que era difícil gravar discos, por exemplo. Então, ele foi um picoense que conseguiu fazer isso. Acompanho a carreira dele. Acho que a cultura não ocupou ainda o espaço que deveria em minha vida. Eu a utilizo. Gosto de me utilizar da música, da dança, da própria arquitetura nas minhas aulas. Quando a gente está falando, por exemplo, sobre o Brasil no século XX, sobre revolução industrial e as

mudanças que ela trouxe na vida das pessoas, eu sempre gosto de pegar a imagem de Picos e mostrar como o desenvolvimento econômico pode afetar também a própria história, arte e cultura do lugar.

Gosto de explorar, sempre que possível, esses aspectos da arte em minhas aulas. Quando falo sobre a arte local, como citei, vem-me a imagem do Odorico, por exemplo. Suas músicas são muito bonitas, valorizam a cultura local. Gosto da arquitetura do local, os carrões antigos dos anos 1920, dos anos 1930, do século XIX que tinha uma arquitetura totalmente diferente do atual.

Quando olho as casas de antigamente, vejo que a frente dela é bem maior; as janelas possuem portas mais estreitas; há “cumeeira”, que é o ponto mais alto da casa; há paredes que não vão até o telhado, na parte interna as paredes de meia altura. Então, nas minhas aulas, mostro fotografias de como era a arquitetura de séculos passados aqui em nossa cidade. Mostro o modo de vida das pessoas.

Na vida cultural da cidade dos anos 1960 e 1970, havia grandes reuniões, festivas no Picoense Club, que reunia artistas, as pessoas que gostavam de música. Tento também resgatar a história do Cine Espark, o primeiro cinema aqui de Picos, que primeiro se chamou Cine Jordânia. Mas assim como no filme Cine Holliúdy⁵⁷, o cinema do interior do Nordeste perdeu força quando a televisão começou a chegar. Ele não resistiu a isso, então eu sempre busco mostrar isso.

Onde funciona essa escola, no século XIX, era a casa de italianos, mas a casa original foi demolida para se construir esse prédio. Porém, ainda tenho como referência a casa aqui da frente, ela tem porão e preserva bem a arquitetura do século XIX, de quando ela foi construída. Nas aulas faço, a contextualização, falando da chegada dos italianos, pois na vinda dos imigrantes para o Brasil, alguns tinham como destino Picos, e aí eles se fixaram nessa rua. Para algumas pessoas mais velhas, essa ainda é a rua dos italianos.

Dentro das minhas aulas, eu sempre busco exaltar a cultura local, a arte, para que ela não se perca, porque os nossos alunos, hoje em dia, quando se vai comentar esse tipo de coisa, parece que recebem o comentário com um certo estranhamento. Percebo que muitas vezes, eles até gostam da cultura, mas não sabem, por que não têm contato nenhum com ela, com a cultura local, algo que

⁵⁷ Filme de comédia brasileiro, que exalta o modo de ser cearense, teve estreia no ano de 2013, sob direção de do cineasta Helder Gomes.

lamento bastante. Mas tenho feito o que posso dentro das minhas possibilidades de professor de História.

Ao utilizar artefatos culturais em minhas aulas, a intenção primeira é de que ela não se perca, sobretudo a que diz mais da gente nordestina. Que a nossa arte seja valorizada, seja lembrada, porque é tão triste você olhar e ver, por exemplo, que nossa história, cultura e arte vão desaparecendo. Eu busco uma forma de fazer com que eles lembrem de que aquilo ali existe e que deve ser valorizado.

Eu saí de Picos para Petrolina, para um São João, com o show do Flávio José. Ele traz esses detalhes da cultura do Nordeste em suas canções. Muitas vezes, quando se fala sobre o Brasil daquele período, a história mostra pra gente: “olha o seu pai viveu isso, o seu avô, a sua avó viveu isso aqui”. Então, não podemos deixar isso se perder, porque isso é cultura, isso é história. Eles vivem uma arte, viveram e, muitas vezes, nem se deram conta que aquilo ali era um patrimônio artístico. Muitas vezes, faltou isso para o sertanejo: preservar parte daquilo ali, como uma forma de fazer arte. Muitas vezes, na cabeça das pessoas, o artista é o ator ou é o músico, eles não têm a consciência de que um escultor, ou uma pessoa que fazia um pote de colocar água, com cerâmica a partir do barro, aquilo ali também é arte.

Acredito que falta isto, falta compreensão, entender que aquilo ali também é um tipo de arte. O seu saber, o saber fazer aquele objeto, daquela forma, é uma forma de criação que está se perdendo, as pessoas não têm muita noção disso. Nesse aspecto, como professor de História, eu tento conscientizar as pessoas de que a arte existe, ela nos cerca e não podemos deixar que ela desapareça.

Com o processo de globalização, a internet, a interligação dos lugares, surge uma ideia de homogeneidade cultural, muito impositiva. Outro dia fui, à Petrolina para assistir a um show de Flávio José, um artista que aprecio bastante, cuja obra diz muito de nossa cultura sertaneja.

Tareco e Mariola⁵⁸

Flávio José⁵⁹

*Eu não preciso de você
O mundo é grande e o destino me espera
Não é você quem vai me dar na primavera
As flores lindas que eu sonhei no meu verão*

⁵⁸ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/flavio-jose/46008/> Acesso em 13 de setembro de 2019

⁵⁹ Poeta e cantor nordestino, se destaca pela autenticidade de sua obra, no que diz respeito a valorização da cultura nordestina.

*Eu não preciso de você
Já fiz de tudo pra mudar meu endereço
Já revirei a minha vida pelo avesso
Juro por Deus, não encontrei você mais não*

*Cartas na mesa
O jogador conhece o jogo pela regra
Não sabes tu que eu já tirei leite de pedra
Só pra te ver sorrir pra mim não chorar*

*Você foi longe
Me machucando provocou a minha ira
Só que eu nasci entre o velame e a macambira
Quem é você pra derramar meu mungunzá*

*Eu me criei
Ouvindo o toque do martelo na poeira
Ninguém melhor que mestre Osvaldo na madeira
Com sua arte criou muito mais de dez*

*Eu me criei
Matando a fome com tareco e mariola
Fazendo versos dedilhados na viola
Por entre os becos do meu velho Vassoura*

Mas ontem vi a programação do São João de lá, para esse ano de 2019, ele não está mais entre os artistas que se apresentaram em nove noites de festa, não colocaram um daqueles que pra mim é um dos maiores ou o maior representante atual do São João, da arte nordestina. Ele não está lá. A meu ver, isso ocorre porque a cultura vem sendo massificada e a música de raiz nordestina vai se perdendo e as pessoas acabam por se deixar levando por isso. Muitas vezes, quando você tenta falar, você é até visto como um chato, como uma pessoa que quer ser diferente das demais, que não quer seguir o que a maioria segue.

Por isso, acredito que dentro da sala de aula o professor de História vai ser essa pessoa que tem uma consciência artística, uma consciência cultural que possa ser transmitida aos seus alunos. O professor não precisa ser meramente transmissor de conteúdo. As escolas exigem que passemos o conteúdo, mas tem que buscar alguns minutos, em algum momento da aula, para valorizar isso, pra falar sobre isso.

Ao levar arte para o processo de ensinar História, percebo que alguns alunos passaram a valorizar mais as linguagens da arte, alguns até se tornaram artistas. Eu tenho ex-aluno que é cantor, ex-aluno que é ator, foram despertados a apreciar a arte em sala de aula. Em minhas aulas há espaço para a arte, isso eu posso afirmar. Essa capacidade de desenvolver o gosto em apreciar arte é muito difícil

porque requer um processo de amadurecimento; ao passar do tempo é que ele vai tomando uma consciência maior daquilo de que ele tá vivendo, sentido.

Gosto do engajamento dos meus alunos, muitos de forma bem crítica. Para evitar a troca do piso da igreja matriz aqui de Picos, por exemplo, que é uma coisa que está repercutindo muito na cidade, vejo muitos alunos se manifestando, falando “olha isso ali não é só um patrimônio religioso, é um patrimônio artístico, cultural da cidade que não pode ser destruído”. Picos, lamentavelmente tem dessas coisas: a não valorização do patrimônio arquitetônico. Agora, recentemente, por exemplo, presenciamos a destruição de prédio antigo, ali, onde estão terminando um suntuoso prédio da Farmácia Iná. Antes era um prédio do século XIX, era um prédio muito bonito, que preservava a arquitetura que foi demolido como os calçadões, uma recente tristeza para quem valoriza e compreende o valor artístico, cultural destes imóveis.

Se você olhar os registros de Picos nos anos de 1950, os namoros, as paqueras, a música em Picos aconteciam dentro dessa praça ali com as moças em cima do calçadão e os rapazes oferecendo música pra elas, oferecendo serenatas. Eles simplesmente foram demolidos, do dia para a noite. Onde antes era uma área habitada, o centro de Picos, onde era o centro de lazer da cidade, justamente essa região, se perdeu, essa ao lado da Praça Félix Pacheco aqui.

Logo adiante, a Praça Josino Ferreira. Próximo dessa praça, as ruas posteriores eram praticamente desabitadas, praticamente não moravam pessoas aqui porque era área de alagamentos, como a cidade era um vale, então as pessoas moravam ali porque nos períodos de cheia o rio ia até lá, então o pessoal vivia mais daqui. Passando pelo Coelho Rodrigues, no bairro São José, muita gente fez muita serenata, ofereceu muitas músicas. É uma história muito bonita. Mas aquela região se perdeu. Eu acho tão bonito quando os meus alunos falam sobre isso, criticam, engajam-se na luta.

Tenho consciência de que pelo menos de alguma forma nossas aulas tocaram e serviram para alguma coisa. Então, embora muitos deles não acabem por se tornar artistas, há esta esperança de que se tornem apreciadores e que passem a ter noção do que é arte, do que é cultura.

No ensino básico a arte se resumia basicamente às datas comemorativas, mesmo nas aulas de História. A escola fazia festas, algumas delas com o intuito de agradar aos pais. Mas a festa junina era sempre animada, havendo a valorização da

cultura local, a cultura da roça. Na UFPI, a gente a passou a ter mais contato com a arte especificamente com o professor Raimundo. Ele gosta de teatro. Se eu não me engano, ele tem até um grupo de arte dentro da universidade até hoje. Eu entrei em um período de formação do curso. Faço parte da segunda turma de história daqui da UFPI, o curso ainda estava se estruturando. A maior parte dos professores ainda era professores temporários. O curso foi se estruturando, melhorando com o tempo.

Assim, valorização específica dentro do curso e que merece um maior destaque é a figura dele. Lá tive outro professor, um filósofo, o professor Gustavo Silvano que era um professor da área de Filosofia. Dentro das aulas de filosofia da educação, dentro das disciplinas de ética, por exemplo, ele procurava uma forma de trazer algum conhecimento sobre arquitetura, sobre escultura pra dentro da sala de aula, que era uma das vertentes estudadas por ele no mestrado na PUC do Rio de Janeiro.

Mas há muita carência nessa área artística cultural na cidade de Picos. Por exemplo, é uma cidade que até hoje não tem um teatro. Há pouco mais de um ano se anunciou a construção de um teatro aqui em Picos, inclusive em frente à Universidade Federal do Piauí. Mas toda a burocracia, a alegação de crise econômica... ainda estamos aguardando. Ainda não começou a ser construído, nunca foi colocado nem a pedra fundamental.

O estado do Piauí ainda é um estado com pouco investimento no campo da cultura, do ponto de vista artístico, por falta de incentivo estrutural e financeiro. No Brasil, isso ainda é um grande problema. A iniciativa privada brasileira ela diferente da iniciativa privada europeia ou americana, que valoriza arte e cultura. Aqui no Brasil sempre se espera que o governo faça isso, sempre se espera que o governo faça isso porque a iniciativa privada não valoriza cultura. Por exemplo, na questão artística no Brasil, nós temos um museu, o Museu Nacional⁶⁰. Por exemplo, nunca se conseguiu arrecadar praticamente nada a partir da iniciativa privada, para realizar a revitalização deste importante espaço cultural. Mas quando aconteceu a mesma coisa em uma catedral europeia, alguns integrantes da elite europeia se mobilizaram para poder resgatar a história cultural daquele espaço, porque eles valorizam isso, e

⁶⁰O Museu Nacional é uma instituição autônoma, integrante do Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculada ao Ministério da Educação que completou 200 anos em 2018. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html> Acesso em 14 de julho de 2019.

isso falta aqui no Brasil. A população brasileira não tem o costume de conviver e valorizar a arte.

Nesse campo vejo como especial, de forma bem particular, Luís Gonzaga. Gosto muito do trabalho dele. O som do meu carro sempre toca as músicas dele. Quando sento em um lugar para beber, se eu tiver só ou com minha esposa, eu vou ouvir as músicas dele, porque eu gosto e até porque me traz um sentimento nostálgico. Hoje não, mas na minha infância, por exemplo, nessas regiões que ficavam ao redor da minha cidade, nenhuma delas tinha eletricidade, não tinha água encanada. Então, lembro-me de que vivi aquele momento retratado na obra dele. Assim, acaba sendo uma referência muito marcante para mim. Mas tenho uma referência de artista, por exemplo, que me influenciou muito no campo político ideológico. Para mim, o artista Wagner Moura ⁶¹ tinha que ser uma referência de todo mundo. Ele consegue mostrar a arte dele de uma forma que influencia a vida das pessoas. Também admiro o ator Mateus Nachtergaele⁶², cuja carreira tenho acompanhado desde o auto da compadecida. Mais recentemente foi gravado o filme “Cine Holliúdy” e sua sequência, com o ator Edmilson Filho. Foi uma das melhores coisas que fizeram nos últimos tempos. A luta para se preservar a arte em um lugar do sertão nordestino... O avanço tecnológico dificultando a preservação da cultura local... Tenho essas pessoas como referência, embora não possa dizer que norteiam minha vida. Mas são pessoas que eu tenho como ídolos, que eu tenho como pessoas que admiro.

Professor Vicente

Meu nome é Vicente, tenho 48 anos, nasci em Campina Grande- PB, mas estou em Picos desde 1990. Sou uma pessoa simples, casado, pai de dois filhos maravilhosos. Sou historiador e pedagogo, mestre em História. A educação é uma de minhas paixões. Atualmente sou professor na mais antiga e bem estruturada faculdade privada aqui de Picos. Logo depois de terminar a pós-graduação, fiz alguns concursos, fui aprovado e aguardo ser chamado para realizar um trabalho como gostaria, que é atuar como professor efetivo, o que eu mais quero agora – um

⁶¹ Ator, jornalista e diretor de cinema, se destaca na cena cultural brasileira com uma vasta produção cultural- Fonte: <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-90310/>-Acesso 29/09/2019

⁶² Ator, diretor e roteirista brasileiro. Fonte: <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-28570/>, Acesso 29/09/2019

grande sonho mesmo. Embora eu esteja na educação há muito tempo, já fui coordenador pedagógico de institutos particulares. Tenho muita experiência com institutos que ofertam cursos nos finais de semana.

A arte entrou na minha vida por meio da poesia. Esse encontro tem relação com meu jeito de ser na infância, pelo fato de ser uma pessoa com temperamento tímido, embora, não pareça. Quando eu falo isso, quem me conhece diz: “mas ‘tu’ não tem nada de tímido”. Mas a verdade é que sou tímido. Mas esse jeito foi sendo polido ao longo da vida, a gente vai amadurecendo e aprendendo a se conhecer. Tive que ler muito sobre comportamento para me conhecer melhor. Sem vitimização, mas, na condição de uma pessoa de cor, sempre sofri muitos preconceitos na vida, desde criança. Assim, fui me retraindo.

Hoje compreendo que essa timidez foi sendo construída a partir dos preconceitos que sofri. Mas com o tempo passei a compreender que a minha timidez tinha relação direta com o complexo de inferioridade que plantaram em mim. Hoje, sinto-me resolvido em relação a isso. A poesia me ajudou bastante, pois, a partir dessas vivências, passei a escrever o que eu sentia em forma de verso e, por isso, me sentia melhor. Não me considero poeta, mas costumo arriscar algumas rimas.

Hoje estou casado, mas ainda guardo a minha agendinha contando cada vez que eu me interessei por uma garota. A minha esposa já viu essa agenda, mas ela entende que o que lá está escrito trata de outra época de minha vida. Como historiador, não me permito me desfazer dessas memórias. Cada poeminha que fiz retrata experiências que eu vivi. Há um que fiz para o nascimento da minha filha, primeira filha. Atualmente, sou pai de uma moça de 21 anos e de um bebê do meu segundo casamento, que tem apenas 9 meses. Portanto, tenho uma menina e um menino. Falando dessas questões, percebo melhor que a arte está, de certa forma, impregnada na gente. É uma forma de manifestação. Então, no meu caso, eu manifestava os meus sentimentos através do que eu escrevia. Hoje, devido às muitas obrigações que a gente tem, a vida tornou-se mais corrida, por isso escrevo bem menos, ou melhor dizendo, escrevo, mas, algo ligado à minha área de pesquisa. Mas ainda assim, quando eu tenho um tempinho para relaxar, gosto de rabiscar alguma coisa. Seguem abaixo, duas de minhas poesias, estas foram escritas há algum tempo atrás, na simplicidade de quem escreveu com o coração as experiências que viveu em um passado distante, do qual só restou boas lembranças.

AMOR

Te busquei na paciência,
Te encontrei na benignidade,
Repousei na confiança de tua simplicidade.
A naturalidade de tua sabedoria
Destitui a arrogância e também a ufania;
Por cautela te conduzes nos caminhos da excelência,
Para que evites o egoísmo e abrases a prudência.
Debaixo da excelência de tua supremacia
Subjugas a maldade; tudo o que te ressentia,
Te comprasses na justiça e na verdade
Que produzem alegria.
A alegria que emana desse puro sentimento
Renova esperança e minora sofrimentos,
Confirmando a certeza com a qual deveis contar:
Que o amor tudo suporta, que o amor jamais acaba!

OCASO

No horizonte há um brilho intenso, diferente
O sol está se pondo à minha frente
Enquanto olho na direção da tua casa.
Imagino o que estás fazendo agora,
No que estás pensando?
Eu estou pensando em você.
Por um momento atrevo-me a sonhar acordado
Enquanto penso em nós dois juntinhos.
Agora, exatamente nesta hora cheia de inspiração,
Há um colorido no céu
E os belos raios de sol impregnam as nuvens
Numa aquarela esplendorosa!
Um colorido tão belo e intenso
Quanto o brilho que ilumina Minh 'alma
Impregnada por ti.
Este momento mágico dura apenas um instante
O suficiente para eternizar minha certeza
De que no pôr-do-sol da minha vida
Tua luz nunca se apagará
E, mesmo que a noite venha,
Trevas alguma haverá,
Pois esta noite será bela
Tanto quanto é bela aquela
Que ocupa o meu pensar.
Nesta noite estrelada, linda noite de luar.
(Professor Vicente)

Além das poesias, sempre gostei de desenhar e de cantar também. Quando estou triste também solto a voz. Música, poesia e desenho sempre me fascinaram. Por meio da arte vou expressando os meus sentimentos. Na verdade, sempre fui um sonhador. Desconfio até que eu tenha influenciado algumas pessoas da minha família, como meu irmão, que gosta de desenho, e uma sobrinha que hoje toca piano. Guardo em mim a vontade de tocar saxofone.

Meu pai era muito fechado, seguiu à risca o modo como foi criado. Mas minha mãe sempre gostava de dançar. Inclusive, lá em Campina Grande, na Paraíba, tenho fotos dela com troféus na mão. Ela foi porta bandeira premiada na escola de samba que integrava. Assim, posso dizer que fui influenciado por ela também.

FOTOGRAFIA 17 – “Troféu de porta bandeira”



Fonte: arquivo pessoal do professor Vicente

Na escola, no ensino fundamental, lembro que eu tinha um amigo chamado Marcone. Ele era meio poeta e eu gostava de desenhar. Na escola surgiu a oportunidade de participarmos de um concurso de arte. Para concorrermos, eu fiz o desenho e ele a poesia. No final, ficamos bem colocados. Esse resultado foi um importante incentivo para nós.

Eu acho que o que me incentivava mesmo em relação aos desenhos que eu fazia era os gibis que eu lia. Eu gostava de ler as historinhas de herói. Lembro até do nome de um herói que eu criei na minha imaginação – o Super Zen, que foi

baseado nas histórias dos gibis aos quais eu tinha acesso. Como mencionei antes, eu era uma pessoa tímida, não tinha muitos amigos. Não que eu não queria os ter, é que eu não sabia como fazer para me aproximar das pessoas. Desse modo, encontrava-me diariamente com o mundo da leitura.

Posso dizer que a escola, no meu tempo, foi o diferencial, porque, com a mudança da minha família para Picos, muita coisa mudou. Meu pai veio com o Batalhão de Engenharia e Construção (BEC), na década de 1970. Com o tempo ele cansou de ficar sozinho. A condição para continuar na cidade foi trazer a família. Nesse período eu era criança. Fiquei dos 10 aos 15 e estudei em algumas escolas daqui, como a Escola Vidal de Freitas, a Unidade Escolar Marcos Parente. Lembro-me de que existiam na escola muitos concursos de artes com o objetivo de descobrir talentos. A escola que promove essas atividades é uma porta para a expressão artística do aluno e para descobrir talentos. Isso é fundamental.

Aqui na UFPI cursei História. Tive um professor que realizava muitas atividades que envolviam arte, oportunizava essas vivências, tanto em sala de aula, quanto no grupo Tempus. Cheguei a realizar a sonoplastia desse grupo, oportunidade dada por esse professor.

Acabo de me dar conta que eu nunca havia pensado sobre como a arte está presente em momentos bons da minha vida. Há um episódio marcante na da minha adolescência: eu sempre adorei as tertúlias, com aquela radiola tocando dentro de casa, às vezes na casa dos colegas, algo que nunca saiu da minha cabeça. Guardo essas lembranças até hoje, tempo gostoso e saudável – uma doce lembrança. Desse período, lembro de uma garota, a Chiquinha, por quem me apaixonei. Lembro-me da primeira vez que dancei com ela. Sempre gostei de dançar também. Tocando nesse assunto das tertúlias, acabo de lembrar que foi minha mãe que me ensinou a dançar, e isso é outra coisa marcante em minha vida.

Lembro agora de minha mãe dançando comigo na sala da nossa casa. Dançar um samba canção, como ela costumava dizer, foi algo maravilhoso, bem marcante. Meu pai não era muito presente devido ao trabalho dele. Como motorista, viajou o Brasil inteiro. Assim, eu passava mais tempo com a minha mãe. Ela era porta bandeira de uma pequena escola de samba, adorava dançar e me contava as histórias de como era quando ela saía com o meu pai para as festas naquele tempo. Foi minha mãe que me incentivou, de certa forma. A dança é uma manifestação artística!

Gosto muito de ouvir música e de desenho. Gosto muito de desenhar. Costumo dizer que, se eu não fosse professor, seria algum desenhista. Inclusive, o primeiro vestibular que eu tentei foi para essa área voltada para o desenho. Quando eu era criança, eu gostava muito de desenhar. Lia muito gibis. Sou da época dos gibis. Então, eu criava as minhas próprias historinhas e desenhava. Depois, fui perdendo um pouco a prática. Mas acho que se eu ainda arriscar, consigo alguma coisa. Gosto muito da arte da música, pelo poder incrível que tem a música. Adoro cantar, embora eu não saiba.

Às vezes, na igreja, por exemplo, sempre eu cantava muito e gostava de cantar. É uma coisa que realmente mexe comigo, dá frio na barriga. Muitas aulas que já ministrei se tornaram até interessantes, porque eu cantava na sala de aula. Geralmente eu procurava uma música para ilustrar algo que eu estava dizendo. Ah, meu estágio de docência foi aqui na UFPI. Lembro-me que em uma dessas vezes que o professor que me orientava, deu-me a oportunidade de falar com a turma, enquanto ele viajava. Acabei usando uma das músicas de Cazuza que fala sobre ideologia para podermos discutir determinadas ideologias que circulava no período imperial aqui no Brasil. Foi muito interessante.

Tanto lá como em outras instituições para as quais muitas vezes sou convidado a trabalhar as atividades que propomos em sala de aula, em apresentações, seminários, conseguimos perceber a forma como os alunos despertam sua criatividade. Agora mesmo na última experiência em uma faculdade privada aqui de Picos, tivemos como uma das atividades avaliativas na própria ementa da disciplina a oportunidade de colocar uma atividade mais ou menos nessa linha. Com essa proposta, alguns alunos foram bem criativos, na apresentação de seminários, sobretudo.

Há vários artistas de que gosto. Como eu assistia a muito filme quando criança, embora eu não pudesse ir ao cinema constantemente e não tivesse televisão em casa, assistia aos filmes quase sempre na casa dos vizinhos. Adorava os filmes do Roberto Carlos. Ver o Roberto naqueles carros vivendo tantas aventuras era muito bom. Do Elvis Presley, assistir a quase todos. Me lembro de que assistir O Seresteiro de Acapulco, em que ele era o mergulhador e tinha uma montanha dentro da água. Outro artista a que eu sempre assisti e que admirava muito era o Charles Chaplin. Ainda hoje me pergunto como é que um rapaz na época do cinema mudo

conseguia fazer humor daquela forma, sem os recursos que hoje temos. Seu personagem não falava, não ouvia vozes. Tudo mudo. Eu achava aquilo perfeito.

Chaplin é aquele tipo de pessoa que existe a cada 100 anos. Seus filmes marcaram muito a minha infância. Também gostava bastante de Jerry Lewis. Estou reativando minha memória. Lembro muito das séries da minha época de infância (Daniel Bonner, O Homem do Fundo do Mar). Assistia a todos – gostava dessas manifestações artísticas: músicas, filmes, cinemas, essas coisas... Nunca assisti a um circo na vida. Quando vi aquele que está ali disse para mim mesmo: hoje terei que assistir ao circo, porque nunca fui ao circo na vida.

Passei a maior parte da vida aqui em Picos e em Campina Grande, onde eu nasci. Lá em Campina, por ser uma cidade bem maior que Picos – lembro que lá havia setecentos mil habitantes na cidade – há muito mais incentivo cultural do que aqui. A casa da minha avó, já falecida, localiza-se em frente ao Parque do Povo, onde acontece o maior São João do mundo. Eu me sentava na porta da minha avó e ficava vendo a festa. Minha tia, inclusive, tinha barraca de vender comida nas festas.

Lá tinha mais acesso a teatro, cinema. Meu primo trabalhava com cinema e eu adorava isso. Ele me deixava entrar de graça. Por conta dessas oportunidades e pensando em quem não as tem, acho importante que a escola incentive essa relação com a arte, acredito também que isso possa acontecer em grupos de jovens nas igrejas.

Fui por muito tempo diretor do grupo de desbravadores, que é algo parecido com escoteiros. Ali tínhamos muitas manifestações artísticas, e ensinava aos meninos fazer encadernação para poder saírem de casa em casa oferecendo os serviços deles. Isso porque muitas crianças eram pobres e não tinham condição financeira de comprar a farda. Então ensinávamos artes manuais por exemplo: encadernação para que eles pudessem conseguir dinheiro para comprar fardamento. É válido quando instituições, como a escola e a igreja, abrem espaços dessa natureza.

Tenho amigos na igreja Adventista, que fazem muito uso da música para ensinar o Evangelho às pessoas. Na própria igreja que eu frequento hoje, por exemplo (eu não sou batizado, mas como a minha mãe era adventista, minha família toda era adventista, pois muitos deles faleceram, inclusive meus pais) posso ver isso acontecer dentro do grupo de jovens.

Quando cheguei aqui em Picos, ainda existia o Cine Spark. Assisti a alguns filmes. Mas aqui sempre foi muito carente de locais assim, ambientes que possam favorecer esse tipo de manifestação. Acho que há pouco incentivo em relação a isso. Lamentavelmente perdemos o Cine Spark. A biblioteca pública, onde as pessoas iam para ler e fazer trabalhos de pesquisa, hoje já não existe mais. Nós temos um museu. Graças a incentivos particulares será instalada internet nele. Porém, percebe-se uma carência bem maior em relação a essa questão.

Acompanho as discussões, os debates. Parece-me que falta vontade política. Escuto pessoas reclamando sobre o pouco incentivo para a arte e espaços onde possamos expressá-la. Algumas delas estão desaparecendo. Admiro muito as iniciativas que temos aqui em Picos, como o ADIMÓ, o próprio grupo aqui da UFPI. Essas vivências me afetaram como pessoa e como profissional também. É bom pensar sobre isso, gosto muito de levar música pra sala de aula. Falando como pedagogo agora, acho que não é suficiente só você ter conhecimento científico. A questão da didática é muito importante, o modo como se aplica esse conhecimento na sala de aula. A arte ajuda muito nesse processo.

Nos diversos espaços em que trabalhei, (que não foram poucos), sempre utilizo a linguagem da música, por ser ela uma das linguagens com que mais me identifico. Sempre percebo o quanto deixa a aula mais leve, as pessoas mais felizes, sem desmerecer o conteúdo, a aprendizagem. Se eu gosto e eles gostam, então haverá arte.

No exercício da profissão, gosto muito de trabalhar envolvendo a arte: a música, a poesia... Isso tem me ajudado bastante, e uma das coisas que uso muito em sala de aula é música. Quando não canto para eles, coloco algo para eles ouvirem. É incrível como isso produz um efeito positivo na vida das pessoas.

Houve situações que despertaram sentimentos profundos nas pessoas. Lembro-me de uma aluna que chorou após uma música, ficou muito emocionada. No final da aula ela veio conversar comigo, falar de sua vida, de sentimentos. Foi bom demais poder ajudá-la de alguma forma.

Mas é muito mais que auxílio didático. Com ela eu volto a ser criança de novo, e quando eu te digo volto a ser criança não é no sentido pejorativo da coisa, infantilidade, imaturidade, não é isso. É colocar para fora de mim aquilo que eu não conseguia por conta das circunstâncias da vida, sempre acelerada e cheia de cobranças. Pois crescemos, ficamos adultos e nos esquecemos do melhor que a

gente tem. Então, ela me ajuda a manifestar os melhores sentimentos. Torna-me mais sensível. E acredito que isso são qualidades que todo educador precisa ter. Precisamos sentir com as pessoas. Não tenho medo de fazer isso na sala de aula e nem vergonha nenhuma, porque isso, tanto nas minhas experiências pessoais, quanto nas que já tive em sala de aula com meus alunos, extrai o melhor deles.

Durante meu estágio em docência superior, trabalhei com a música Ideologia do Cazuzu. A proposta era fazer com que eles entendessem as ideias que circulavam naquele período. Despertamos o pensar das pessoas sobre isso. Isso ficou mais fácil para eles aprenderem e aprenderem de maneira mais descontraída. Aprendem e relacionam melhor o assunto quando se faz esse tipo de contextualização e aplicação. Então, para mim, isso sempre funcionou.

A arte é também uma lente de criticidade; Lembro quando eu dava a oportunidade para os alunos falarem durante as aulas, e eles traziam cada experiência da vida, fazendo sempre uma relação com a realidade atual. Então, acaba sendo uma forma de extrair o melhor que a gente tem. Tenho certeza, pela experiência que tenho, que a manifestação artística na sala de aula, seja lá de que tipo for, acaba extraíndo o melhor que as pessoas têm. As pessoas se descobrem.

FOTOGRAFIA 18 e 19 – “Teatro na Universidade”





Fonte: arquivo pessoal do professor Vicente

A arte tem esse poder, e falo da minha experiência. Ela me torna mais sensível e tira de dentro de mim aquela criança, no sentido da sensibilidade, de não existir maldade, porque, com o tempo, crescemos e nos tornamos adultos. Gosto da arte por isso: ela bota para fora aquilo que eu verdadeiramente sou e por alguma razão. Controle social, consciência que se cria socialmente, e quando eu falo disso, lembro-me de Freud, de ego, de superego... aquela coisa toda. Então, acho que tem muita coisa boa dentro de nós, e que muitas vezes são sufocadas pelas circunstâncias da vida e aí, como sempre, estou procurando fugir disso. Sobre isso, hoje tenho um pouco mais de consciência.

Quando se faz uma coisa em que acredita e a faz com amor, dá certo, funciona. É assim comigo. Essa crença fortalece minhas ações de professor. Quando eu uso música na sala de aula, quando eu uso a poesia na sala de aula ou outros tipos de manifestações, porque não há só isso para se utilizar, dá certo, e as pessoas gostam e acabo atingindo o meu objetivo de maneira mais fácil. Agora, não é fácil. Porque às vezes não sabemos como fazer, e saber como fazer é importante.

Cada um de nós tem seu jeito de fazer. Eu nunca procurei imitar ninguém, porque eu nunca vou fazer do seu jeito. Eu sei fazer do meu jeito. E aprendi com um professor que costumava dizer isso para mim. Já que falamos ainda há pouco sobre pessoas que marcam, e como sou muito sentimental, lembrei de outra pessoa que

me marcou. Quando eu fiz teologia para a sala de aula numa faculdade particular, tive um professor de voz bem grave. Ele era incrível. A forma como ele ensinava... Há professores que nos marcam... Lembro-me de outro professor do tempo em que eu estudava no ensino médio lá no Estadual, em Prata, em Capina Grande. Prata é um bairro que tem lá e ficava perto do Centenário, que é um bairro entre o Prata e o bairro que eu morava, bairro Santa Rosa.

Penso assim: você pode ministrar aula na mesma turma por um bom tempo, mas cada aula que você dá é uma experiência diferente. Penso que refletir nosso fazer docente nos faz sair da mesmice, da repetitividade. Nesse sentido, volto ao falar da arte, das manifestações artísticas em sala de aula. Na minha compreensão, ajudam-nos a sair dessa condição de mesmice. A linguagem da arte pode tornar a coisa mais interessante, leve e gratificante. Imagem: momento aula, do período em que o professor Vicente atuou no ensino Médio como bolsista do PIBID.

Eu compreendo dessa forma. Falo isso não porque a utilize, mas porque as várias vezes que a utilizo percebo os resultados positivos. Porém, é preciso saber contextualizar, para que tenha esse sentido, essa positividade.

A arte tem um poder, seja através da música seja através de outras manifestações, de fazer colocar para fora aquilo que de que já se esqueceu há muito tempo. Esquecemos que, no fundo no fundo, temos um pouco de criança. Acredito que a arte ajuda a manifestar isso também. E isso é tão bom para a vida da gente... Essa é minha experiência. Por onde passei, manifestei meus gostos artísticos em sala de aula, através de uma música, de um poema. Pude, além de ensinar, tocar as pessoas.

Professora Frida

Meu nome é Frida. Tenho 29 anos. Nasci em São Paulo, mas sou filha de pais nordestinos que foram para o sudeste do país em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Quando eu era pequena, meu pai sofreu um acidente e ficou muito tempo de cadeira de rodas. Teve então necessidade de colocar uma platina na perna, tinha dificuldades para trabalhar. Chegou um tempo em que ele disse: "Vamos voltar para o sertão!"

Ele é de Pernambuco, minha mãe, de Piauí, de uma cidade chamada Paquetá. Quando nossa família retornou de São Paulo para o Piauí, nos instalamos em Picos, eu tinha apenas 5 anos de idade, assim me considero bem nordestina.

Cresci, estudei, me casei aqui na cidade de Picos. Hoje sou uma mulher que está em sua segunda gestação e, por coincidência, em sua segunda licenciatura. Iniciei minha formação no ensino superior, no ano 2008, no curso de História, concluindo em 2013. Hoje estou cursando Pedagogia, pois ao sair da UFPI licenciada em História, à primeira oportunidade que apareceu no campo educacional foi a educação infantil, na rede municipal de ensino, um universo totalmente diferente do que eu tinha vivido das experiências proporcionadas pelo curso de História. Vi-me realmente com dificuldades de atuação na área. Logo percebi que precisava estudar Pedagogia.

Minha mãe sempre me dizia: “filha, um curso de Pedagogia é um curso completo, sobretudo pelas oportunidades de trabalho nessa região”. Resolvi escutar os conselhos dela. Fiz o Enem. Fiquei em primeiro ou segundo lugar aqui na UFPI, depois de anos sem estudar, o que me deixou muito envaidecida, não pela classificação em si, mas pela comprovação dos conhecimentos que eu havia adquirido ao longo de minha vida acadêmica. Creio que o curso de História tenha me ajudado a obter esse resultado.

Desse modo, posso dizer que essas formações se completam e me completam como professora. Ao iniciar o curso de Pedagogia, eu me vi totalmente em outro universo no campo educacional, principalmente aqui na UFPI, em relação às oportunidades de participar de programas, em um período em que hoje temos mais oportunidades formativas, como o PIBID e o programa de residência pedagógica. Na minha primeira licenciatura eu não tive essas oportunidades.

Com esse processo, muitas oportunidades de trabalho se ampliaram. Então, posso dizer que a inserção nesse curso que me fez melhorar como pessoa, como mãe até (porque temos uma concepção da criança totalmente diferente do que eu tinha em relação até a minha própria filha, em relação a minha vida pessoal).

A partir de alguns estudos propiciados pelo curso, passei a ver a infância com outros olhos, não só a infância da minha filha, mas a infância dos meus alunos. Quando me deparo com algumas dúvidas referentes à área, busco os professores para dialogar, porque sou professora de crianças, estou em sala de aula e também educo minha filha cotidianamente.

Lembro-me bem do apoio e orientação profissional dado pela professora de Psicologia da Educação. Com as orientações feitas por ela, os ensinamentos, pude adentrar em uma escola privada aqui de Picos. Posso dizer também que a formação adquirida no curso de Pedagogia melhorou o olhar e a postura da professora de História. Hoje atuo em diversos níveis: infantil, fundamental e médio.

Meus estudos no campo da Pedagogia me ajudam muito no processo de relacionamento com os alunos, sobretudo com os mais novinhos. Por isso afirmo que não tenho nenhum problema em ser chamada de tia; alguns professores não gostam, mas eu não me importo.

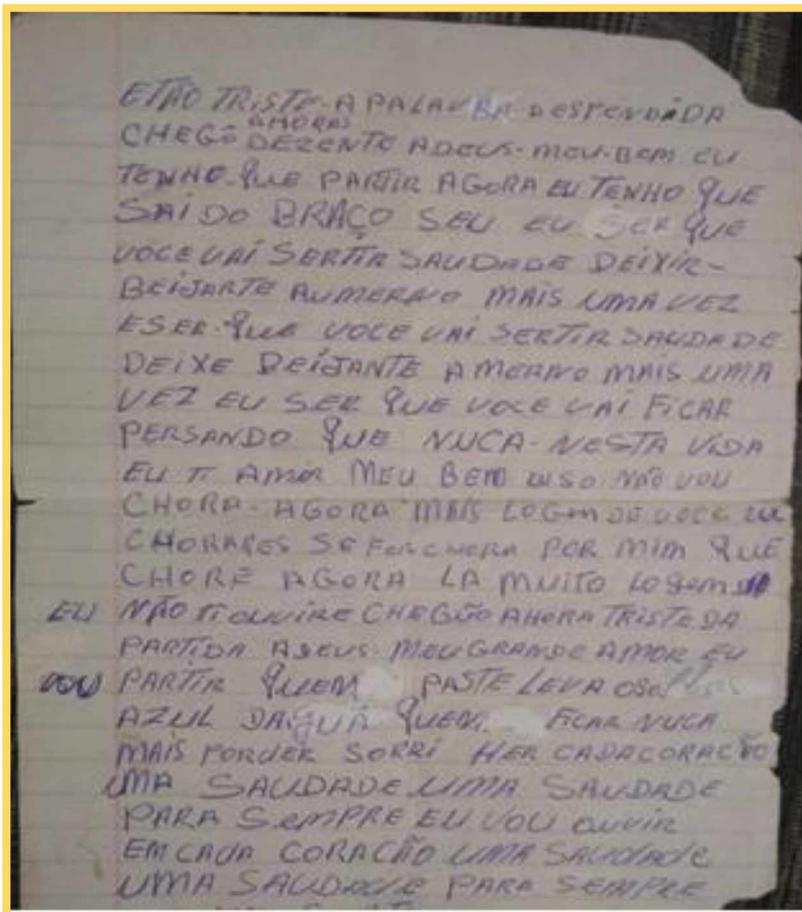
Trabalho com a disciplina de História do 6º ao 3º ano do Ensino Médio. Nas minhas aulas, utilizo muito a música como forma de aprendizagem. Eu acredito e percebo isso com a minha filha também, até em termos de concentração, de me acalmar. Eu vejo muito a música com essa possibilidade, com o poder de influenciar e também de acalmar, percebo também que as mais agitadas podem nos animar. Em casa, durante as atividades domésticas, ouvir música faz com que eu me sinta bem melhor, pensando sobre coisas da vida que antes não havia pensado. A música desperta reflexão.

Não há como não gostar de arte, a própria Pedagogia te oportuniza contatos com o mundo da arte. Trabalhar com criança exige um certo senso estético, de delicadeza, para você fazer produções com as crianças que revelam o mundo para elas. São coisas mínimas. Por meio dessas pequenas coisas, atividades que exigem criatividade, sensibilidade, você percebe que tudo está interligado.

Na minha formação, acredito que minha maior referência é meu pai. Diferente das minhas amigas, minha proximidade era com ele, bem menos com minha mãe. Ela sempre trabalhou fora, ele sempre ficava comigo. Era sempre ele que me acompanhava em tudo da escola. Ela não tinha tempo de fazer o acompanhamento, por isso me aproximei muito mais dele. Quando ele faleceu, eu tinha 19 anos, foi muito dolorido para mim.

Durante esses anos, minha vida foi toda baseada na companhia dele. Todas as músicas que eu escuto, aquelas modas de viola, eu escutava com ele. Isso são coisas que me fazem chorar. Ele escutava, cantarolava e escrevia as letras em um caderno. Guardo em casa, uma maletinha com todas as letras das músicas de que ele gostava.

IMAGEM 11 – “Escritos do pai da professora Frida”



Fonte: arquivo pessoal da professora Frida

Ele cursou até o primário⁶³. Escutava uma música e ia lá e escrevia. Então, tudo aquilo ali para mim foi a memória que ficou dele. Mesmo os erros ortográficos ali me emocionam muito. Ele me acompanhou tanto na vida pessoal quanto na vida escolar. Eu tinha mais abertura para falar com ele sobre qualquer coisa do que com minha própria mãe. Hoje vejo isso acontecendo com minha filha, porque sou eu quem passo o maior tempo fora de casa, e ela tem todo aquele amor, aquele chamego, aquele carinho que eu tinha com meu pai, com o pai dela. Vejo a minha história se repetindo na vida da minha família. Por um lado, eu fico muito feliz, porque eu sei a importância que ele teve na minha vida e estou vendo a importância do meu marido na vida dela.

Hoje, pensando sobre minha trajetória, posso dizer que aprecio arte pelo incentivo que tive do meu pai, que me acompanhava em tudo, nas feirinhas e

⁶³ A partir da Nova LDB 9394/1996 foi definido nova nomenclatura, deste modo o ensino primário corresponde, atualmente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

apresentações culturais da escola que eu estudava, nas reuniões de pais. Ele estava presente em tudo. Ainda me lembro de quando eu vim fazer minha matrícula para o curso de História, ele estava sentindo-se orgulhoso. Ele ficou ali, sentado, esperando-me realizar a matrícula... Ah, saudade é uma coisa que dói.

Lembro que aqui na UFPI tivemos a oportunidade de apreciar um filme que abordava o tema da homossexualidade. Algo que nos fez pensar muito sobre preconceito, de como nossa mente é pequena. À medida que vamos conhecendo o outro, o diferente, nossa mente vai se alargando. Então, o fato de ter visto aquele filme me fez questionar várias coisas, principalmente posturas pessoais, porque nós somos criadas, em um meio totalmente machista. Nós criamos nossos filhos dessa forma, não tem como negar.

Eu sou casada com uma pessoa que foi criada também dessa forma machista. Hoje ela tem que enfrentar essas questões de sexualidade no meio familiar e não sabe como lidar. Sabe aquela questão – o silêncio é a maior resposta? Após a apreciação daquele filme, pensei sobre tantas coisas, principalmente como agimos com o diferente, o que não corresponde ao que nos ensinaram como sendo certo ou normal. Aquela repulsa que sentimos, diante das imagens do filme, foi algo tão forte, tão diferente, que nos deu uma sacudida, me fez pensar mais detidamente sobre a questão, me fazendo mudar algumas atitudes.

Esse ano, a princípio, recebi um aluno que é casado com outro homem, e o filme visto na universidade me ajudou muito a saber me relacionar com ele. Desse modo posso dizer que o filme despertou em mim coisas que, em outra linguagem, seria pouco provável que me despertasse. A reflexão proposta pelo filme desmanchou alguns preconceitos que eu tinha, penso que foi isso.

O meu esposo foi meu primeiro e único namorado, casamos há 15 anos, desde então estamos juntos, batalhando juntos. Antes eu era a ciumenta, mas hoje o quadro mudou, talvez porque, pelo fato de eu estudar e trabalhar o deixe inseguro. Hoje vejo que ele foi para o lugar que eu assumia antes. Ele ainda não teve a oportunidade de ampliar o olhar.

Gosto de ouvir música de Sandy e Júnior, com elas, volto ao passado. Minhas vivências. Recentemente, houve aqui em Picos o show da dupla Zezé De Camargo e Luciano. As pessoas que foram ao show, postaram fotos e vídeos nas redes sociais, o que me fez chorar bastante, porque são canções que me fazem lembrar o meu pai.

Tudo que ele escutava (Sirano e Sirino, Zezé de Camargo e Luciano), tudo que eu vivi naquela época, tudo me marcava e me trouxe uma memória muito profunda. Às vezes, até evito ouvir para não mergulhar nessas memórias. A música é muito forte em fazer isso. Ele faleceu muito jovem, foi um infarto fulminante, com apenas 52 anos. Eu tinha 19 anos. Ele era mais que pai, era um grande amigo, minha relação com ele sempre foi muito forte.

Mesmo muito nova, eu já trabalhava como caixa em um supermercado, mas era meu pai que administrava tudo de nossas vidas, eu não sabia nem a senha do meu cartão, tudo era ele que resolvia. Ele era o centro de casa, meu e de minha mãe. Base para tudo. Com sua partida, tive que assumir a responsabilidade de cuidar de mim e de minha mãe, pois ela ficou depressiva após sua morte. Os primeiros três anos foram muito difíceis: curso de História, trabalho, responsabilidades da vida pessoal. Tive que amadurecer.

No ano de 2012, conheci na praça da escola uma pessoa especial. Sabe aquele tempo que a amiga iria encontrar com um “ficante” e a gente ia só pra fazer companhia? Pois é, um primo desse rapaz que me foi apresentado. Conhecemo-nos, passamos a namorar e estamos até hoje juntos. Nessa época, eu tinha 14 anos.

Voltando a falar das experiências com a arte, posso dizer que a UFPI me aproximou muito da arte, sobretudo o curso de Pedagogia que estou cursando. O curso de Pedagogia é um divisor de águas na minha vida, como pessoa e como profissional. A arte está na vida. Trabalhar uma música, pintura, uma poesia, linguagens que enriquecem o processo de ensino, enriquecem a nossa existência.

Eu, particularmente, tenho uma curiosidade, um desejo pessoal de conhecer de perto o carnaval de Recife, É uma linda manifestação cultural. Quando eu vejo aquelas pessoas dançando frevo, dá uma vontade de conhecer. Acho que viagens nos proporcionam assim, momentos prazerosos em todos os sentidos. Conhecer algo novo, uma cultura nova, diferente da sua, vai te enriquecer. Por isso ainda quero ir lá e apreciar essa arte, a arte do frevo, da dança. Está nos planos.

A arte nos dá uma amplitude muito maior em todos os sentidos. Você se encontra realmente como um sujeito histórico que você é, capaz de transformar o seu meio, ela pode aumentar sua criticidade.

A arte me comove, mexe conosco. Tem uma ligação, porque não temos como desmembrar o seu ser pessoal do profissional. Não tem como. Então, as

experiências que você tem na sua vida pessoal, você carrega consigo, sem deixar de cumprir o conteúdo. Mas você coloca isso, propõe em sala de aula aquelas músicas que cantaram para você, que te marcaram.

As músicas, vídeos de trechos de filmes, sempre utilizo para iniciar um diálogo sobre determinado conteúdo de História. Para que possam fazer interpretação e associação com outras questões já abordadas anteriormente. A arte, mais que mediar o processo de ensino, pode ir mais além, pode mudar a pessoa até mesmo contribuir com a formação de sua identidade.

Professor Robson

Meu nome é Robson, nasci em 25 de novembro de 1979. Sou professor de História, também sou ator e tenho um pseudônimo. Digo isso por conta de uma experiência marcante. Eu estava entrevistando um artista durante o processo de pesquisa de minha tese. Em um dado momento de informalidade da entrevista, em que eu solicitei dele algumas informações, eu também precisei me identificar. Disse eu: Meu nome não é esse que você conhece como Robson. Aí foi quando ele me corrigiu e disse: “Não, seu nome verdadeiro é Robson, o seu nome no registro é que é outra coisa”. Não existe ex-ator. Por conta da vida acadêmica (na época eu estava parado há sete anos sem fazer teatro), ele me lembrou que não existe ex-artista. Artista é artista, e isso foi muito bom para minha identidade. Para mim, especificamente, teve dois significados, primeiro porque eu estava fazendo uma entrevista do meu trabalho de doutorado, algo importante na minha história. Ao mesmo tempo teve um segundo significado pessoal para mim, depois daquele momento, pois fui refletir sobre a parada de sete anos, nesse processo reflexivo percebi que na verdade, eu não tinha parado nenhum ano. Percebi eu nunca parei de fazer teatro, eu nunca parei de fazer arte, ela sempre esteve presente em minhas ações, em minhas atitudes, ocorrendo em outros espaços, como na universidade, por exemplo. A arte faz parte de mim.

Eu participava de um grupo de teatro lá em Timon. Montávamos um espetáculo e o apresentávamos. Mas, por conta do mestrado, tive que me afastar. No doutorado também, só que, paralelo a isso tudo, como professor, sempre trabalhava com projetos culturais, sempre trabalhava com teatro, sempre fazíamos encenação na sala de aula. Nesse sentido, nunca parei de fazer teatro, porque até a

própria tríade essencial do teatro integrava esse processo: com ator, texto e plateia. Então, fazer teatro não é fazer um palco de um espaço físico, específico. Teatro se faz em qualquer lugar, debaixo de uma árvore, no meio da rua, numa BR. Basta ter uma pessoa fazendo, interpretando um texto e ter uma pessoa assistindo.

Ele se manifestava naquilo que eu fazia como profissional da docência. Continuava trabalhando, fazendo arte, fazendo teatro. Então, isso me tocou profundamente. Hoje sou um artista, que gosta de fazer teatro especialmente, mas também gosto de literatura, de música, de cinema, de artes plásticas e sou historiador nas horas vagas. Então eu procuro perceber o mundo dessa forma, observando essa coisa. Eu sou parnaibano. Nasci em Parnaíba, no litoral do Piauí, no ano dia 25 de novembro, de 1979. Minha família é de lá, da região, mas eu vim muito cedo para Timon, Maranhão, Teresina, com 2 anos de idade. Então, eu não tenho assim muito vínculo com a cidade de Parnaíba, mas Timon é mais perto do Piauí, do que Maranhão. Fica colado ali em Teresina. Então, não temos muita relação cultural com São Luís, com o restante do Maranhão. A única questão cultural que nós temos é com o Reggae, aí sim isso é muito forte lá, mas, fora isso, é só mesmo a questão burocrática, administrativa. A cultura do Timonense é do Piauí, Piauiense.

Desde criança eu gostava de brincar assistindo a novelas em casa. Eu assistia às novelas e ficava imitando os atores. As cenas eu reproduzia. Durante o intervalo da novela, ficava imitando uma cena específica. Eu gostava muito. Achava muito engraçado. Havia um ator de que eu gostava muito, o Edson Celulari. Gostava tanto da atuação dele, que eu falava “vou ser ator, e quando for ator, meu pseudônimo será Edson”.

Na adolescência, por volta dos 13 para 14 anos, um amigo me convidou para participar de um grupo de teatro. Fiquei encantado em participar desse grupo. Com muito medo, mas encantado. Sempre assisti a muita novela, ao vídeo show, aos bastidores, mas nunca tinha assistido a uma peça de teatro. Nunca assim, pessoalmente. Então eu não sabia o que era essa experiência de fato e, por ser ainda adolescente, pré-adolescente, surgiu o medo. Eu lembro que eu perguntei para o meu irmão se eu podia ir, irmão mais velho. Ele disse: “Vai, eles querem te fazer um teste”. Fui. Fiz esse teste: ler um texto e imitar uns animais. Passei.

O diretor que ainda hoje é um grande amigo, disse-me: “Você vai participar de um grupo mirim e, depois, se for bem, você vai para o adulto. Logo, vai ter que

escolher um nome artístico”. Fiquei em dúvida entre Edson e Robson. Fiz a opção pelo segundo. Mas se me perguntar de onde vem essa escolha, sinceramente, não sei. Então, é isso. Desde os meus treze anos a arte me toca bastante. A partir das novelas, assistindo a oficinas de arte, a partir desses contatos fiquei mais atento à questão de estilos musicais, questão de dança, de artes plásticas.

Mas isso não ocorreu na escola. Eu era um menino muito tímido. Sou de escola pública. Lembro que eu não participava desses projetos. Eu era muito estudioso, mas eu não participava; assistia a tudo, mas não participava. Mas no teatro funciona diferente, o bacana é que um dos objetivos é tentar diminuir essa minha timidez. No palco, eu ficava muito à vontade. Isso teve início antes da minha profissão de professor.

FOTOGRAFIA 20 – “Peça teatral”



Fonte: arquivo pessoal do professor Robson Lima

Enquanto estudante, eu não participava muito, por ser tímido, mas paralelo ao teatro eu ficava muito à vontade. Quando eu comecei a trabalhar como professor, ainda estudante de graduação no curso de História (comecei muito cedo), o teatro me

ajudou muito, porque eu não sabia como ser professor. Mas aí, como eu já trabalhava com teatro, pensei: -- Deixe-me usar aqui minhas técnicas teatrais, o que eu já aprendi e que, de fato, foi muito útil.

Comecei minha graduação na cidade Caxias do Maranhão na UEMA. Fiquei lá por dois períodos e, depois, fui transferido para a UFPI. Paralelo ao curso, comecei o trabalho de docência. O que virou um grande laboratório, era uma escola privada pequena, de bairro, onde a diretora permitiu espaço para trabalhar sempre com aspectos culturais, com teatro. O que funcionou bem entre os alunos, porque eu pegava aluno de quinta série. Eu sempre contava histórias, sempre interpretava livros. Era uma festa. Muito encantador.

Da minha família, só eu trabalho com teatro. Os outros membros são mais normais [risos...]. Só eu que me voltei para essa linha, mas não tive nenhuma resistência. Ninguém foi contrário. Não tive influência para ajudar.

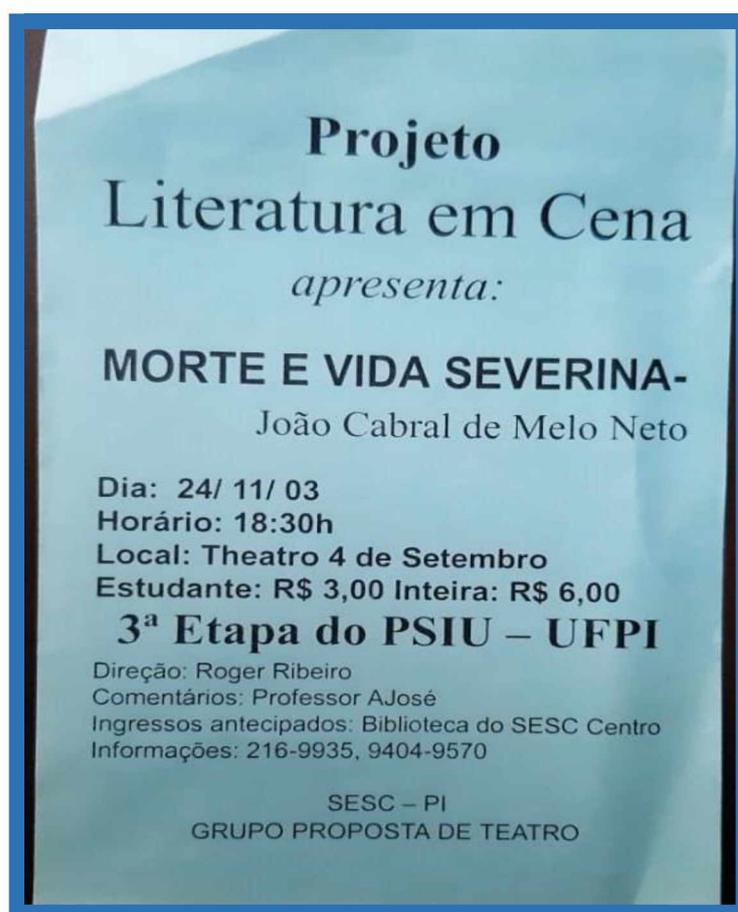
Como professor, sempre me valia do conhecimento na área teatral. Comecei na educação básica, no ano 2000, ensino fundamental e médio. Trabalhei também no pré-vestibular em escolas particulares, escolas da periferia e do centro de Timon, estado do Maranhão e na capital Teresina. Nessas duas cidades atuei antes de vir pra Picos. Comecei como celetista do Estado e Município. Fiz o concurso da Prefeitura de Teresina e trabalhei durante dois anos. A graduação, como eu disse, comecei a fazer na UEMA, em Caxias no Maranhão e depois transferi para Teresina na UFPI. Logo emendei com o mestrado em 2003 e 2004.

Fiz Mestrado em História do Brasil na UFPI. Acabei adentrando na linha de pesquisas históricas. No doutorado, continuei também na mesma linha de pesquisa na UFPE de cidades UFPI E UFPE, seguindo essa linha de cidades e história. É interessante, por exemplo, o que algumas pessoas me perguntam: "Por que você trabalha com teatro?" Existe uma linha de pesquisa na História que é História e Teatro e até brinco: -- Olha eu não estudo teatro, eu faço teatro.

Na verdade, na tese eu procurei juntar o útil ao agradável, que é o tema que gosto de pesquisar, que é sobre cidades, a história das cidades, mas a partir de um viés objetivo, viés artístico. Então, acho que consegui me aproximar mais ou menos na tese, pois os meus sujeitos de pesquisa são artísticos. Artistas (autores, músicas, literatos e artistas plásticos), esses são os meus sujeitos da pesquisa que eu entrevistei. E na perspectiva de quê? De entender a cidade de Teresina por meio do olhar desses artistas. Essa foi minha hipótese inicial que desenvolvi, por meio desse

olhar de artistas. Falo dessas andanças deles por meio dos espaços culturais. Então, mais uma vez fui me aproximando cada vez mais da arte. Eu trabalho com espaços culturais da cidade de Teresina como teatro setembro, livrarias, bares (mas bares com esse apelo cultura), ou seja, participo de programação artística frequentemente.

FIGURA 2 – “Cartaz do projeto Literatura em Cena”



Fonte: Arquivo pessoal do professor Robson Lima

Cheguei a Picos em 2011. Fui-me inteirando do lugar. Mas sempre fui alguém que gosto de me inteirar do lugar. Sou daqueles que primeiro observo para depois agir. Então, eu procurei grupos de teatro e assisti a eles, pois me reconheço como consumidor de arte.

Na verdade, faço e consumo arte. Em 2012, voltei a ser produtor de arte, minha intenção particularmente, enquanto professor e artista, foi ver as contribuições da arte para a região de Picos. Acredito na arte como fim e como meio. É isso que eu

tento realizar aqui. Ou seja, com esse grupo de teatro tento manter viva a continuação das artes em geral e apoiar os grupos artísticos da cidade. O pessoal que dança e canta, faz teatro e cinema. Nos eventos que eu realizo, procuro reforçar isso. Por exemplo, tenho dois grandes eventos que é o FECULT e o grupo de teatro.

O FECULT, com duas a quatro edições, é um grande festival cultural que agrega essas várias modalidades artistas: teatro, cinema, literatura, dança, artes plásticas. Eu sempre convivo com os grupos locais. Os vários artistas de Picos e região, de Teresina, também vêm de fora para cá, com essa intenção de manter viva essa chama e abrir espaço, porque a cidade não tem um espaço artístico cultural.

O teatro é uma arte que se perpetua, mas a ideia é essa. Para que a arte funcione, tem que haver um hábito e uma constância. Infelizmente, essas práticas isoladas acabam se fragilizando.

FOTOGRAFIA 21 – “Grupo Tempus – UFPI- CSHNB”



Fonte: Arquivo pessoal do professor Robson (2018)

Na minha prática de mais de 20 anos trabalhando com arte, percebe-se que isso não funciona. Tem que existir um trabalho em conjunto e contínuo, para que se

crie um hábito. O consumidor de arte tem que consumir arte diariamente e toda hora, se possível.

Há correntes de pensamento que, até pouco tempo, achava que o teatro tinha que ser civilizador, educativo, utilitarista. Isso até o século XX. Era o teatro comportamental. Penso que a arte contribui nesse sentido. Não no ponto de vista etnocêntrico. O ser humano precisa de um refinamento no que diz respeito à sensibilidade.

O teatro trabalha o exercício de aprender. Assim, quando alguém está falando, os outros assistem e depois analisam. Quem apresentou não pode falar nada. É proibido falar, por quê? Para poder ouvir estrategicamente. Isso é trabalhado no teatro.

FIGURA 3 – “Cartaz do Projeto Sarau “Con vida”



ORGANIZAÇÃO:

HISTÓRIA
CENTRO ACADÊMICO
DE HISTÓRIA
Ozildo Albano

UNA

SARAU
Con Vida

16
maio

18h

Nikelle Carvalho (Voz e Violão)

Microfone Aberto

**Comes e bebes
no precinho bom**

**Grupo TEMPUS, apresentando o
espetáculo "A PRAÇA", sob a
coordenação e direção do
Professor Raimundo Lima**

Fonte: Arquivo pessoal do professor Robson (2018)

FOTOGRAFIA 22 – “Atuação Grupo Tempus”



Fonte: Arquivo pessoal do professor Robson (2018)

FIGURA 4 – “Cartaz II Mostra Tempus de Teatro”



Fonte: Arquivo pessoal do professor Robson (2018)

Então, esse aprendizado levamos para a vida em um debate. Não posso interromper o outro. Aprendemos ouvir atentamente a voz do outro, a ideia do outro, com respeito, mesmo que seja uma crítica. Nesse sentido, podemos dizer que a arte torna as pessoas mais sociáveis. Hoje, percebo que me misturo com arte, eu e ela somos uma coisa só. Não tem como separá-la de minha história, de minha trajetória. Uma só coisa, minha história e a arte.

Sempre foi muito difícil conciliar os estudos com o teatro. Por questões financeiras tive que me dedicar mais ao mestrado. No Brasil, pouquíssimas pessoas vivem bem da arte, financeiramente falando. Tive que enveredar pelo lado da História por questões de trabalho e dinheiro. Mas isso me doeu muito o coração. Quando conclui o mestrado, tive maturidade de me dizer: “A História está em primeiro lugar e o teatro também”. Os dois estão em primeiro.

Com a maturidade, avaliando a minha vida, fui ver que o teatro nunca parou. Ele sempre foi o centro de tudo. E o engraçado é que, fazendo análises e terapia, discuti em várias sessões com uma psicóloga sobre teatro enquanto falávamos de outros assuntos. Até que ela me chamou a atenção: “O teatro em segundo lugar? Você só fala de teatro”!

Eu sou arte e arte sou eu (gosto de literatura, cinema, gosto de artes plásticas, música, dança). Então, todas as artes, todas elas... e o teatro já diz todas as artes. Então, sou eu. Eu faço porque gosto. E o bom de tudo é que posso juntar o útil ao agradável. Eu faço o que gosto e junto isso com o trabalho. No caso, uso a arte como uma ferramenta pedagógica, mas porque isso me integra como pessoa.

4 FALANDO DA VIDA EM RÉ MAIOR: POTENCIALIDADES DA ARTE E DA PESQUISA NARRATIVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*(...) aprendi que se depende sempre
de tanta muita diferente gente.
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente
Onde quer que a gente vá.
(Gonzaguinha)⁶⁴*

Narrar, contar histórias, dizer de si para o presente é testemunhar o que afirma o poeta Gonzaguinha: somos marcas de muitas gentes, de tantos lugares e tantas coisas onde quer que a gente vá. Esse é o início da conversa sobre Pesquisa narrativa como elemento pedagógico na formação de professor.

A organização metódica de construções narrativas possibilita também contextos pedagógicos de potencialização de desenvolvimento pessoal e profissional do sujeito professor.

Pessoas, profissionais que se revelam, que se encontram com o seu passado; pesquisadores que escutam, registram, analisam, interpretam e recompõem relevantes fragmentos da História. Os versos do poeta Gonzaga Jr. vêm nos falar das marcas que cada um carrega, do construto de si a partir dos encontros, dos espaços experimentados na constituição da própria identidade, pessoal e docente, uma composição repleta de humanidades.

O presente capítulo propõe pensar sobre a arte e as narrativas como estratégias formativas no campo da docência dos professores de História. Iniciamos essas reflexões com o tema narrativas de vida, em seguida abordamos o desenvolvimento do profissional e pessoal do professor de História, finalizando com a seção que trata do lugar da arte nessa composição formativa.

Rever trajetórias de forma reflexiva possibilita o crescimento pessoal e profissional dos sujeitos que são do ensino, mas que também são busca pelo aprender.

Ao narrar sua história, o professor realiza algo a mais que sequenciar, vocalizar ocorrências de seus percursos de vida, encontra nessa experiência, a oportunidade

⁶⁴ Gonzaga Jr. Caminhos do coração – Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gonzaguinha/280648/> Acesso em 8 de maio de 2018

de ouvir, de forma atenta, a própria voz, que de forma ativa/ reflexiva traduz em um dado momento seus anseios, sonhos, lutas, dificuldades, desafios, qualidades, fragilidades; sendo possível perceber a liga imbricativa existente/presente do eu pessoa, do eu professor.

Um momento de ricas meditações, capaz de alterar formas de pensar, se posicionar e agir frente à realidade em que atua. Nesse aspecto, intensifica a possibilidades de reconstrução de suas experiências no campo da docência. Reafirma o seu modo de estar no mundo.

Sobre as narrativas também é possível afirmar que, por meio delas há um despertar, uma tomada de consciência por parte dos sujeitos narradores, que, por meio de suas histórias, provocam no outro (ouvinte) possibilidades de reencontrar suas memórias. Passeggi (2012, p. 61) sugere que:

O uso de narrativas [...] em contextos de formação inicial, e continuada, ancora-se no pressuposto dessa automização, no sentido em que o ato de explicitar para si mesmo e para o outro os processos de aprendizagem, adotando-se um posicionamento crítico, é suscetível de conduzir a pessoa que narra à compreensão da historicidade de suas aprendizagens e, portanto, de autorregular seus modos de aprender num direcionamento emancipador.

Tanto quanto a importância que as narrativas possuem para a autorreflexão dos depoentes, elas contribuem para se conhecer diversos movimentos educativos, antes não registrados e que, a partir do momento em que ganham voz, suscitam em outras pessoas que atuam em processos educativos formais e até não-formais meditações sobre a própria prática.

Assim é possível destacar o papel das narrativas como fonte de formação, de entusiasmo para outros professores. Nela há uma espécie de acareação com diversas complexibilidades devidamente humanas, elas nos põem “cara a cara” com situações antes não ditas, não refletidas e que por isso deixaram de contribuir para a formação de quem narra e também de quem pode ouvir ou ler as narrativas. Para Freire (2011, p.133), “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história”.

Sobre isso, Nóvoa (1995), afirma que não se pode descolar vida/ formação/profissão docente, o que denominamos de composição de saberes, de identidade do professor, pois nosso curso profissional também diz do que somos

como pessoa, homem, mulher, mãe, pai, sindicalista, amigo, tio, tia, avô, avó, vizinho etc.

Numa perspectiva pedagógica, esse caminho de volta, proposto pelas metodologias narrativas, potencializa as ponderações docentes e, por conseguinte, gera a possibilidade de se ter práticas educativas proeminentes com as necessidades presentes. Trata-se de um método provocativo, que tanto gera desenvolvimento como envolvimento nos aspectos pessoais e profissionais dos envolvidos, quanto carrega a capacidade de exercitar, quiçá estabelecer novas consciências, despertar rupturas e forjar novas posturas nos sujeitos da voz (pessoa, narrador) e sujeito da escuta (pesquisador, historiador) (GUIMARÃES, 1997).

Deste modo constitui-se como um modo distinto de construção de conhecimento. Para Botia (2002, p.5),

La narrativa no sólo expresa importantes dimensiones de la experiencia vivida, sino que, más radicalmente, media la propia experiencia y configura la construcción social de la realidad. Además, un enfoque narrativo prioriza un yo dialógico, su naturaleza relacional y comunitaria, donde la subjetividad es una construcción social, intersubjetivamente conformada por el discurso comunicativo. El juego de subjetividades, en un proceso dialógico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento.

Em cada enredo registrado, se guarda a oportunidade analítica de repensar e reelaborar a própria prática. Por meio da voz, se põe o exercício da docência em destaque no palco das memórias, um significativo momento de se perceber, se refazer se reconstruir como docente. De acordo com Cunha (1997, p.188),

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao "ouvir" a si mesmo ou ao "ler" seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória. É claro que esta possibilidade requer algumas condições. É preciso que o sujeito esteja disposto a analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enfiadamente afetivos presentes na caminhada, a por em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a desconstruir seu processo histórico para melhor poder compreendê-lo.

A análise de pesquisa narrativa possibilita ainda a criação de uma rede colaborativa no campo da formação inicial e continuada da docência. O que se tem à

disposição são situações reais para pensar a escola, o conhecimento, a docência, o currículo, a própria vida.

Por meio delas, temos acesso não somente ao trajeto acadêmico dos professores, mas alcançamos também suas subjetividades, passamos a conhecer as marcas de outras pessoas e dos lugares em que viveram e vivem, temos um encontro com uma realidade vivida que impacta na sua atuação docente. Pelas narrativas, identificamos os afetos vividos, pois os afetos integram também o nosso conhecimento social, algo que se mostra relevante para a organização dos currículos.

Com efeito, a pesquisa narrativa é um processo que sugere a imersão no campo subjetivo, nas memórias e sentimentos profundos, tendo nessa seara o encontro com simbologias, intenções e emoções presentes no contexto social em que se insere o objeto de estudo.

Na narrativa da professora Frida (2019), percebemos um mergulho emocionante na memória, nas suas experiências:

Hoje pensando sobre minha trajetória, posso dizer que aprecio arte pelo incentivo que tive meu pai me acompanhava em tudo nas feirinhas da escola que eu estudava, todo aqueles envolvimentos e tudo, reuniões de pais e tudo, ele estava presente em tudo. Ainda lembro que quando eu vim fazer minha aqui matrícula para o curso de História, ele estava sentindo-se orgulhoso. Ele ficou ali sentado esperando eu realizar a matrícula... Ah saudade é uma coisa que dói.

Do mesmo modo o professor Vicente identifica detalhes de uma composição pessoal que podem ter afetado sua composição docente, ao perceber na travessia de suas narrativas a presença da arte em sua história: “Acabo de me dar conta que eu nunca havia pensado sobre como a arte estar presente em momentos bons da minha vida.”

Para Tardif (2008), o saber docente é uma pluralidade composta a partir dos espaços acadêmicos, profissionais e experiências do campo pessoal, um imbricamento que vai elaborando e edificando histórica e culturalmente a identidade profissional do professor. As memórias mais íntimas também integram essa composição, na mesma linha de pensamento. Destaca Cunha (1997, p.191) que

O uso didático da memória pedagógica e/ou história de vida tem se revelado num interessante instrumento de formação. Esta proposta tem sido a principal alternativa metodológica para a concretização dos pressupostos

teóricos de um processo ensino-aprendizagem que tenha o sujeito e a cultura como ponto básico de referência. Diferentemente das situações de pesquisa, não é tanto o produto das narrativas o que mais interessa nesta circunstância, mas o processo de produção pelo qual vive o sujeito. Nelas vale explorar, como sugestão de categorias, aquelas que a sociologia e a psicologia já nos ajudaram a construir: de quem é a voz que fala, de onde se dá esta fala, em que circunstâncias ela é produzida, quais e porque são as suas revelações, quais e por que são as suas ocultações etc.

Desse modo, é possível afirmar que a composição docente se estrutura a partir de diversas referências profissionais, acadêmicas e pessoais, que envolvem também o mundo das artes, que se integra ao que compomos, historicamente, como cultura. Na fruição da arte, encontramos afetações que vão se somando ao longo da vida, compondo e recriando um novo ser e, por conseguinte, esse novo ser se revela em novos fazeres. Assim não se pode negar que esse processo fortemente pedagógico é marcado densamente pela experiência. De acordo com Tardif (2008, p. 230),

[...] um professor de profissão, não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta.

O autor nos faz pensar no sujeito/professor que vai se fazendo, se compondo ao longo da vida, um espaço de ação consciente guiado por rigorosas reflexões sobre a prática. Tardif (2008, p. 10) afirma que [...] chamamos de epistemologia a prática profissional, o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano, para desempenhar todas as suas tarefas [...].

Nóvoa (1995) e Tardif (2008) defendem uma formação que se estrutura para além das acumulações de cursos e técnicas, exigindo de quem escolheu a docência como caminho profissional. Ressalta-se a capacidade de refletir criticamente sobre as aprendizagens geradas permanentemente, no interior de sua prática e por meio de espaços que contribuem para a melhoria destas, ciente de que são múltiplos os saberes mobilizados.

Estes são adquiridos em [1] espaços formais, próprios para realizar estudos que integram a formação de professores, no caso as universidades; [2] as fontes da vida social, que são vastas; [3] o modo prático e integração do trabalho docente,

nesse desenho, não deixamos de perceber que a arte tem presença marcante nos diversos momentos formativos.

Estudos abordam os saberes docentes, considerando aspectos da pluralidade presente na formação do professor, uma ampliação que se instaura a partir da década de 1990. Conforme Severo (20016, p.262),

A questão sobre os saberes docentes aparece no quadro das políticas educativas, desde o final dos anos de 1980, quando diversos países, a começar pelos Estados Unidos e, posteriormente, envolvendo os europeus e das Américas Central e do Sul, empreenderam reformas na formação de professores para a Educação Básica, a partir do pressuposto de que a atividade do ensino exige a constituição de uma base de conhecimentos composta por saberes plurais construídos, sistematizados, regulados e mobilizados a partir de demandas concretas da escola.

Por conta dessas demandas, estudar sobre a formação docente é reconhecer a existência e importância de uma gama de saberes envolvidos nesse estudo; dentro desse escopo apontamos a arte, o acesso a esta como dimensão formativa do professor de História, considerando suas vivências culturais, que são afetadas pelo acesso às linguagens da arte e que se desdobram em outras afetações no exercício da docência. Mais uma vez atesta Tardif (2002, p.11):

[...] o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares, etc.

Nessa perspectiva, o Estado precisa comprometer-se com o processo de formação dos professores no campo da fruição da arte, que defendemos como possibilidade de ampliação do olhar, do ser e do fazer do professor, no caso aqui em estudo, o professor da área de História, que é um agente cultural que atua diretamente na formação de crianças, jovens e adultos.

Entretanto, temos a consciência de que a defesa aqui exposta, choca-se com as escassas políticas voltadas para a formação cultural do professor, notadamente sob a luz de manifestações artísticas. Não há documentos oficiais que façam alusão relevante, necessária para formação cultural docente, que lhe garanta o acesso a diversas linguagens artísticas, no modo fruição.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais⁶⁵ para a formação de professores, em seu preâmbulo, há indícios do que podem ser oportunidades de acesso à arte como elemento de cultura e de saber (BRASIL, 2015. p.1):

Considerando: que a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e **divulgar a cultura**, o pensamento, **a arte o saber**; o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; o respeito à liberdade e o apreço à tolerância; a valorização do profissional da educação; a gestão democrática do ensino público; a garantia de um padrão de qualidade; a **valorização da experiência extra escolar**; a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais; o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial, entre outros, constituem princípios vitais para a melhoria e democratização da gestão e do ensino [...] **Grifo nossos** .

Logo adiante, no mesmo documento, no 1º e 2º parágrafos, faz-se referência às vivências humanas que despertam as relações criativas entre natureza e cultura, numa perspectiva contextualizada, sistemática e sustentável e interdisciplinar (Ibidem):

§ 1º Por educação entendem-se os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino, pesquisa e extensão, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e **nas relações criativas entre natureza e cultura**.

§ 2º Para fins desta Resolução, a educação contextualizada se efetiva, de modo sistemático e sustentável, nas instituições educativas, por meio de processos pedagógicos entre os profissionais e estudantes articulados **nas áreas de conhecimento específico e/ou interdisciplinar e pedagógico**, nas políticas, na gestão, nos fundamentos e nas teorias sociais e pedagógicas para a formação ampla e cidadã e para o aprendizado nos diferentes níveis, etapas e modalidades de educação básica. (**Grifos nossos**).

Nessa referida diretriz destaca-se a constante ênfase na “melhoria da qualidade social e da valorização do profissional da educação” atendendo aos preceitos de uma formação inicial e continuada que respondam aos aspectos referenciam a qualidade desse processo formativo. Em Brasil (2015, p.3) identificamos:

§ 3º A formação docente inicial e continuada para a educação básica constitui processo dinâmico e complexo, direcionado à melhoria permanente da qualidade social da educação e à valorização profissional, devendo ser assumida em regime de colaboração pelos entes federados nos respectivos

⁶⁵ Resolução CNE/CP 2/2015. Diário Oficial da União, Brasília, 2 de julho de 2015 – Seção 1 – pp. 8-12.

sistemas de ensino e desenvolvida pelas instituições de educação credenciadas.

No que se refere à educação superior, que trabalha com ensino, pesquisa e extensão na formação de formadores, o capítulo IV, Art. 43 dos DCNs, Brasil (2015, p.5) destaca:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade: **I – estimular a criação cultural** e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; **II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua [...]** (**grifos nossos**).

Ao citar o estímulo à criação cultural, se evidencia a possibilidade de alargamento das atividades possíveis no campo também da arte, como linguagem capaz de desenvolver o pensamento reflexivo, entretanto, como nos demais artigos, essa questão não é acentuada, esclarecida. Logo adiante, as diretrizes (IBIDEM) tratam da promoção e difusão da cultura:

III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; IV – promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação [...]; V- suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração; VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; VII – promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. VIII – atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares.

Essa definição não clarificada das questões da formação cultural que notadamente envolva a arte, bem como a não definição legal sobre o direito ao acesso à arte nos documentos que norteiam ações políticas voltadas para a ampliação do universo cultural do sujeito professor, minimizam as possibilidades de entrada nesse campo formativo. Levando em consideração que essa categoria, em

sua maioria, não usufrui de condições financeiras⁶⁶, dada a pouca valorização econômica que tem recebido por parte do estado, sabemos que a referida valorização não é algo que determina essa fruição.

Por outro lado, precária condição financeira se constitui como elemento que impede o acesso a manifestações culturais no campo da arte, algo que amplia a incerteza sobre os caminhos da busca de qualificar o processo formativo docente por meio do acesso à cultura em suas mais diversas manifestações. Esse impedimento inviabiliza a amplitude não só do olhar do professor, mas pode também minimizar sua ação em uma perspectiva transformadora, geradora de outros mundos mobilizados pela sensibilidade e criticidade identificadas e possibilitada pelo mundo da arte.

Ratificamos que o acesso a diversas manifestações da arte em campo público ou privado se mostra relevante pelos seus desdobramentos formativos, tanto para os espaços educativos em que os professores atuam como no universo cultural em que eles convivem.

A professora Tarsila (2019) afirma que para nutrir-se culturalmente busca a biblioteca de sua cidade, algo que demonstra a importância de se valorizar, de se criar mais espaços que alimentem a fome ou a sede de cultura de nossos professores. A mesma professora, em sua narrativa, põe em evidência o quanto foi influenciada por professores que apreciavam arte e levaram seus conhecimentos e sentimentos para os momentos da aula.

Para o professor Simpson (2019), “A arte causa emoções e mostra a vida de uma perspectiva, de uma forma diferente, é como se pudesse relacionar os conteúdos que às vezes estão distantes, trazendo para uma realidade mais possível”. Já a professora Frida (idem) afirma que “a arte gera amplitude do olhar. “Você se encontra realmente como um sujeito histórico que você é, capaz de transformar o seu meio, ela pode aumentar sua criticidade.”

As narrativas aqui expressas demonstram a perspectiva de uma composição cultural que não se atém a uma forma de cultura singularizada, na esfera popular ou letrada, ilustrada, mas um movimento híbrido de enriquecimento pessoal e de

⁶⁶ O piso salarial do magistério foi reajustado para R\$ 2.557,74, a partir de 1º de janeiro de 2019. O Ministério da Educação anunciou, o reajuste de 4,17%, conforme determinação do artigo 5º da Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. O valor corresponde ao vencimento inicial dos profissionais do magistério público da educação básica, com formação de nível médio, modalidade normal, jornada de 40 horas semanais.” Fonte: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em 1/7/2019

desenvolvimento profissional, uma docência enriquecida pelas muitas linguagens permitidas pelo mundo da cultura, notadamente, no campo da arte, que, nessas narrativas, mostra-se como um modo de saber e sentir o mundo. Nelas são perceptíveis as distintas formas de perceber e sentir a arte.

No que se refere à formação cultural do professor, Nogueira (2008.p.38), esclarece que

[...] o desejável é que ele consiga travar, ao longo de sua vida profissional, contato com o mundo da cultura de forma intensa e diferenciada: que vá ao cinema, que vá ao teatro, que assista a concertos e recitais, que vá a shows e espetáculos de dança, que leia livros literários [...]

Destarte, reiteramos o que denominamos composição cultural, com perspectiva plural, alinhada à visão multidimensional, considerando que nosso repertório cultural é algo resultante da conexão de muitas partes, uma combinação de variados elementos que envolvem a vida humana.

4.1 O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA

São diversas as exigências pautadas para atuação do professor de História no presente século, dentre elas a de saber conduzir grupos compostos pela heterogeneidade social presente no campo da cultura, economia, sexualidade, pessoas pertencentes a diversos modelos familiares etc. Além dessa vasta diversidade temos outras mudanças no modo de ser e existir na contemporaneidade, como a revolução tecnológica e a midiaticização das relações humanas. Tudo isso exige mais de quem vive e ensina História.

As mudanças da sociedade contemporânea nos colocam diante da seguinte situação: repensar o significado de ensinar História hoje, reflexão que, de imediato, nos leva a discutir algo intrinsecamente ligado a essa primeira questão, que é a formação do professor de História, dos saberes que se fazem presentes nessa formação.

A mobilização dos saberes percebidos por Severo (2016, p. 270) como “descritores profissionais”, revelam a nossa profissionalidade, mas também podem revelar nossa criatividade, sensibilidade, diante desse mundo diverso, pois o ser professor integra, envolve nossas opções de cultura, nosso modo de perceber o

mundo em suas constantes mudanças, e uma das janelas para alcançar a compreensão dessas mutações, a nosso ver, são as distintas linguagens da arte, que têm, dentre suas características, o exercício ou apreciação da criatividade, da valorização da experiência e, por vezes, o desvencilhar-se de preconceitos.

Não sendo, entretanto, solução exata para muitos dos problemas existentes no mundo da educação formal, todavia se mostra como uma possibilidade para o desenvolvimento profissional do professor que, de acordo como Day (2001, p. 20-21),

Envolve todas as experiências espontâneas de aprendizagem e as atividades conscientemente planejadas, realizadas para benefício, direto ou indireto, do grupo ou da escola e que contribuem, através destes, para a qualidade da educação na sala de aula. É o processo através do qual os professores, enquanto agentes de mudança, reveem, renovam e ampliam, individual ou coletivamente, o seu compromisso com os propósitos morais do ensino, adquirem e desenvolvem, de forma crítica, juntamente com as crianças, jovens e colegas, o conhecimento, as destrezas e a inteligência emocional, essenciais para uma reflexão, planificação e práticas profissionais eficazes, em cada uma das fases das suas vidas profissionais.

Para este autor, o desenvolvimento profissional dos professores advém de suas experiências passadas, histórias de vida e de carreira, da sua disposição, das suas capacidades intelectuais, das convicções sociais e do apoio institucional (IBIDEM). Tais apoios podem gerar engajamentos sociais que levam ao constante exercício da cidadania. Sobre isso, vejamos a narrativa do professor Patativa (2019):

“Eu gosto muito quando meus alunos, por exemplo, se engajam, como se engajaram, muitos de forma bem crítica, para evitar a troca do piso da igreja matriz aqui de Picos, que é uma coisa que está repercutindo muito na cidade e eu vejo muitos alunos se manifestando, falando, “olha isso ali não é só um patrimônio religioso, é um patrimônio artístico, cultural da cidade que não pode ser destruído”. Picos, lamentavelmente tem dessas coisas, a não valorização do patrimônio arquitetônico, agora recentemente, por exemplo, presenciamos a destruição de prédio antigo ali onde estão terminado de um suntuoso prédio da Farmácia Iná, antes era um prédio do século XIX, era um prédio muito bonito, que preservava a arquitetura que foi demolido como os calçadões, uma recente tristeza para quem valoriza e compreende o valor artístico, cultural destes imóveis”.

O trabalho realizado pelo professor, seu engajamento, seu conhecimento sobre arte, arquitetura, presente em seu trajeto de vida, afetou seu alunado, suas atitudes dentro do espaço em que habita, o que, para Nóvoa (2000), é definido como reciprocidade formativa: pessoa-professor/pessoa. Para o autor, “as opções que

cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. Nesse aspecto, não se pode descolar o eu profissional do eu pessoal” (NÓVOA, op. cit., p.17).

Pensando sobre Didática da História, (BERGMANN, 1990, p.29), afirma: “Uma reflexão é histórico-didática na medida em que investiga seu objeto sob o ponto de vista da prática da vida real”. Para o referido autor, o conceito de consciência histórica não se desprende do conceito de Didática de História em sua mudança paradigmática. Bergmann (1990) alerta sobre a importância da didática para a construção dessa consciência, o modo como se ensina, as estratégias eleitas, o rigor científico, há uma necessidade de articulação destas duas dimensões que se integram, de modo que não se pode desmerecer nem a História como conteúdo e nem o aspecto didático assumido pelo processo educativo.

O ensino de História que se assume como problematizador das realidades do mundo deve pensar nas linguagens da arte como artefato de problematização. De acordo com Silva (2006), há uma necessidade de se pensar sobre a História Imediata, sem nela permanecer. A partir do que é posto por Bergman (1990) e Silva (2006); indagamos: não teríamos nas linguagens da arte uma boa possibilidade de problematização da história imediata? Uma janela crível para interdisciplinarizar tanto o processo de formação do professor de história como os desdobramentos dessa formação?

Compreendemos, juntamente com o autor, que a História imediata vai sempre além do aparente e de seu próprio imediatismo, pois “ela não existe sem as experiências pretéritas (Idem, p. 94), deste modo, o que seria possível era o despertar de um instigante processo reflexivo, capaz de gerar relevantes apropriações históricas. Os espaços formativos, são muitos e diversos, neles podem ser incluídos momentos de apreciação da cultura, no aspecto da arte em suas variadas linguagens. Sobre o processo formativo, Imbernon (2010, p.11) nos leva a pensar:

A tradição de preparação dos formadores ou dos planos de formação consiste em atualizar e culturalizar os professores em conhecimentos de qualquer denominação ou tipologia. A formação continuada dos professores, mais do que atualizá-los, deve ser capaz de criar espaços de formação, de pesquisa, de inovação, de imaginação, etc., e os formadores de professores devem saber criar tais espaços para passarem do ensinar ao aprender.

Ao que diz o autor, acrescento a ideia de reconhecer e valorizar outros espaços formativos que integram essa formação. A inovação aqui defendida, ao que nos parece, passa também pela valorização de espaços culturais que atuam com linguagem artística, capaz de aguçar a criatividade, ou imaginação, ou diminuir a frieza das relações acadêmicas, que muitas vezes são impedimento ao crescimento coletivo.

Ser frio e distante ou agir e demonstrar emoções? A cultura profissional dos professores, caracterizada pelo distanciamento, pela frieza e pelo ocultamento das emoções e da naturalidade do ser humano, se refletiu no trabalho conjunto dos mesmos com os alunos. A formação deve ser mais dinâmica no seu processo e na sua metodologia, permitindo mostrar as diferentes emoções, para que os docentes possam melhorar a comunicação, conviver nas instituições educacionais e transmitir essa educação aos alunos. (op. cit., p.11)

Ao destacar a emoção no processo de formação docente, o autor afirma ser necessário reconhecer espaços e possibilidades de intercâmbio entre as dimensões pessoais e profissionais, consentindo aos professores de História possibilidade de uma composição mais integral.

O professor Patativa (2019) demonstra em sua narrativa, uma percepção clara e consciente sobre a importância da arte em aulas de História:

“Ao levar arte para o processo de ensinar História, percebo que alguns alunos passaram a valorizar mais as linguagens da arte, alguns até se tornaram artistas, eu tenho ex-aluno que é cantor, ex-aluno que é ator, foram despertado a apreciar a arte em sala de aula. Em minhas aulas há espaço para a arte, isso eu posso afirmar. Essa capacidade de desenvolver o gosto em apreciar arte é muito difícil porque requer um processo de amadurecimento, com o passar do tempo é que ele vai tomando uma consciência maior daquilo de que ele tá vivendo, sentido”.

A partir desses relatos, amplia-se o reconhecimento da pluralidade dos saberes da docência, o que nos leva a ter a crença em um trabalho educativo que se consolide no campo formal, que nos conduza a pensar sobre currículo, didática, processos avaliativos; sobre nossa formação e sobre o papel que desenvolvemos como profissionais da docência – sobre nossas condições de trabalho e sobre os resultados alcançados por meio de nossas ações, decisões, compreensões e intervenções na vida humana.

Silva e Guimarães (2007) fazem um importante alerta sobre a necessidade de se valorizar diferentes linguagens artísticas na formação de uma cultura histórica. Não se pode pensar em educação escolar descolando-a da esfera social, cultural, política e econômica, bem como não se pode pensar um mundo que negligencie a necessidade do diálogo entre as diferenças existentes no cerne de um mundo diverso. Percebemos nas linguagens artísticas, dispositivos capazes de estabelecer diálogos entre diversas culturas.

Quando a escola e os professores em suas ações cotidianas reconhecem a diversidade cultural no interior deste espaço, há maiores chances de um desenvolvimento emancipatório de seus integrantes, justamente porque esse reconhecimento gera impedimento de reprodução cultural imposta, estéril, incapaz de gerar um processo de ensino e a aprendizagem mais significativo.

É preciso reconhecer que a História não se restringe a um espaço ou tempo distinto, sua fluência corre junto com o rio da vida. Para Sousa (2009), a História acontece também nos quintais, nas ruas, nos subúrbios, nas escolas, em um movimento contínuo; ela se efetiva no cotidiano. O conhecimento histórico não fica preso ao passado e às suas interpretações (...) relato histórico algum é descomprometido das teorias escolhidas pelo historiador (IBIDEM).

Por essa via de pensamento, podemos afirmar que o presente precisa recorrer ao passado, para se firmar, para ser melhor compreendido e por conseguinte ser, um dia, base sólida para o porvir. “O passado é ao mesmo tempo passado e presente” Le Goff (2003, p. 51).

Nessa perspectiva, defendemos o repensar contínuo da formação do professor de História, para que haja “uma compreensão mais clara sobre o que significa ensinar história nos espaços escolares” (GUIMARÃES, 2003, p.7). Por sua vez, Silva (2015, p.147), amplia essa reflexão:

Na medida em que a História pode falar de qualquer experiência humana, a interdisciplinaridade é regra básica de sua existência: conteúdos e procedimentos de diferentes componentes curriculares interessam ao pensamento histórico sem que isso signifique substituir a especificidade do trabalho em cada um daqueles saberes

Nas escolas, encontramos diversas representações da juventude, que na contemporaneidade se recusa a determinados enquadramentos. Trabalhar com esse grupo é saber que currículo é seleção, tradição seletiva, resultados de diversas

disputas, econômicas e culturais (APPLE, 2006). Com essa consciência, ensinar História exige o reconhecimento de que a interdisciplinaridade integra a experiência humana, portanto deve reconhecer a pluralidade das linguagens experimentadas por nossos educandos, dentre essas as muitas linguagens da arte, que, além de comunicar ideias, despertam movimentos práticos da experiência humana.

A formação de quem trabalha com ensino de História não pode prescindir ou limitar o pensar sobre as afetações, os bons encontros com as linguagens da arte com o intento de potencializar nossa composição cultural. Experiências estéticas em sala de aula, na formação de educadores podem ser uma janela capaz de gerar enriquecimento da pluralidade de um mundo que desagua no interior do espaço escolar.

4.2 O LUGAR DA ARTE NA COMPOSIÇÃO DA IDENTIDADE DO SER PROFESSOR DE HISTÓRIA

Pensar sobre as possibilidades da formação docente tem alcançado importante espaço de discussão, estudos e pesquisas, dentro da universidade. Considerando que as licenciaturas atuam na perspectiva formativa que se estabelece como formação de formadores, um trabalho que se desdobra, articula as ações que tomam corpo no espaço escolar. Noutras palavras, um trabalho que envolve muitas histórias, distintas experiências, múltiplas pessoas.

Deste modo, as discussões sobre currículo, didática e metodologias que envolvam a arte como experimento estético, um artefato cultural, problematizador, mediador de diálogo, ações, descobertas, capaz de produzir um olhar mais sensível sobre o outro, em um mundo cada vez mais plural, habitado, elaborado por diferentes pessoas, apresenta-se como uma relevante manifestação cultural para o campo educativo. Para Candau e Moreira (2003, p.160),

No cruzamento, conflitos e diálogos entre diferentes culturas. (...) Tal perspectiva exige que desenvolvemos um novo olhar, uma nova postura, e que estejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo escolar, bem como de reinventar a escola, reconhecendo o que a especifica, identifica e distingue de outros espaços de socialização: a “medição reflexiva” que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus autores.

A definição de cultura como um conjunto de tudo aquilo que a humanidade produz – no campo artístico, filosófico, científico – nos parece pouco complexo para designar a riqueza, a complexibilidade que envolve o ato criativo. Essa conceituação parece delimitar e singularizar as múltiplas manifestações da criação humana, nos fazendo correr o risco de rejeitar o que se mostra fora do “modelo”, que alguns defendem como “convencional”, postura que impede novas possibilidades de criação e inovação, o próprio exercício da criatividade.

Sendo a educação formal desenvolvida no espaço escolar, um campo que agrega múltiplos olhares e distintas histórias de vida, como importante código cultural capaz de fomentar o diálogo, uma linguagem que potencializa a criação de novas ideias, novas ações, atitudes, também pode colaborar com a estruturação de vivências escolares mais sensíveis e democráticas.

Por isso é considerável destacar que a proposta de fruição da arte supera a perspectiva utilitarista, sendo percebido como procedimento, instrumento didático. Na nossa compreensão, arte vai muito além da condição de mediadora da aprendizagem, ela leva os sujeitos a alcançarem percepções de mundo que, por outros dispositivos humanos, seria inviável ou pouco provável, algo que fica claro nas narrativas dos professores de História. Na narrativa do professor Vicente (2019), identificamos:

“A arte é muito mais que auxílio didático, com ela eu volto a ser criança de novo e quando eu te digo volto a ser criança não é no sentido pejorativo da coisa, infantilidade, imaturidade, não é isso. É poder colocar para fora de mim aquilo que eu não conseguia por conta das circunstâncias da vida, sempre acelerada e cheia de cobranças, pois a gente cresce, fica adulto e se esquece do melhor que a gente tem. Então, ela me ajuda a manifestar os melhores sentimentos. Me torna mais sensível e eu acho que isso são qualidades que todo educador precisa ter, você precisa sentir com as pessoas. Eu não tenho medo de fazer isso na sala de aula e nem vergonha nenhuma porque isso tanto nas minhas experiências pessoais, tanto nas que já tive em sala de aula com meus alunos extrai o melhor deles”.

Nessa mesma trilha ouvimos do professor Robson (2019) que a arte faz parte do seu ser:

“Eu sou a arte e a arte sou eu [...] Eu faço o que gosto e junto isso, como trabalho, no caso, como uma ferramenta pedagógica, mas porque isso me integra como pessoa.” Mais que mediação didática, mais que entretenimento ou técnica de ensino com aspecto utilitários, a arte forma sujeitos, iminentemente humanos”.

Apesar da utilização de um termo técnico, “ferramenta pedagógica” para se referir ao trabalho realizado com arte em sala de aula, há na narrativa do mesmo professor o reconhecimento de que arte faz parte do seu ser e que ela é capaz de formar pessoas mais humanas. Compreendemos o uso dos termos como resultado de uma educação, tanto formal quanto informal, que nos mostra a arte como mero acessório, nos levando a ter certos vícios e linguagem.

Por via dessas percepções, reiteramos a importância de se valorizar as múltiplas manifestações culturais por meio da arte, uma relevante chave cultural, apresentada, apreciada por nossos educandos, tanto na Educação Superior quanto no Ensino Básico, reconhecendo que a pluralidade existente na escola apresenta potencialidades educativas latentes, de valorização tanto da coletividade quanto das subjetividades das pessoas envolvidas no processo.

Refletir sobre a necessidade de um currículo que valorize a diversidade, o diálogo, os aspectos metodológicos, considerando arte como chave de experimento estético capaz de suscitar potencialidades criativas, variadas, despertando a autonomia em nossos educandos, com os nossos educandos constitui um construto coletivo, consciente da diversidade e das diferenças que agrega.

A arte como propositora de encontros desperta novas potências de agir e estar no mundo. Ao tratar da proposição artística, Duenha (2014, p.4) assevera:

Parece possível almejar uma proposição artística com potencial de afetar o outro, mas alguns aspectos deverão de ser considerados neste contexto, um deles diz respeito ao para (ou com) quem se faz/vive a proposição artística, o que está bastante vinculado a questões socioculturais, e à recepção individual de cada sujeito; outro aspecto se trata de particularidades de cada campo da produção artística, levando em conta seus modos de fazer, que também passam pelas referências do artista (...). Há outros dados determinantes dos efeitos dos encontros que não são passíveis de previsão como a possibilidade de sermos constantemente influenciados pelo aqui-agora. Esses dados do aqui-agora, somados ao modo subjetivo que cada espectador processará a experiência, mantém a arte da presença em um terreno instável, de latência, e ávido de movimento.

O que a autora denomina de espectador, nessa pesquisa, por sua natureza e por ligar ao campo da educação e formação de professor, nós chamamos de fruidor, pessoas que fazem experimentos estéticos ao longo da vida. Não se pode prever os afetos gerados, mas há um encontro que se instala e faz um convite ao sentir. Mais uma vez a narrativa do professor Patativa (2019) segue esse caminho reflexivo:

“Acredito que dentro da sala de aula o professor de História vai ser essa pessoa que tem uma consciência artística, uma consciência cultural que possa repassar aos seus alunos. O professor não precisa ser meramente transmissora de conteúdo, as escolas exigem que a gente passe o conteúdo, mas tem que buscar nem que sejam alguns minutos em algum momento da aula para valorizar isso, pra falar sobre isso”.

O professor faz referência à valorização da cultura local, destaca que pra juventude gostar de arte é preciso que as linguagens da arte sejam apresentadas por alguém.

Na busca desse ressignificar, a arte se mostra como elemento potencializador da criação, da curiosidade, da descoberta e do respeito pelas diferenças. O tipo de sociedade, o tipo de conhecimento (currículo) e a própria configuração dos processos de ensino (formas e organização, didática, método, teorias) precisam ser concernentes a esse propósito. De acordo com Couto e Guimarães (2003, p.8),

Faz-se necessário, pois, pensar o multicultural para além da diversidade cultural, pensar ainda que as diferenças têm que existir nas suas riquezas, pois não há grupos homogêneos, há diferenças dentro dos próprios grupos. Também decorre disso que o multicultural se manifesta num mundo onde a hegemonia não desapareceu, neste sentido é premente a necessidade de desafiar a construção das culturas dominantes.

Optar por um determinado tipo de cultura em detrimento de outra é também optar por desamparar culturalmente, cognitivamente e afetivamente boa parte da população escolar, algo que deve ser pensado, trabalhado nos procedimentos de formação dos professores em momento de formação inicial e contínua, com o intuito de não permitir a precarização desse processo formativo. A escolha de um tipo de cultura com predomínio sobre outra, leva à criação de uma classe de “privilegiados” (SACRISTÁN, 2000, p. 65).

No mesmo sentido, apontando para um currículo multicultural crítico, Maclaren (1997, p. 216), afirma:

[...] o currículo representa muito mais que do que um programa de estudos, um texto em sala de aula ou o vocabulário de um curso. Mais do que isso, ele representa a introdução de uma forma particular de vida; ele serve, em parte, para preparar os estudantes para posições dominantes ou subordinadas na sociedade existente. O currículo favorece certas formas de conhecimento sobre outras, e afirma os sonhos, desejos e valores de grupos seletos de estudantes sobre outros grupos, com frequência discriminando certos grupos raciais, de classe ou gênero.

Nesse aspecto, há uma crescente necessidade de se reinventar os espaços educativos e os dispositivos legais que lhes dão sustentação, para possibilitar aos sujeitos da docência outros modos de aprendizagem e enriquecimento de cultura.

Considerando o que afirma Snyder (1988, p.68), “a cultura não é uma soma de conhecimento ou um conjunto de obras a se admirar, mais que isso, é ao mesmo tempo conhecer e reconhecer um novo modo de vida em busca de se construir novos modos de vida”, que não fica de fora o processo a nossa composição de professores de História que atuam tanto no ensino básico, quanto na educação superior.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: VIDA, ARTE, PROFISSÃO PROFESSOR, NOTAS REFLEXIVAS

Penso que não há nada mais artístico do que amar verdadeiramente as pessoas (Vicente Van Gogh).

Começar a escrita de um texto é um desafio! Concluir, igualmente. Depois que as palavras se arrumam, as ideias ganham forma, adquirem uma certa autonomia, bailam sobre o papel, passam a cantar o dia todo em nossos pensamentos. Nesse ritmo, me redescobri como pessoa, professora e agora pesquisadora de histórias de vidas que transitam, atuam na docência. Cada enredo, cada fala, cada lugar descrito, cada emoção, um afeto que me fez pensar nas peças de vidas compostas por pessoas que tomaram para si a tarefa de educar outros seres, de guiá-los pelo grande palco da história.

Por isso, colocar o ponto conclusivo nessa trama é mais desafiador ainda, sobretudo, pela importância que possuem as palavras em grandeza e capacidade simbólica, tal qual diz o poeta (NERUDA, 2009, p. 16), prosterno-me diante delas:

[...] Amo tanto as palavras ... As inesperadas ... As que avidamente a gente espera, espreita até que de repente caem ... Vocábulo amado. ... Brilham como pedras coloridas, saltam como peixes de prata, são espuma, fio, metal, orvalho ... Persigo algumas palavras ... São tão belas que quero colocá-las todas em meu poema ... Agarro-as no voo, quando vão zumbindo, e capturo-as, limpo-as, aparo-as, preparo-me diante do prato, sinto-as cristalinas, vibrantes, ebúrneas, vegetais, oleosas, como frutas, como algas, como ágatas, como azeitonas ... E então as revolvo, agito-as, bebo-as, sugo-as, trituro-as, adorno-as, liberto-as ... Deixo-as como estalactites em meu poema; como pedacinhos de madeira polida, como carvão, como restos de naufrágio, presentes da onda ... Tudo está na palavra ... Uma ideia inteira muda porque uma palavra mudou de lugar ou porque outra se sentou como uma rainha dentro de uma frase que não a esperava e que a obedeceu ... Têm sombra, transparência, peso, plumas, pêlos, têm tudo o que se lhes foi agregando de tanto vagar pelo rio, de tanto transmigrar de pátria, de tanto ser raízes ... São antiquíssimas e recentíssimas. Vivem no féretro escondido e na flor apenas desabrochada ... Que bom idioma o meu, que boa língua herdamos dos conquistadores torvos [...] Como pedrinhas, as palavras luminosas que permaneceram aqui resplandecentes... o idioma. Saímos perdendo... Saímos ganhando... Levaram o ouro e nos deixaram o ouro... Levaram tudo e nos deixaram tudo... Deixaram-nos as palavras.

Mesmo amando-as é chegada à ocasião de encerrar, nesse dado momento, as palavras no papel, mesmo com a insistência e força que elas carregam, em dizer

mais e mais, de defender nossas ideias, divulgar sonhos e resultados de nossos achados.

Assim como Neruda, sou apaixonada pelas palavras e sei que em outra ocasião, em outros estudos, elas voltarão a divulgar resultados de outras pesquisas. Cada uma delas aqui escrita encontra-se envolvida em uma dança de significados. Vamos aproveitar a força desses signos para tratar desta nota (in)conclusiva.

Sobre a presente tese, afirmamos que ela trata de algo que, para os utilitaristas, pode não parecer relevante. Eles precisam de coisas e, por vezes e por isso, misturam-se às coisas. Para entender esse trabalho é preciso também mobilizar sentidos para ganhar aproximação de um reconhecimento da arte, como algo importante para o processo de desenvolvimento docente. É preciso ter percebido, de forma consciente, no próprio corpo, por meio de sentidos, as benesses da beleza.

Sob essa plataforma, posso afirmar que nos últimos anos tenho pensado sobre a presença da arte na formação de professores, que são também, no caso das licenciaturas, formadores de formadores. Tenho pensado ainda, no papel que a arte desempenha na minha vida, nas minhas aprendizagens e no meu modo de ser e estar no mundo. Como atuo diretamente na formação de futuros docentes, algumas reflexões se estruturaram por meio das seguintes indagações: Que experiências em arte contribuíram para a formação cultural de professores de História? Quais vivências artístico-culturais foram/são oportunizadas a estes sujeitos, nos lugares em que estes vivem e atuam como docentes?

Na busca de elucidar tais questões, buscamos reunir narrativas de vida de professores de história, tentando registrar as experiências/afecções de beleza, em diversos tempos e espaços na composição da identidade profissional de professores de História que atuam na microrregião de Picos-PI.

Nessa busca carregava algumas hipóteses, quais sejam: os docentes que tiveram, têm acesso à arte como modo de ação e fruição, constituindo-se como uma real experiência estética, afetados pela beleza, ganham potencialidades formativas singulares para o exercício da docência. Outra hipótese: a oportunidade de vivenciar experiências estéticas é uma forma de crescimento e valorização dessa formação, algo que também deve ser oportunizado pelo Estado.

Ao ouvir/registrar as narrativas expostas e nos nutrir com estudos sobre experiência, formação de desenvolvimento docente, sobretudo no campo da

História, de refletir sobre a formação de nossos colaboradores e sobre a minha própria formação, passamos a acreditar ainda mais, tanto nas potencialidades das linguagens da arte, como mecanismo de contribuição para formação de professores, como também na pesquisa narrativa como caminho metodológico de investigação e formação dos colaboradores envolvidos.

A pesquisa narrativa é rica em propor momentos reflexivos que geram aprendizados e descobertas que levam as pessoas a assumirem novas posturas diante da profissão e da vida como um todo. A experiência, quando refletida, valorizada, é motor permanente de autoconhecimento e crescimento pessoal e coletivo.

A partir dos estudos realizados, reconhecemos a complexibilidade que envolve o desenvolvimento profissional do professor, reconhecemos ainda que a formação do professor de História envolve, além dos fatores pedagógicos, didáticos e curriculares, o contexto político e sociocultural.

No processo de desenvolvimento que envolve a formação do professor, estarão presentes várias dimensões da composição identitária, dentre elas acreditamos também na divulgação/reconstrução das linguagens da arte como artefato formativo, que é também um modo de preservação da memória histórica, bem como as narrativas que insistem na luta contra o monopólio de uma história universal, que, por vezes, deixa subsumida a experiência e sua beleza coletiva, no processo de composição cultural da docência.

O conceito de composição cultural defendida nesse trabalho, busca superar a dicotomia cultura popular e cultura elaborada, reconhecendo que não há superioridade de uma em relação a outra, mas diferenças que geram e revelam ricas variações da criatividade humana, algo que potencializa positivamente nossa existência. Poder contemplar os folguedos nordestinos, o artesanato, costumes e ritmos, cientes de que essas manifestações não são mais, nem menos importantes que saber da obra de Portinari, Van Gogh ou ter acesso a alegria da arte literária de Victor Hugo, Cervantes, Machado de Assis ou Lispector.

São esses elementos que são capazes de contribuir com uma composição mais significativa da docência. O cinema, a música, a dança, a poesia, a literatura etc são modos estéticos de enriquecimento cultural, caminhos que guiados, por quem gosta e foi ensinado a apreciar, entender, valorizar, multiplicar no sentido de ampliar bons ciclos, pode abrigar uma dimensão formativa única e válida. Para tanto

há de se criar espaços, organismos que provoquem esse nutrir cultural. Nas palavras de Snyder (1974, p.220):

Para ensinar latim a João, todos sabem hoje que é indispensável conhecer o latim e o João. Mas mais ainda: é preciso saber por que é que se deseja que João aprenda latim, como é que a aprendizagem do latim o irá ajudar a situar-se no mundo de hoje. Numa palavra, quais são os fins visados pela educação.

Consideramos, a partir desse estudo, que é preciso legitimar, reconhecer os aspectos formativos da arte e das narrativas de vida na composição da identidade e do desenvolvimento profissional do professor. Reconhecer a experiência e os saberes das experiências nessa composição, no que diz respeito às experiências com a arte, proporciona uma afetação propositiva. A formação dos educandos que partilham desse processo de educação formal, gerando os bons encontros, propicia a potência do agir tendo a latente possibilidade da alegria.

Ao escutar, registrar e refletir sobre as narrativas de professores de História, confirmamos nossas hipóteses iniciais de que a arte esteve presente no decorrer das vidas vividas, de várias formas. A intensidade do afeto ocorrido, em alguns mais e em outros menos, se desdobram com a mesma força e sensibilidade no desempenho da docência, na fala, no gesto, na visão de mundo, nas propostas didáticas. Não há separação da pessoa afetada pela arte, da pessoa que estudou para ser professor de História.

Em cada narrativa, há uma composição de objetividade e emoção. A articulação dialética do conhecimento configura-se como diversos saberes que são mobilizados, criados ao longo da vida. Nesse trabalho, a experiência ganha ênfase a partir do seu potencial formativo, tomando como referência o diálogo regulado por Espinoza (2009) e Benjamin (2012), advogamos que as vivências sociais e pessoais afetam, impactam o processo formativo, não podendo deixar de ser percebido, refletido, estudado na busca da compreensão da composição da identidade docente, cientes de que essas experiências nos compõem, nos formam, nos identificam e, portanto, estabelecem a base para novas vivências, aprendizagens e desenvolvimento.

Junto com Guimarães (2008, p.110), defendemos “a permanente reconstrução dos saberes e das práticas docentes. Saberes múltiplos em sintonia com o vivido.”

A partir desse permanente processo, alcançamos o que estamos denominando de composição, ou seja, as diversas vivências em suas complexidades, que são algo que se traduz nas palavras de Nóvoa (2002, p 27), que trata, dentre tantos aspectos, sobre a disposição resoluta de se pensar e agir em direção a uma formação docente que responda às questões educacionais do nosso tempo:

[...] tem uma dimensão teórica, mas não é só teórico; tem uma dimensão prática, mas não é apenas prático; tem uma dimensão experiencial, mas não é unicamente produto da experiência. Estamos perante um conjunto de saberes, de competências e de atitudes mais (e esse mais é essencial) a sua mobilização numa determinada acção educativa. Há um certo consenso quanto à importância deste conhecimento, mas há também uma enorme dificuldade na sua formalização e conceptualização. Ponho como hipótese de trabalho que ele depende de uma reflexão prática e deliberativa.

No processo de investigação, compreendemos que não é suficiente oferecer cursos, atividades de formação continuada, oportunidades válidas para o desenvolvimento e aprendizagem do professor de História. Faz-se também necessário, para essa composição, criar condições de acesso e preparação dos sentidos, o contato com outras linguagens, notadamente a arte, pois assim os professores alargam seu horizonte cultural e (re)criam possibilidades distintas de multiplicação desse enriquecimento de cultura.

Por fim, pensar sobre vida, arte e docência na área do ensino de História nessas notas reflexivas despertam em mim a percepção de que a arte é um importante artefato da composição cultural docente, compondo suas ideias, sentimentos e influências, marcando suas ações profissionais. É um modo de afeto que potencializa o saber e fazer pedagógico, linguagens que se somam, incrementam o ensino, a aprendizagem, a formação docente, discente, a formação/existência humana. Ela é um outro modo de saber, portanto não se opõe ao que é científico, carrega consigo ricas possibilidades de enriquecimento da existência humana. Nas palavras de Guimarães (2003, p.244):

Acreditamos que o professor de História não opera no vazio, os saberes históricos, os valores culturais e políticos são transmitidos e reconstruídos na escola por sujeitos históricos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores atitudes e comportamentos adquiridos em vários espaços.

Neste aspecto, “A relação entre ensino e aprendizagem deve ser um convite e ao mesmo tempo um desafio que envolve teoria e prática, política, história e cotidiano, vida e arte” (IBIDEM). Para tanto a autora aponta como caminho a inovação de nossas práticas docentes, dentro e fora da escola, ciente de que é preciso ultrapassar a força da concepção tradicional de prática do ensino de história. Juntas, advogamos pela consciente articulação: conhecimento/reflexão, descoberta/elaboração/reelaboração crítica e criativa

Sendo a escola e a universidade lugares de encontros, achados e descobertas, espaços de exercício da criatividade, das aprendizagens e alegrias, lugar de pessoas, lugar de se aprender a cuidar, de se fazer o melhor para e pela existência humana, podemos dizer também que educar acaba por ser um modo de amar. Como afirmou o artista de noite estrelada e dos múltiplos girassóis, na abertura dessas notas que continuarão tocando outras mentes e corações: “nada mais artístico que amar as pessoas”, sobretudo em tempos de pouca valorização da experiência e dos afetos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos, 2011.

Alberti, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004

AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 215-224.

APPLE, M. W. **Ideologia e Currículo**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ARROYO, Miguel. **Profissão de mestre**. São Paulo: Cortez, 2004.

BERGMANN, K. A história na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 29-42, fev. 1990. DOI: 10.5433/2238-3018.2013v19n1p27

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas, v. 1).

_____. Experiência e Pobreza. In: Obras Escolhidas I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 2012.

BOTÍA, Antonio Bolívar. "¿De nobis ipsis silemus?": Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **REDIE - Revista Electrónica de Investigación Educativa**. México: Universidad Autónoma de Baja California, vol. 4, nº 1, mayo, p. 40-65, 2002.

BARBOSA, A. M. **Por que e como: arte na educação**. In: MEDEIROS, Maria Beatriz (Org). **Arte em Pesquisa**. ANPAP, Brasília, 2004. p.48-51.

_____. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1998. 198 p, il. (Arte E ensino).

_____. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, Assessoria de Comunicação Social. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. – Brasília: MEC, ACS, 2004.

BRASIL. **IBGE**. Censo Demográfico, 2016. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 março. 2018.

Ministério da educação. **Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno, Resolução N° 2**, de 1º DE Julho de 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file> Acesso em 04/07/2019

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 5 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007

Castro, Chico. **A Coluna Prestes no Piauí: (a república do vintém)** / Chico Castro. — v. 90 Brasília: Edições do Senado Federal; 2008.

CHARTIER, Roger. Introdução. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa** — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2 Ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. In: LARROSA, J. (Org.). **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona, E: Laertes, 1995.p.11-51.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010> Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&p Acesso em: dez. 2016.

DAY, C. **Desenvolvimento profissional de professores**. Porto: Porto Editora, 2001.

DUARTE JR., J. F. **Fundamentos estéticos da educação**.5. ed. São Paulo: Papyrus, 1998.

_____ **o que é beleza?** Editora Brasiliense.1986.

_____, **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Tese de Doutorado UNICAMP: Campinas SP .2003

_____, **Por que arte-educação?** 9. ed. São Paulo: Papyrus, 1994

DUARTE, Renato. **Picos: verdes anos cinquenta**. Recife: Nordeste, 1995

DUENHA, Milene Lopes. A potência transformativa dos encontros: Presença partilhada nos des-territórios da arte. **VIII Congresso da ABRACE –UFMG** Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://portalabrace.org/viii-congresso/resumos/territorios/DUENHA%20Milene%20Lopes.pdf>. Acesso em 17 de março de 2018.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

ECO, U. **A literatura contra o efêmero**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 fev. 2001, Caderno “Mais” Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/02/2001021801.html> Acesso 05 de fevereiro de 2017.

FARINA, C. Políticas sensíveis do corpo docente: arte e filosofia na formação continuada de professores. **Thema**, Pelotas: IFSUL, v. 1, n. 7, p. 1-13, 2010. <http://dx.doi.org/10.15536>

FAVARETTO, C. Arte contemporânea e educação. **Revista Ibero-americana de Educación**, [S.l.]: Organização de Estudos Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, n. 53, p. 225-235, 2010.

DOI: <https://doi.org/10.35362/rie8113518>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____ **Educação e Mudança** Paz e São Paulo: Paz e Terra 2007

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

FORQUIN, J. Claude. **Escola e Cultura: a sociologia do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GATTI, Bernadete. Enfrentando o desafio da escola: princípios e diretrizes para a ação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: n. 85, p. 5-10, maio, 1993.

GANDAR, Gercinair Silvério. Teresina: a Capital sonhada do Brasil Oitocentista **Revista História** v.30, n.1, p.90-113, jan/jun. São Paulo 2011 <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742011000100005>

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 63-7.

GAUDENCIO, Jessica da *Niède Guidon*: a cientista brasileira responsável pelo tesouro arqueológico nacional **Revista História da Ciência e Ensino**, construindo interfaces **Volume 18 (especial), 2018 – pp. 76-87**.

GUIMARÃES, S. G., COUTO, R. C. do. **A formação de professores de História no Brasil: perspectivas desafiadoras do nosso tempo**. In: ZAMBONI, Ernesta; GUIMARÃES, Selva. (Org.). **Espaços de formação do professor de História**. Campinas: Papyrus, 2008, p. 101-130.

GUIMARÃES, S. **Didática e prática de ensino de História**: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003

_____. **Ser Professor no Brasil: história oral de vida**, Campinas SP, Papirus 1997.

_____. **Didática & Prática de Ensino de História**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2012

_____. **A Constituição de Saberes Pedagógico na Formação Inicial do Professor para o Ensino de História na Educação Básica –In: V Encontro Nacional “Perspectivas do Ensino de História–sujeitos, saberes e práticas”**, realizado no Rio de Janeiro 2004 Disponível em: <http://ojs.fe.unicamp.br/index.php/FEH/article/download>. Acesso em 17 de março de 2018.

_____, Selva. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33 – 2010 <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882010000200002>.

IMBERNÓN Francisco. **Formação continuada de professores** / Francisco Imbernón; tradução Juliana dos Santos Padilha. – Porto Alegre: Artmed, 2010. 120 p.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão & Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011.
DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>

_____. Literatura, **Experiência e formação**. In: COSTA, M. V. Caminhos investigativos – novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002. 2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. 5 ed. Campinas, Unicamp, 2003.

MARQUES, Eliane de Sousa Alencar. Perejivánie (Vivência), Afetos e Sentidos na obra de Vygotsky e na Pesquisa em Educação. **XIII EDUCERE** Curitiba, 2017. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23177_13444.pdf Acesso em 20 de fevereiro de 2018.

MARTINS, M.C.R. **Um estatuto da cidadania no contexto da crise estrutural do capital e a (de)formação dos chamados infratores/** dissertação de mestrado em Educação Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza;2010.

_____ Luz nos caminhos dos sertões In: **Crateús 100 anos**, Academia de Letras de Crateús Fortaleza, Expressões Gráfica e Editora 2012.

_____ **Maria de Amor e Verdade**, Livro de poemas não publicado- Crateús, 2002.

MARTINS, Mirian C. F. Dias. **“Arte, só na aula de arte?”**. *Revista Educação*. Porto alegre. V.34 n 3, p.311-316, set/dez. 2011.

MITROVITCH, Caroline. **Experiência e formação em Walter Benjamin**. 2007. 128 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/92327>> Acesso em 10 de Jan 2019.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 4. Ed. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG. 2005.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MESQUITA, Ilka Miglio de; Guimarães. Selva Formação de professores de história: experiências, olhares e possibilidades. **História Unisinos**, v. 10, n. 3, p. 333-343, set./dez. 2006.

_____, José Calos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MITROVITCH, Caroline **Experiência e formação em Walter Benjamin**, Tese (Doutorado em educação) – UNESP- Presidente Prudente, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. - 8a ed.-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2003

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

_____ (Org.) **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995a.

_____. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.) **Os professores e a sua formação**. 3. ed. Porto: Publicações Dom Quixote, 1995b

_____. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cad. Pesquisa**. [Online]. 2017, vol.47, n.166, pp.1106-1133. ISSN 0100-1574 Fonte: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100...lng=pt&nrm. Acesso em 10 de janeiro de 2019

NOGUEIRA, Monique Andries. **A formação cultural de professores ou a arte da fuga**. Goiânia: Editora da UFG, 2008.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. V. 1. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Glossário. In: MOROSINI, Marília (org.). **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Porto Alegre, RS: FAPERGS/ RIES, 2003.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**. Coleção Grandes clássicos do século XX – Tradução Arsênio Mota. Ed.: Europa – América: 2009.

PASSEGGI, M.C. Injunção Institucional e sedução autobiográfica: as faces auto poéticas e avaliativa dos memoriais, In: BARBOSA, T. M. N.; PASSEGGI, M.C. (Org.). **Memorial acadêmico: gênero, injunção institucional, sedução autobiográfica**. Natal: EDUFRN, 2011.p.21-35.

PAULINO, Maria Ângela Silveira. A Pesquisa qualitativa e a História de Vida. **SERV. SOC. REV.**, V. 2, N. 2, P.135-148, LONDRINA JUL./DEZ. 1999.

PIAUI- Governo do estado do Piauí, Picos - a cidade Modelo
<http://www.pi.gov.br/materia/conheca-o-piaui/picos-a-cidade-modelo-1487.html>
Acesso em 2 de setembro de 2019

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Revista: Educação e Pesquisa**.v.31 n.3. São Paulo set./dez. 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000300013>

PEREIRA, J. C. **Educação e cultura no pensamento de Franz Boas**, 2011 - Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/download/13903/10227>
Acesso em 9 de março de 2018.

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 47ª reimpressão. São Paulo, Brasiliense, 2006.

PICOS, **Projeto de Lei Plano Plurianual – PPA- 2014/2017** da administração municipal- Picos-PI 2013- Disponível em: www.picos.pi.gov.br/wp-
ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História 15**. Ética e História Oral, abril/1997

REIS, Pedro Rocha dos; AS NARRATIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E NA INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Revista eletrônica Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 17-34, jan./dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.14572/nuances.v15i16.174>

SACRISTÁN, José Gimeno. Tendência investigativa na formação professor. **Revista Inter-Ação: Fac. Educ. UFG**, 27 (2): 1-54, jul./dez. 2002.
DOI: <https://doi.org/10.5216/ia.v25i1.1697>

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2014.

SILVA, M. A. Além das coisas e do imediato: cultura material, história imediata e ensino de História. Tempo. **Revista do Departamento de História da UFF**, v. 21, p. 93-107, 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042006000200007>.

SILVA, Marcos Antonio da; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas: Papyrus, 2007.

_____. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, n. 60, p. 13-33, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882010000200002>.

SEVERO, J. L. R. Formação e Profissionalidade Docente: A Pedagogia como Base de Saberes e Competências do Professor. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 2, p. 261-279, Mai./Ago. 2016. <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>.

SOUZA, Elizeu Clementino. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em questão** V. 25 Número 11, jan./abril .2006 Disponível em: www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdfs/v25n11.pdf Acesso em 22 de julho de 2016.

SOUZA, Jane Bezerra de. **Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX: a história de vida de Nevinha Santos**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

_____. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** Tradução de Maria José do Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Pedagogia Progressista**. Coimbra: Almedina, 1974.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação. **Educação e Pesquisa [online]**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, set./dez. 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022006000300013>.

SPINOZA, Beneditus, **Ética / Spinoza**; [tradução de Tomaz Tadeu]. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2008.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

PEREIRA, Marcos V. Educação e arte: a consolidação de um campo interminável. **Revista Digital do LAV [enlinea]** 2010, DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/198373482205>

VYGOTSKY, L. **Psicologia da Arte**. São Paulo, Martins fonte 1999.

VILHENA, Gustavo Henrique, Os fazedores de Cidade – **Uma História da mudança da capital no Piauí (1800-1852)**. Tese de doutorado e História _Universidade Federal de Pernambuco- Recife, 2016

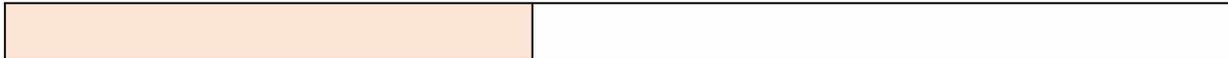
Portal G1- Quadro Riquezas do Piauí destaca exportação de mel para outros países- Piauí TV Clube – exibido em 12 de maio de 2016 2016

Disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/05/quadro-riquezas-do-piaui-destaca-exportacao-de-mel-para-outros-paises.html> Acesso em 13 de abril de 2018

PIAUÍ. **Governo do Estado do Piauí**. Disponível em:
<http://www.pi.gov.br/piaui.php?id=1> Acesso em 14 de maio de 2018

APÊNDICE A	CONVITE AOS COLABORADORES DA PESQUISA
APÊNDICE B	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO
APÊNDICE C	ROTEIRO DA ENTREVISTA

APÊNDICES



Convite

Caro(a) professor(a),

_____, é com satisfação que convido **V.S.^a** a participar como depoente colaborador(a) da pesquisa intitulada **VIDA E ARTE: ACORDES NARRATIVOS DA COMPOSIÇÃO CULTURAL DE PROFESSORES DE HISTÓRIA**, que objetiva capturar e registrar as experiências estéticas, vivenciadas nos diversos tempos e espaços, na construção da identidade profissional de professores de História na Micro região de Picos-PI, que nesse trabalho é denominado de *composição cultural*.

Para tanto, desejamos ter a alegria, munida de responsabilidade, de conhecer sua narrativa de vida, diversos detalhes das vivências que envolvem a presença da arte em seu construto formativo pessoal e profissional.

Esclareço que a referida pesquisa faz parte de meus estudos em nível de doutoramento, junto ao Programa de Pós Graduação (PPGE), da **UNIVERSIDADE**

FEDERAL DE UBERLÂNDIA, integrando a Linha de Saberes e Práticas Educativas
– sob a orientação da professora doutora **Selva Guimarães**.

Maria da Conceição Rodrigues Martins



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd
DOUTORADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

**PESQUISA: VIDA E ARTE: ACORDES PARA A COMPOSIÇÃO CULTURAL DE
PROFESSORES DE HISTÓRIA**

PROPONENTE: MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES MARTINS

ORIENTADORA: PROFESSORA DRA. SELVA GUIMARÃES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____
_____ Estado Civil _____ RG

nº _____,

endereço

domiciliar _____

_____, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado: **VIDA E ARTE: ACORDES PARA UMA COMPOSIÇÃO CULTURAL DE PROFESSOR DE HISTÓRIA**, que objetiva Capturar e registrar como as experiências estéticas, vivenciadas nos diversos tempos e espaços, afetam⁶⁷ a construção da identidade profissional de professores de História na Micro região de Picos-PI.

Estou ciente que a partir deste consentimento, não posso esperar nenhum tipo de benefício material ou gratificação, mas o de contribuir com a pesquisa referente a formação dos professores de História na Micro região de Picos-PI.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder entrevista sobre minha história de vida com foco na minha formação cultural, notadamente, a presença da arte nesse construto formativo.

A pesquisadora envolvida com a referida investigação trata-se de **Maria da Conceição Rodrigues Martins**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UFU no curso de Doutorado em Educação, sob a orientação da professora Dra. **Selva Guimarães**.

Com a pesquisadora poderei manter contato pelo telefone (89) 99835491 e e-mail: **flordemariar@outlook**,

Por fim, afirmo ter sido tendo sido orientado(a) sobre a natureza e o objetivo do referido estudo, bem como o processo metodológico que envolve a pesquisa, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar, por minha participação. Declaro ainda que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Picos, Piauí, _____ de _____ 2019.

⁶⁷O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor. (SPINOZA 2009 p.50,51).

Nome e assinatura do professor colaborador

Nome e assinatura do pesquisador responsável

ROTEIRO DE ENTREVISTA

DATA DA ENTREVISTA: _____

LUGAR ESCOLHIDO PELO PROFESSOR (A)

DURAÇÃO DA ENTREVISTA: _____

DADOS/INFORMAÇÕES PESSOAIS

NOME COMPLETO: _____

DATA DE NASCIMENTO _____

SEXO () M () F

Formação acadêmica _____

Professor de História desde quando _____

ESTADO CIVIL

TEM FILHOS? _____ QUANTOS? _____

Contatos:

Email _____

Telefone _____ Watsap _____

CODINOME ESCOLHIDO PELO PROFESSOR COLABORADOR

2. Arte e gostos pessoais

2.1. Você gosta de arte? Como ela te afeta (toca, comove)?

2.2. Desde quando ela se faz presente em seu cotidiano?

- ✓ **Infância**
- ✓ **Escola**
- ✓ **Família**

2.3. Tem alguém, em especial, que influenciou os seus gostos nos campo da arte?

2.4. Quais manifestações artísticas você mais usufrui no cotidiano?

2.5. Que artista ou arte tem influência sobre sua formação?

3. Arte e a relação com o seu lugar

3.1. O seu lugar, o lugar onde você nasceu, cresceu, estudou, possibilitou acesso a manifestações de arte, quais?

3.2. Tem algum artista ou manifestação de arte que você deseja conhecer, apreciar de perto?

4. Arte e formação escolar

4.1. Na sua formação acadêmica, escola e universidade, houve elementos da arte durante o processo de formação?

4.2. Você acredita que há influências de suas experiências estéticas pessoais em suas ações profissionais?

4.3. É possível ensinar história sem considerar aspectos da arte como criação humana?

4.4. Que manifestações de arte marcam presença em suas aulas?

4.5. A experiência estética faz de você um melhor professor? Em que sentido?